

Meu reino por um amor

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland – Vol. 14

Título original: “**The Power And The Prince**”

Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1980

Tradução: Lujan Cavalcante Stein

Copyright para a língua portuguesa: 1981

EDITORA EDIBOLSO LTDA. — São Paulo

Uma empresa do GRUPO ABRE.

Composto na LINOART

e impresso nas oficinas da

ABRBL S. A. CULTURAL E INDUSTRIAL



*Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.*

Disponibilização: MANA

Digitalização: Palas Atenéia

Revisão: Cynthia





Ninguém podia acreditar! Charlotte recusou o pedido de casamento de Ivan, um príncipe russo, riquíssimo, desejado por todas as mulheres da Europa! Por que ela havia desprezado um homem com tal fascínio e que lhe prometia todas as delícias do amor em seu fabuloso castelo? E o medo de morar com o príncipe era tanto, que Charlotte praticamente jogou Alana, sua melhor amiga, nos braços de Ivan, para escapar daquele matrimônio. Mas o príncipe era um homem ativo e poderoso: preparou uma armadilha em seu castelo para conseguir, à força, o amor da mulher que ele desejava!

BARBARA CARTLAND é a autora romântica mais conhecida e lida em todo o mundo. Seu jeito insuperável de juntar amor, colorido e suspense conquistou o entusiasmo de milhões de leitores. “Eu dou ao público romance, evasão, beleza, tudo o que ele secretamente procura”.

NOTA DA AUTORA

Os russos, ou melhor, a Nação eslava, durante séculos desafiou uma descrição adequada, apesar disso ter sido tentado por muitos autores. O magnetismo, a luminosa força espiritual estão ligados à exaltação dramática e aos excessos desse povo. O amor em russo vem da palavra *drouska*... a alma, geralmente uma alma sofredora.

Os camponeses russos cantam canções que falam de seus sofrimentos. Não dos sofrimentos do seu corpo, como se poderia pensar, mas do sofrimento de suas almas. Amor e dor estão tão interligados, de modo que é impossível separá-los.

Os russos misturam desespero com otimismo, projetos grandiosos com futilidades, idealismo soberbo com os excessos desordenados. Eles se tornam loucos e intoxicados com a miséria ou apaixonadamente exaltados, num êxtase, achando que estão unidos com Deus.

A grande mudança durante o reinado do czar Alexander II, depois da libertação dos servos, foi a “redução da atuação” da polícia secreta. Sob o reinado do seu predecessor, o tirânico czar Nicolau I — o mais alarmante soberano da Europa —, as universidades foram colocadas sob supervisão policial, as viagens ao exterior foram proibidas, como também os encontros públicos e soldados foram mandados para a Sibéria, por motivos menos sérios do que um botão fora do lugar.

CAPÍTULO I

1878

Lady Odele Ashford, acomodada confortavelmente na cabina individual do trem, refletiu com satisfação que logo chegaria à estação de Charl.

Ela estava encantadora, trajando um vestido de viagem muito elegante, com uma estola de pele de marta jogada nos ombros. Olhando pelo vidro da janela da cabina, via sua imagem refletida. Era exatamente igual à das fotografias que constantemente apareciam nas vitrines dos grandes magazines, retratando as maiores belezas da época.

Ela estava ainda mais radiante neste momento, porque pensava nas coisas que iam acontecer. Iria ver o príncipe Ivan novamente e, sem dúvida, mesmo que apenas por poucas horas, ficaria a sós com ele.

Sua carta havia sido bastante clara, pedindo a ela que chegasse a Charl bem cedo, antes dos demais convidados.

Ao lembrar-se de seu rosto másculo, de seus olhos escuros e apaixonados e de seu corpo atlético, lady Odele sentia o coração bater mais forte e uma sensação agradável tomava conta dela.

Fazia muito tempo que não tinha um amante tão atraente, tão eloquente e apaixonado nos momentos de amor e, acima de tudo, tão rico.

Mesmo entre os membros mais ricos e prósperos da sociedade que rodeavam o príncipe de Gales, em Marlborough House, a fortuna do príncipe Ivan era maior do que a soma da riqueza de todos eles juntos. Era isso que lady Odele ouvira, certa vez, seu marido comentar.

O fato dele tê-la escolhido entre todas as mulheres bonitas que o perseguiam insistentemente deixava-a ainda mais lisonjeada.

Príncipe Ivan havia escolhido o momento exato, ao convidá-la para passar a semana em Charl.

Ele sabia que Edward Ashford, que tinha verdadeira paixão por cavalos, iria participar da corrida em Doncaster. Sabia também que, apesar de ser bem provável que ele se juntasse à sua esposa quando as corridas terminassem, ela estaria desacompanhada durante dois ou três dias.

Que terrível segredo teria o príncipe Ivan? Qual o segredo de seu fascínio?

Lady Odele perguntou isso para si mesma pela centésima vez. Ele se destacava entre todos os jovens ingleses que ela encontrava noite após noite em Marlborough House e nas casas de sociedade onde o príncipe de Gales era constantemente homenageado em festas.

Talvez o mistério residisse em sua descendência russa, apesar dele ter também sangue inglês nas veias. Lady Odele acabou concluindo que só isso não explicava o seu fascínio.

Ivan era tão inteligente que, mesmo os mais altos estadistas se curvavam ante seus conhecimentos, quando discutiam política.

Era ouvido também com respeito sobre outros assuntos, quando falava aos homens reunidos ao seu redor no final das refeições, saboreando um vinho do Porto, depois que as damas já haviam se retirado.

Além disso, era um cavaleiro notável e seu conhecimento sobre a raça eqüina permitia-lhe vencer todas as corridas clássicas. Isso causava inveja a vários membros do Jockey Club, entre eles o marido de lady Odele.

Mas havia algo de misterioso nele, ela concluiu, algo que despertava a curiosidade das mulheres e que fazia com que tentassem descobrir a chave do seu segredo. Porém, nunca ninguém conseguiu desvendá-lo.

Não importava qual fosse o mistério que envolvia aquele homem. Lady Odele estava ansiosa para chegar a Charl.

Enquanto o trem diminuía a velocidade ela pôde ver a estação, na qual havia uma inscrição:

“PARADA EXCLUSIVA DO CASTELO CHARL”

Como lady Odele havia previsto, os criados do príncipe, com seus uniformes impecáveis, estavam à sua espera e, junto com eles, o secretário do príncipe.

Haviam colocado um tapete vermelho ao longo da plataforma e lady Odele sabia também que uma carruagem confortável estaria esperando do lado de fora para levá-la ao castelo.

O trem parou, mas ela permaneceu imóvel até que a porta fosse aberta e visse então o secretário do príncipe curvar-se à sua frente, com o chapéu nas mãos. Enquanto isso, sua criada particular surgia no corredor, segurando sua bagagem de mão.

Com um sorriso, que usava automaticamente para cativar todos os homens e mulheres que a rodeavam, lady Odele dirigiu-se para a plataforma.

— Bem-vinda a Charl, milady! — O secretário do príncipe, Sr. Brothwick, disse solenemente.

— Obrigada — lady Odele respondeu. E, com a elegância de um cisne,

seguiu pelo tapete vermelho até a entrada da estação.

Ela bem sabia que as janelas do trem estavam repletas de rostos curiosos para ver uma das mais famosas beldades da Inglaterra.

Como nunca desapontava aquilo que secretamente chamava de “seu público”, virou-se propositadamente para falar com sua criada, que a seguia a poucos passos de distância. Desse modo, aqueles que a observavam podiam admirar a sua pele alva e macia, seus olhos azuis e seus cabelos dourados.

— Você não se esqueceu de trazer meu estojo de jóias, Robinson? Aquela era, sem dúvida, uma pergunta desnecessária, pois Robinson segurava firmemente o estojo nas mãos.

— Não, milady.

Lady Odele olhou o trem, como se nunca o tivesse visto antes, e quase pôde ouvir as exclamações de admiração que sua presença provocava.

Então deixou a estação e acomodou-se na carruagem luxuosa que a esperava do lado de fora.

Charl ficava a apenas três quilômetros da estação. Lady Odele não se deu ao trabalho de olhar pela janela como faziam aqueles que viam o local pela primeira vez, deparando, de repente, com o castelo no alto da montanha. A visão de suas centenas de janelas reluzindo à luz do sol, e de sua torre imponente exibindo a bandeira do príncipe era um espetáculo deslumbrante.

Lady Odele já estivera muitas vezes em Charl tempos atrás. O castelo pertencera por mais de quatro séculos à família de lorde Charlwood. Devido à grande amizade que a unia ao proprietário, ela ficou feliz quando ele foi vendido ao príncipe Ivan, que gastou uma fortuna para redecorar o seu interior.

Apesar de ter sido difícil e penoso separar-se daquele castelo que tanto significava para a família Charlwood, o dinheiro recebido como pagamento permitia que o sexto lorde Charlwood e sua esposa continuassem levando a intensa vida social que apreciavam, sem contrair mais e mais dívidas.

Charl era um dos maiores castelos da Inglaterra e lady Odele concluiu que se tratava de uma residência perfeita para o príncipe Ivan. No passado ela sempre se perguntara por que ele nunca se preocupara em adquirir uma casa ali, no país onde sua mãe havia nascido e onde costumava passar grande parte do seu tempo.

Era verdade que ele possuía casas por toda a Europa, um *palazzo* em Veneza, um *chateau* na França, um pavilhão de caça na Hungria e uma vila em Monte Carlo, para onde lady Odele queria ser convidada para passar a próxima primavera.

Mas naquele momento ela apenas sabia que o príncipe Ivan tinha planejado realizar longas caçadas de faisões em Charl para entreter o príncipe de Gales.

Ela estava certa de que haveria inúmeros bailes no magnífico salão de festas. Sabia também que sua beleza atrairia a atenção de todos.

Lady Odele estava tão absorta que se surpreendeu ao notar que a carruagem já estava contornando os jardins enormes que ficavam na frente do castelo.

Deu uma rápida olhada no pequeno espelho que sempre carregava na bolsa. Viu que sua maquilagem não necessitava de retoques e que seus lábios continuavam bem pintados.

Cada vez que se movia, um exótico perfume francês exalava de seu corpo. Além disso, o ramalhete de orquídeas escarlates que estava à sua espera na carruagem e, agora, preso à estola de pele de marta, dava-lhe um toque ainda maior de elegância.

Havia seis empregados esperando-a na escadaria enquanto ela subia lentamente os degraus. O mordomo, muito cortês e educado, a aguardava no hall.

— Seja bem-vinda novamente a Charl, milady! — ele saudou-a com o mesmo tom sincero que o Sr. Brothwick havia usado. -

— Obrigada, Newton — lady Odele respondeu. — É maravilhoso estar de volta.

— Sua Alteza a espera no salão azul, lady Odeie.

Ela sorriu secretamente. Sabia que o salão azul, uma das menores salas de Charl, fazia parte dos aposentos privativos do príncipe, onde nenhum hóspede entrava, sem ser especialmente convidado.

Enquanto andava elegantemente, o seu vestido de seda farfalhava com graça. Ficou contente por ainda estar quente no mês de outubro, evitando assim que tivesse que usar uma roupa de viagem mais grossa e pesada.

O vestido de seda caía-lhe perfeitamente bem, moldando seu belo corpo. A estola dava o toque final àquela elegância e sofisticação.

Ganhara aquela manta de pele de marta de um homem riquíssimo que a amava com paixão. Mas não podia ser comparada em valor à estola e casaco de chinchila, que ela já havia premeditado ganhar do príncipe.

Quando chegou à porta do salão azul, Newton anunciou com pompa:

— Lady Odele Ashford, Sua Alteza!

O príncipe, que estava lendo um jornal, levantou-se e, nesse momento, lady Odele sentiu seu coração bater mais rápido que de costume.

Toda vez que via o príncipe, ficava emocionada. Teve a estranha sensação de que havia esquecido o quanto ele era bonito. E sabia também que aqueles olhos escuros, que tanto podiam brilhar com o fogo da paixão ou revelar o mais puro cinismo, tinham o poder de penetrar na alma das mulheres e desvendá-lhes os segredos mais íntimos.

— Ivan!

Ao dirigir-se ao príncipe, não reprimiu seu entusiasmo. Ele aproximou-se de lady Odele com a elegância dos nobres.

Beijou sua luva de acordo com as regras de etiqueta. E então, olhando-a possessivamente, tirou a luva e beijou a palma da sua mão.

Ela sentiu um tremor intenso percorrer todo o seu corpo ao contato dos lábios dele em sua pele macia. Ele a conduziu para o outro lado do aposento e sentou-se ao seu lado, no sofá perto da lareira.

— Como você está? Fez boa viagem? — ele perguntou. — Foi bem atendida por meus criados?

Sua voz era grave e sedutora. E, enquanto falava, os olhos dele percorriam o seu corpo, fixando-se em cada detalhe, no seu vestido e nas orquídeas que lhe havia dado.

— Tudo correu perfeitamente, como sempre acontece quando você planeja alguma coisa.

— Você está muito bonita! Lindíssima!

Era isso o que ela queria ouvir e, por isso, sorriu sedutoramente.

O príncipe permaneceu sentado, olhando para ela. O que o tornava mais fascinante, ela pensou, era o fato de ele ser diferente dos outros homens. A essa altura, qualquer um deles já a teria tomado nos braços e a beijado incessantemente.

Ele era comedido e isso fazia com que até mesmo o menor gesto se transformasse numa espera excitante.

— Por que você quis que eu chegasse antes dos demais convidados? Ela havia prometido a si mesma esperar que ele se prontificasse a

explicar o motivo. Ao mesmo tempo, estava curiosa demais e não deixou de fazer a pergunta óbvia.

— Você sabe que eu queria vê-la a sós... — disse o príncipe. Lady Odele deu um leve suspiro de satisfação.

— Nós temos dois dias para ficarmos juntos, e talvez Edward acabe até achando mais divertido entreter-se com seus cavalos em vez de vir juntar-se a mim.

O príncipe riu.

— Se isso acontecer nós saberemos como aproveitar o nosso tempo — ele disse. — Já planejei muitas diversões para os meus convidados. Quanto a mim, como você sabe, a minha única diversão será... você.

— Querido Ivan! — lady Odele disse carinhosamente. — Era isso o que eu queria ouvir.

— Acho que você gostaria de trocar de roupa e descansar um pouco. Tomaremos chá aqui e depois quero ter uma conversa com você.

Lady Odele franziu a testa.

— Uma conversa?

— Depois do chá.

Enquanto falava, o príncipe estava em pé e lady Odele sabia que não adiantaria fazer mais perguntas. Ela não tinha outra alternativa a não ser obedecê-lo.

Sem dúvida isto fazia parte do estranho poder que o príncipe Ivan exercia sobre as mulheres: fazer com que elas obedecessem sempre aos seus desejos. Ele sabia exatamente o que queria e não permitia que seus planos fossem alterados por ninguém.

Ivan levou-a até a porta. O pajem encarregado dos aposentos a esperava e conduziu lady Odele até o quarto, onde sua criada já estava arrumando seus vestidos nos armários.

Havia se passado aproximadamente uma hora, quando ela retornou ao salão azul, usando um elegante traje, especialmente desenhado para ela pelo grande costureiro Frederick Worth. O vestido era de cetim e *chiffon* franzido desde a cintura até o chão. O corte original lhe conferia a graça de um exótico pássaro do Paraíso.

Cabelos dourados emolduravam aquele rosto de magnífico perfil grego, com cachos ondulando na testa.

Segura de sua beleza, ela se dirigiu à mesa do chá que estava arrumada próxima à lareira. O príncipe, em frente do fogo, a aguardava com uma expressão de satisfação no rosto.

Ele me ama, ela refletiu.

Lady Odele tinha descoberto, como já esperava, que o quarto que lhe fora destinado encontrava-se na mesma ala do castelo em que ficava a suíte privada do príncipe.

Ela serviu o chá, sabendo que, nesse momento, suas mãos delicadas ficavam à mostra.

— Este é o melhor chá que já tive oportunidade de experimentar — ela afirmou. — Não podia ser de outro modo. Todas as coisas ligadas a você

sempre são as melhores e disso ninguém duvida.

— É assim que eu quero que elas sejam — o príncipe disse. — Você também faz parte disso. Não há ninguém na Inglaterra com a sua graça e beleza.

Lady Odele sorriu.

— Eu duvido que o príncipe de Gales concorde com você. Atualmente ele está obcecado pela Sra. Langstry.

— Já soube disso — o príncipe respondeu. — Sua Alteza Real e Lillie chegarão amanhã.

— Você não me disse que seria uma festa real! — lady Odele exclamou.

— E também não disse que não seria — o príncipe respondeu energicamente.

Ela sabia que havia cometido um erro ao esperar que ele discutisse com qualquer pessoa, ou mesmo com ela, a respeito de seus convidados e de suas vidas particulares.

— Fico muito feliz ao saber que eles virão — disse lady Odele rapidamente. — Admiro a Sra. Langstry, mesmo sabendo que tantas mulheres têm ciúmes dela.

Ela olhava furtivamente para o príncipe enquanto falava, e acrescentou:

— Eu também terei ciúmes, Ivan, se você achá-la mais atraente do que eu.

O príncipe não respondeu que isso seria impossível, como ela gostaria de ouvir. Ele se limitou a sorrir um pouco enigmático. Lady Odele então continuou:

— Devo consolar-me por saber que a maioria das mulheres que você amou eram loiras. Trata-se com certeza da atração dos opostos.

Ela fixou o olhar no cabelo brilhante e escuro do príncipe, e pensou que, apesar de sua mãe ser inglesa, ele tinha todas as características de um russo.

O príncipe colocou a xícara na mesa e disse:

— Agora, eu gostaria de conversar com você, Odeie. Preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda? — lady Odele repetiu surpresa.

Durante todo o tempo em que estava se vestindo, ela ficara imaginando qual seria o assunto da conversa, mas por mais que tentasse não conseguira encontrar uma razão especial.

Embora ele tivesse lhe pedido que chegasse mais cedo para ficarem a sós, ela não acreditava que a intenção dele fosse apenas a de “fazer amor” com ela antes que os demais chegassem.

Além disso, o príncipe jamais aceitaria o desconforto de amar em um sofá à tarde, ao contrário do príncipe de Gales e de outros cavalheiros, que assim

agiam.

Às vezes, isso se tornava necessário, porque somente nessa hora do dia, o marido de lady Odele estava fora, no clube. Era a única forma que os amantes encontravam de não serem surpreendidos no ato.

Mas tais considerações sobre a clandestinidade do encontro eram desnecessárias, uma vez que lady Odele estava convenientemente instalada próxima à suíte do príncipe, e ambos teriam toda a noite pela frente.

Portanto, o seu desejo de vê-la na hora do chá não dizia respeito ao relacionamento amoroso.

Que mais poderia ser?

Ela pensara muito no assunto à procura de uma explicação, não somente no trem, mas desde o primeiro instante em que chegara a Charl, e não tinha encontrado nenhuma resposta.

Então, levantou-se da mesa para postar-se sob a claridade da luz da janela, consciente de que seus movimentos, seus cabelos e o brilho discreto dos diamantes nos seus brincos ganhariam ainda maior esplendor.

— Você sabe, querido Ivan — ela disse docemente —, se eu puder ajudá-lo em alguma coisa, não medirei esforços. Porém, não consigo imaginar o que você precisa. Estou curiosa para saber de que modo isso seria possível.

— É justamente o que vou lhe dizer agora. Em primeiro lugar, adianto-lhe que, pelo fato de significarmos tanto um para o outro, você se torna a única pessoa a quem eu pediria conselho neste caso particular.

Lady Odele pousou elegantemente as mãos no colo e ergueu os olhos azuis, assemelhando-se a uma criança atenta.

Tinha a sensação de que o príncipe sentia cada palavra que dizia. Então, como era de se esperar, em seu modo firme e determinado de ser, apenas abrandado pelo profundo fascínio de sua voz, ele disse:

— Minha esposa morreu a semana passada. Lady Odele ficou perplexa.

Ela simplesmente tinha esquecido de que a esposa do príncipe existia, assim como todas as outras pessoas.

A princesa nunca tinha sido mencionada nas conversas. Repentinamente, lady Odele lembrou-se de que ela era húngara e tinha sido ferida muitos anos atrás, logo após o casamento, num acidente de montaria.

Embora o príncipe nunca falasse a seu respeito, comentava-se que ela teria ficado louca e estava internada numa clínica especializada na Hungria.

— Foi realmente um alívio para o seu sofrimento — o príncipe considerou, cabisbaixo. — Ela não reconhecia ninguém há anos e não teria sentido pretender que mesmo os parentes mais chegados lamentassem sua morte.

— Então você está livre! — lady Odele disse com entusiasmo.

Imaginou que o príncipe estaria lhe fazendo uma proposta de casamento. Em seguida, porém, percebeu que pensar em tal coisa era inteiramente ridículo.

Não importava que, no mundo social, as pessoas se comportassem de modo irreverente em suas vidas particulares. Havia, contudo, um mandamento que era sempre respeitado, uma regra rígida, que jamais era quebrada:

“Nada de escândalos!”

Mesmo que o príncipe caísse de joelhos a seus pés e oferecesse a ela tudo o que possuía, ela recusaria sem hesitar.

Mas, apesar de todos os homens com quem tinha estado, ela sabia que Ivan era o grande amor de sua vida. Isso lhe obrigava também a respeitar o papel que ele representava na sociedade.

Edward não era de modo algum um marido generoso e afetuoso, porém era um dos favoritos do príncipe de Gales e considerado um “bom companheiro” pelos sócios do Jockey Club.

Deixá-lo significaria arcar com o ostracismo social, afastar-se de tudo o que tornava sua vida interessante e agradável. Ninguém, nem mesmo Ivan, compensaria a perda de tudo isso.

O príncipe, então, disse:

15

— Agora que estou livre, tomei uma decisão importante, Odeie. E é nisso que eu quero que você me ajude.

— O que pretende fazer?

— Devo casar-me novamente!

Ela constatou nesse momento que ele estava mesmo pensando em casamento.

Lady Odele prendeu a respiração, imaginando como poderia recusar o pedido sem perdê-lo.

— Como você sabe — o príncipe continuou —, não tenho filhos. Minha esposa estava grávida quando aconteceu o acidente que acabou levando-a à loucura.

Por um instante, a voz do príncipe tornou-se mais grave. E prosseguiu:

— Desejo um herdeiro e, se possível, outros filhos e filhas para ficarem com minha fortuna e ter eu mesmo um novo objetivo na vida.

Lady Odele nada disse, porque achou difícil aconselhá-lo naquela hora.

— Refleti cuidadosamente sobre o assunto — o príncipe continuou —, e

cheguei à conclusão de que, entre tantas mulheres que me cercam, conheço poucas que estão na idade certa.

— Qual é a idade certa? — lady Odele perguntou.

— Pensei cuidadosamente sobre isso. Quero que a mãe dos meus filhos seja pura e inocente no amor, e não saiba nada que não seja eu que lhe ensine.

Lady Odele encarou-o com espanto.

Teria Ivan realmente dito “pura e inocente”? Parecia estranho para um homem conhecido em toda a Europa por seus inúmeros casos de amor.

Ela pensou nas centenas de mulheres maravilhosas que tinham depositado tão ardorosamente seus corações e seus corpos aos pés do príncipe.

Forçada a responder alguma coisa, ela disse quase asperamente:

— Se compreendi bem, quer dizer que sua esposa terá que ser muito jovem, correto?

— Exatamente! — o príncipe concordou. — Uma jovem, em plena adolescência, pronta a tornar-se uma mulher madura. É uma pessoa assim que tenho em mente.

— Está me dizendo que já encontrou alguém para casar-se? — lady Odele arriscou.

Apesar da sua intenção de manter-se fria e calma, ela não pôde conter o tom de indignação de sua voz e o ar de dureza em seus belos olhos.

O príncipe balançou a cabeça.

— Esse é o problema — ele disse. — Sei exatamente o que quero, mas como você não ignora, Odeie, nunca tenho chance de conhecer jovens adolescentes. Elas parecem não partilhar desse mundo repleto de belezas sofisticadas como você.

Lady Odele soltou um suspiro de alívio quase audível.

Estava começando a compreender por que ele tinha procurado sua ajuda.

— Você quer casar-se com uma jovem inglesa?

— Como você sabe, acho que os ingleses são uma raça atraente — ele disse, dirigindo-lhe um olhar significativo e muito íntimo. — Agrada-me o modo de ser das mulheres inglesas, bem educadas, que possuem os dons do orgulho próprio, e do autocontrole, difíceis de serem encontrados nas outras.

— Você também é meio inglês.

Lady Odele sabia que ele se orgulhava de seu sangue inglês e tinha seguido o exemplo de seu pai, ao distanciar-se de tudo o que fosse russo.

O príncipe Katinouski, pai de Ivan, após brigar com o czar, deixara St. Petersburg, partindo para a Europa sem nunca mais retornar. Casara-se com a filha do duque de Warminster e o seu único filho, o príncipe Ivan, fora criado

nos moldes da educação inglesa. Depois de passar por Eton e Oxford, é que o seu sangue russo e sua grande riqueza se celebrizaram abrindo-lhe o caminho para os locais mais agradáveis do mundo. Só a partir daí as pessoas começaram a falar de Ivan Katinouski como um personagem saído das Mil e Uma Noites.

Suas festas em Paris, suas extravagâncias na Itália e as suas corridas de cavalo na Inglaterra contribuiriam para criar sua legenda de príncipe de contos de fadas.

Mas era inevitável que as pessoas falassem mais das mulheres que ele amava.

Elas o perseguiam desesperadamente, apaixonavam-se a ponto de pôr em risco suas reputações, na esperança de que seus olhos escuros se voltassem exclusivamente para elas.

— Acredito que uma esposa inglesa corresponda melhor às suas necessidades — lady Odele concordou, um pouco duvidosa.

Enquanto falava, ficou imaginando como uma jovem inglesa poderia enfrentar os maneirismos típicos e estranhos da personalidade do príncipe, coisa que nem mesmo ela tinha capacidade para entender.

Lady Odele sabia, quando era sincera consigo mesma, que, mesmo sendo verdadeira e apaixonadamente amada por ele, não poderia testemunhar sob juramento que o conhecia na sua essência de homem.

Tantos segredos o envolviam, tantos mistérios impenetráveis, que só a lembrança dessas suas características a deixava confusa.

Em voz alta, ela disse:

— Uma garota de nacionalidade diferente talvez se ajustasse melhor à sua personalidade.

Percebeu logo a tolice da afirmação que fizera.

Que importava se a mulher de Ivan não o compreendesse? Ela só teria que cumprir uma função: dar-lhe os filhos que ele desejava. Portanto, não se surpreendeu quando o príncipe respondeu-lhe:

— Sei o que quero, Odeie. Encontre para mim uma jovem inglesa, de família nobre, que possa me dar filhos e preencher a parte da minha vida que tem estado vazia por todos esses anos.

Não podendo controlar-se, lady Odele disse com um sorriso forçado:

— Você está realmente me dizendo, Ivan, que falta alguma coisa em sua vida? Sempre pensei que tudo fosse completo e perfeito para você.

— Tão completo como era possível ser — o príncipe acrescentou. — Mas no mais íntimo do meu ser ainda permanece a imagem da esposa com quem estive junto por somente seis meses.

Não era preciso dizer mais nada.

Mesmo a mente limitada de lady Odele poderia imaginar a imagem da pobre e louca criatura que levava o nome do príncipe, mesmo oculta na Hungria, enquanto ele vagava sozinho pelo mundo.

Por não ser uma mulher de muita imaginação, foi-lhe difícil apreender que, apesar de todas as casas, castelos e palácios que possuía, sem uma esposa e uma família ele não tinha um lar.

Lady Odele sabia que ele esperava uma resposta e, então, disse num tom bem mais brando:

— É claro que vou ajudá-lo, Ivan. Diga-me exatamente o que quer e farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Ela media as palavras, pensando que desse modo poderia mantê-lo em suas mãos.

A sociedade era constituída por grande número de esposas solícitas e virtuosas que ficavam em casa, enquanto seus maridos aventuravam pelo mundo.

Se Ivan decidisse casar-se com uma mulher como ela, lady Odele ficaria bastante enciumada e com medo de que a esposa dele tomasse o seu lugar no coração do príncipe.

Mas se ele escolhesse uma jovem, que teria como única obrigação gerar filhos, o seu relacionamento com Ivan não correria nenhum perigo, do mesmo modo que Edward não se importava com a situação, desde que ela mantivesse a discrição.

— Acho que sei exatamente o que você quer — ela disse. — Você quer alguém jovem, de família nobre, e, além de tudo, bonita.

O príncipe sorriu e, por um instante, a seriedade de seu rosto se apagou.

— Acho que não toleraria olhar para um rosto inexpressivo todos os dias, durante as refeições — ele disse zombeteiramente. — Sim, Odeie, ela terá que ser bela, mas sei que não posso esperar nem sonhar com a companhia de alguém tão bonita como você.

— Muito bem — lady Odele falou com entusiasmo. — Terei que examinar bem as debutantes do ano. Deve haver alguma que lhe sirva...

Parou subitamente e então exclamou:

— Já sei! Conheço a jovem perfeita que você imagina! Não sei como não pensei nela antes!

— Quem é? — o príncipe indagou.

— Minha sobrinha, Charlotte Storr.

Antes de se casar, lady Odele usava o sobrenome de solteira Storr e seu

irmão era, agora, o conde de Storrington.

Não havia dúvida alguma sobre a importância e a nobreza que os Storr representavam, pois haviam tomado parte na história desde que o primeiro membro da família exercera uma posição importante na corte de Henrique VIII.

Vários integrantes da família Storr, pertencentes à marinha e ao exército, também tinham sido condecorados por atos de bravura e heroísmo. Também na Câmara dos Pares, o sobrenome Storr se fizera notável, encabeçando os mais altos postos entre estadistas. E muitos deles ainda serviam os poderosos que estivessem reinando no momento.

Todas as condessas de Storrington eram damas de companhia real por título hereditário, assim como todos os condes ocupavam cargos importantes na corte.

— Por que você nunca me falou de sua sobrinha antes? — o príncipe perguntou curioso.

— Charlotte deveria ter sido apresentada à sociedade este ano — lady Odele explicou —, mas minha cunhada encontrava-se de luto pela morte de sua mãe. Por isso, Charlotte continuou no colégio interno, apesar de já ter completado dezoito anos.

O príncipe ouvia atentamente e lady Odele continuou:

— É uma jovem muito bonita.

— Como você?

— Ela se parece um pouco comigo. A maioria dos Storr tem olhos azuis e cabelos loiros. Tenho certeza de que ela preencherá os seus requisitos de pureza e inocência.

O príncipe suspirou aliviado.

— Vamos arranjar um encontro para que eu possa conhecê-la — ele disse. — Talvez eu dê outra festa dentro de quinze dias. Faremos juntos a lista dos convidados.

— Certo — ela falou ansiosamente —, mas não devemos convidar o príncipe de Gales e a Sra. Langstry.

O príncipe levantou-se e veio sentar-se ao seu lado no sofá.

— Bem, agora que esse assunto já foi resolvido, vamos falar de nós

— ele murmurou.

Lady Odele colocou a mão entre as dele e quando Ivan sentiu o prazer que aquele contato causava no corpo dela, beijou suavemente seus delicados dedos.

O visconde entregou a arma ao criado e disse ao seu companheiro:

— Foi um belo tiro, Shane!

— Realmente, até eu fiquei surpreendido com a minha habilidade

— o honorável Shane O'Derry replicou. — Mas achei você um pouco fora de forma hoje, Richard.

— Bebi muito vinho do Porto ontem à noite — o visconde confessou —, mas depois dessa caminhada, já me sinto bem melhor do que ao acordar esta manhã.

— Eu também — Shane O'Derry concordou.

Eles agradeceram ao criado e caminharam para a carruagem que os levaria até o parque de Storrington.

Sentados lado a lado na carruagem, que balançava devido ao caminho esburacado que ia dos campos, onde tinham ido caçar perdizes, à estrada principal, pareciam dois irmãos, tal a semelhança entre eles.

No entanto, não havia nenhum laço de sangue entre eles. A grande amizade que os unia começara no tempo em que estudavam na mesma escola aristocrática. Agora, depois de formados pela mesma universidade, juntos apreciavam e freqüentavam a intensa vida social de Londres.

Para o visconde era fácil acompanhar a agitação de Londres, pois seu pai, que tinha recursos, lhe dava generosas mesadas. Por outro lado, Shane O'Derry praticamente nunca dispunha mais do que de dois guinéus no bolso.

Sendo o segundo filho do conde de Dunderry, fidalgo irlandês falido com um castelo em ruínas e vivendo de rendas escassas, o futuro do honorável Shane teria sido sombrio, se o seu amigo Richard não mostrasse aquela disposição de dividir tudo o que possuía com ele.

Eram conhecidos por todos como “os inseparáveis”.

Rindo juntos de alguma piada que Shane contara, eles subiram agilmente as escadarias da casa, dirigindo-se aos seus aposentos, na ala oeste da residência, onde ficava também a sala particular do visconde, seu santuário especial desde que era menino.

A sala encontrava-se sempre em desordem. Troféus, raquetes de tênis, tacos de golfe e outros apetrechos esportivos estavam confusamente jogados por todos os cantos.

De vez em quando a condessa autorizava a criada a fazer algumas arrumações na sala, mas assim que virava as costas a desordem voltava a reinar no aposento.

— Acho que nunca aproveitei tanto um dia como hoje — Shane disse alegremente —, mas agora estou «morrendo de sede.

— O que você prefere? Cerveja ou cidra? — o visconde perguntou. — Não

ousaria ingerir nenhuma bebida alcoólica a essa hora do dia, pois Gilpin iria imediatamente contar ao meu pai.

— Para mim cidra está ótimo — Shane respondeu.

O visconde levantou-se para tocar a campainha, mas, contendo o seu gesto, disse em seguida:

— Acho que a campainha está quebrada. Vou até o corredor chamar alguém.

Quando ele saiu da sala, Shane dirigiu-se até a janela para apreciar o parque com seus carvalhos antiqüíssimos e seu jardim enorme tratado com esmero.

Ele ouviu alguém entrar na sala. Pensando tratar-se do visconde, não se virou até ouvir uma voz suave e delicada:

— Shane!

Voltou-se rapidamente, ansioso para ver quem o chamava.

— Charlotte! — ele murmurou.

Mostrando nervosismo, ela atravessou a sala correndo e atirou-se em seus braços.

— Shane! Shane! — ela soluçou.

— O que aconteceu? Por que está tão transtornada? — ele perguntou.

— Eu... eu não posso contar a você... oh, Shane... acho que meu coração vai se partir!

— Você pode se abrir comigo. Vamos, diga do que se trata. Abraçou-a com força e percebeu que ela estava chorando. Segurou-a ainda mais energicamente e beijou seus cabelos sedosos.

Nesse momento, o visconde voltou à sala.

— Pedi a um dos criados para trazer... — ele começou a falar. Então, viu sua irmã nos braços de Shane. — Qual é o problema? O que aconteceu?

— É exatamente isso o que estou tentando descobrir — Shane replicou. — Charlotte está transtornada.

— Não deixe mamãe vê-la nesse estado — o visconde preveniu-a. Sua irmã levantou o rosto do ombro de Shane.

— Mamãe se encontra... na sala de desenho — ela disse entre soluços. — E eu vim até aqui... para desabafar.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto pálido. Seus olhos azuis estavam congestionados de tanto chorar.

— Sente-se aqui e acalme-se — Shane sugeriu gentilmente. — Conte-nos o fato que a perturba tanto.

— Nunca a vi agir assim como uma criança chorona, Charlotte — o

visconde observou.

— Você também choraria... se estivesse no... meu lugar! — Charlotte respondeu.

— Bem, então nos conte qual é o problema — seu irmão disse. Shane havia levado Charlotte até uma poltrona perto da lareira. Quando ela se acomodou, Shane sentou-se no braço da poltrona. Tirando um lenço do bolso de seu paletó de lã, enxugou delicadamente os olhos dela.

A preocupação que ele demonstrava quanto à situação fazia com que Charlotte sentisse vontade de chorar ainda mais.

Com esforço ela lutou para conter as lágrimas e, segurando com força a mão de Shane, falou com voz trêmula:

— Mamãe recebeu... uma carta de tia Odeie. Ela diz ter encontrado... um marido para mim.

— Um marido? — o visconde exclamou. — Céus, mas você ainda nem debutou!

— Sei disso — Charlotte replicou —, mas tia Odele escreveu que eu devia... considerar-me a jovem mais feliz do mundo... e que toda a família deveria cair de joelhos e agradecer a Deus por esta oportunidade maravilhosa.

— Mas quem é o pretendente? Pelo modo como tia Odele colocou as coisas, até parece tratar-se do príncipe de Gales, só que ele já é casado.

Enquanto falava, o visconde notou que Shane ficara extremamente pálido e olhava para Charlotte com uma expressão de angústia nos olhos. Era impossível não perceber o seu sofrimento.

O visconde era a única pessoa na casa que desconfiava do amor existente entre Charlotte e Shane há vários anos.

Para o visconde parecia quase inevitável que eles se amassem e via o fato com naturalidade, por tratar-se de duas pessoas por quem ele tinha profunda afeição.

Num relance, ele previu as conseqüências trágicas que esse amor poderia trazer.

Refletindo friamente sobre o caso, ele não pôde deixar de compreender a posição de sua mãe, ao querer que a filha fizesse um bom casamento ou, melhor ainda, que contraísse matrimônio com uma pessoa em boa situação financeira.

Shane, filho de um fidalgo falido e sem dinheiro, certamente não seria considerado um pretendente desejável.

— E quem é o pretendente sugerido por tia Odele na carta? — ele

perguntou em voz alta.

— Eu... eu não farei o que ela quer! — Charlotte exclamou com voz embargada pelo choro. — Ninguém no mundo poderá obrigar-me a casar com outro homem, a não ser Shane. Mas mamãe já está entusiasmada com a idéia... e eu sei que papai também ficará quando for informado.

Começou a chorar de novo e as lágrimas desciam copiosamente pelo seu rosto delicado.

— Oh, Shane... ajude-me... ajude-me!

Ela estava tão desesperada que Shane não resistiu e ajoelhou-se ao lado da poltrona para segurá-la em seus braços.

Foi o visconde quem ouviu os passos pesados do criado aproximando-se da porta.

— Cuidado! — disse bruscamente, esforçando-se para manter o tom baixo da voz.

Shane levantou-se rápido e Charlotte virou o rosto em direção à lareira, para que o criado não visse suas lágrimas.

O visconde foi apanhar a bandeja que continha duas taças e uma garrafa de cidra.

— Obrigado, James — ele falou —, por ora é só.

Colocou a bandeja sobre a mesa, empurrando vários objetos que estavam atrapalhando e, então, serviu a bebida.

Quando o criado fechou a porta atrás de si, ele disse:

— Você deve ser mais cuidadosa. Se os criados contarem a mamãe que você estava chorando nos braços de Shane, ele será enviado de volta à Irlanda no primeiro navio.

— Tentarei... ser mais cuidadosa — Charlotte respondeu —, mas se me obrigarem a casar com aquele homem horroroso... que tia Odele escolheu para mim... juro que me matarei.

— Não fale uma coisa dessas, querida — Shane falou em voz baixa. Segurou as mãos de Charlotte e sentiu que ela se apegava a ele como se fosse a sua única salvação.

— Quem é o pretendente? — o visconde repetiu.

Charlotte parecia não ter forças para responder. Então, com os olhos fixos em Shane, ela murmurou:

— Príncipe Ivan Katinouski!

Os dois ficaram estarecidos ao ouvir aquele nome. Mas o visconde ainda conseguiu dizer:

— Não posso acreditar! É impossível! Deve ser alguma brincadeira!

CAPÍTULO II

— Não é uma brincadeira — Charlotte respondeu com desespero. — Mamãe leu isso em voz alta para mim... depois foi chamada às pressas para resolver um problema na cozinha e eu... peguei a carta da sua escrivãzinha.

Nesse momento, tirou a carta que escondera sob o cinto do vestido e ficou atônita, olhando o envelope amassado. Então, disse entre soluços:

— Eu não consigo ler... é melhor... você mesmo ver o que está escrito aí — e entregou a carta ao irmão.

O visconde pegou o envelope e examinou com atenção o emblema sofisticado impresso no papel branco. Então começou a ler em voz alta:

“Minha querida Margaret:

Tenho uma grande novidade para lhe contar e estou certa de que, quando souber do que se trata, você irá agradecer a Deus pela oportunidade maravilhosa que o destino reservou à nossa meiga Charlotte.

Estou passando alguns dias aqui em Charl na companhia do príncipe Ivan Katinouski, cuja esposa, a princesa, há doze anos internada como louca numa clínica, faleceu. Como somos velhos amigos, ele pediu-me que o ajudasse a escolher uma nova esposa.

Como sabe, ele é um dos homens mais ricos de toda a Europa, talvez até mesmo do mundo, e é admirado e respeitado por todos.

Ele poderia, é claro, casar-se com qualquer uma das mulheres que o perseguem incessantemente. Mas ele quer alguém jovem, pura e inocente, que seja de família nobre, para ser não somente a castelo de suas magníficas residências, mas também para ser a mãe dos filhos que ele não teve.

Estou ciente também, querida Margaret, de que George não aprecia estrangeiros, mas o príncipe é um caso excepcional. Sua mãe era uma Warminster, família que representa grande nobreza na Inglaterra.

Sei que Charlotte, devido ao luto pela morte de sua querida avó, ainda não foi apresentada à sociedade, e é exatamente isso que o príncipe Ivan deseja fazer agora. Por esse motivo, estou organizando uma festa a ser realizada no dia dezoito desse mês, aqui em Charl, para que ele e Charlotte possam se conhecer.

Será uma festa para jovens, pois você sabe como as mães ambiciosas das donzelas de nossa sociedade iriam cobiçar esse casamento, ao saberem que o príncipe está livre.

Tomo a liberdade de aconselhá-la a mandar Charlotte para cá na companhia de

Richard. Se Shane O'Derry, o amigo inseparável de Richard, também quiser vir, diga-lhe que será bem recebido.

Sei que tudo representa uma surpresa para você, mas estou certa de que concordará ser esta uma chance de Charlotte fazer um casamento brilhante. Cometeríamos um erro ao deixar que os interesses do príncipe se voltassem para outra donzela.

Sinto-me eufórica com a perspectiva de minha sobrinha viver aqui em Charl e em todas as outras luxuosas residências que o príncipe possui. Assim que me der uma resposta, informarei a hora e o dia em que ela e Richard deverão chegar.

*Despeço-me afetuosamente, sua cunhada que muito a estima,
Odeie."*

O visconde leu a carta em voz alta, surpreendendo-se a cada palavra. Ao terminar, disse com raiva:

— É a coisa mais ultrajante e insolente que eu já presenciei em toda a minha vida! Como o príncipe e tia Odele ousam manipular Charlotte como se ela fosse uma mercadoria qualquer exposta à venda!

— Concordo plenamente com você — Shane disse, tentando controlar-se. Charlotte parecia um pequeno animal acuado, preso em uma armadilha.

— É horrível! Monstruoso! Perverso! — ela soluçou. — Mas senti, quando mamãe me leu a carta, que ela estava... encantada e satisfeita.

— Talvez seu pai... — Shane começou, hesitante.

— Não há esperanças — o visconde interrompeu-o. — Tenho certeza de que papai não gosta do príncipe como pessoa, mas sempre admirou muito os cavalos dele.

— Eu não me casarei com ele, e ninguém nesse mundo... poderá obrigarme! — Charlotte exclamou.

Os dois permaneceram em silêncio. Ao se entreolharem estavam conscientes de que Charlotte não teria muita escolha.

Ela só tinha dezoito anos. Seus pais poderiam forçá-la a casar-se com quem desejassem. Nada poderia ir contra a decisão deles.

— O que podemos fazer? — Shane perguntou, com a voz presa na garganta.

— É intolerável! — o visconde disse, atirando a carta no chão e começou a andar impacientemente pela sala.

— Pelo que sua tia escreveu, ela parece temer que o príncipe se interesse por outra pessoa, se você não agir rapidamente — Shane falou hesitante. — O que aconteceria se Charlotte ficasse doente e não pudesse ir a Charl no dia dezoito?

— Tia Odele não a deixará escapar assim tão facilmente — o visconde replicou com amargura. — É realmente duvidoso o seu interesse quanto a esse assunto, pois tanto eu quanto você sabemos que ela e o príncipe...

Parou, então, subitamente de falar, percebendo que estava sendo indiscreto.

Charlotte levantou o rosto do ombro de Shane para perguntar:

— O que tia Odele tem com o príncipe?

— Eles são... velhos amigos, como ela mesma afirmou em sua carta — seu irmão disse rapidamente.

— Você se refere a algo mais profundo do que uma simples amizade... não é mesmo?

Houve um momento de silêncio. Então Charlotte perguntou novamente:

— Será que o relacionamento entre eles é igual ao que existe entre o príncipe de Gales e a bela Sra. Langstry?

Ela olhou para o seu irmão e para Shane, depois disse:

— Mas tia Odele não é mais... uma jovem!

— O relacionamento deles nada tem a ver com o seu casamento com o príncipe — o visconde disse, com visível mau humor.

— Tem sim! — Charlotte objetou. — Se eles estão apaixonados um pelo outro! Como tia Odele pode querer que eu me case com ele? Tudo isso me parece monstruoso!

Era muito mais do que envolver sua irmã com um homem que certamente não seria um marido adequado e com quem ela levaria para sempre uma vida infeliz.

Além disso, o visconde sempre acreditara que Charlotte se casaria com Shane, um dia, e que eles iriam, os três, continuar vivendo tão bem como o faziam desde crianças.

Estava obcecado pela idéia de que era necessário fazer alguma coisa para salvar sua irmã. Era difícil, porém, saber qual seria a melhor solução.

— Se Wilbram conseguiu sair-se bem em sua farsa, não vejo por que não tentarmos — disse Shane, sem muito otimismo.

— O caso de Wilbram foi mais simples, pois ele teve apenas que arrumar alguém para representar o papel de uma dama da sociedade por uma noite — o visconde replicou. — Além disso, as festas na casa dos Troon não se comparam às de Charl.

Como não admitisse uma derrota, Shane disse a Charlotte:

— Pense nas suas amigas, querida. Que tal aquela jovem bonita que esteve aqui há uns quinze dias?

— Alice Bracknell? — Charlotte perguntou. — Mas ela é tão boba! Não acredito que algum homem se interesse por ela por mais de cinco minutos. Além disso, sua mãe já decidiu que ela deverá casar-se com o lorde Dare.

— Lembrei-me agora — disse o visconde — de ter visto, um mês atrás, uma jovem lindíssima sentada num dos bancos da igreja. Na ocasião, quis perguntar a você de quem se tratava, mas acabei me esquecendo.

— O que você estava fazendo na igreja? — Shane perguntou.

— Foi na época em que você estava na Irlanda — esclareceu o visconde.

— Era uma missa em homenagem às bodas de prata de meus pais.

— Compreendo. Mas, afinal, quem é essa jovem? — indagou Shane.

— Sei a quem você está se referindo! — Charlotte disse ao irmão. — É Alana. Uma moça muito bonita.

— Ela estava com um grupo de crianças na igreja — o visconde completou.

— São os filhos do vigário. Alana ajuda a Sra. Bredon a tomar conta deles.

— Ela é realmente bela? — Shane perguntou.

— Trata-se de uma das jovens mais bonitas que já vi em toda minha vida! — o visconde respondeu entusiasmado.

— Ela conseguiu desviar minha atenção do sermão do vigário, que se prolongava demais. Até meu pai já estava impaciente e não parava de olhar no relógio.

— Falávamos da jovem — Shane insistiu, como se não quisesse perder um minuto sequer.

— Você não está sugerindo... — o visconde começou.

— Por que não? — Shane replicou. — Estou disposto a tudo para salvar Charlotte.

— Quero... casar-me com você, Shane — disse Charlotte com angústia. — Você me prometeu isso, mesmo que... tivéssemos que esperar algum tempo.

— Eu sei, querida — falou Shane suavemente —, mas se eu falasse com seu pai agora, tenho certeza de que ele não me ouviria.

— Não precisa explicar-se — o visconde interrompeu. — Papai pode não gostar do príncipe Ivan, porque ele detesta estrangeiros. O perigo está no fato de mamãe e tia Odele considerarem este um bom casamento. Daí, nada poderá ser feito e Charlotte será obrigada a obedecer!

Charlotte cobriu os olhos com a mão e começou a chorar novamente.

— Talvez pudéssemos convencer essa jovem a nos ajudar — insistiu Shane. — Quem sabe ela conseguisse desviar a atenção do príncipe para si.

Sua irmã havia parado de chorar e olhava para ele com os olhos arregalados.

— Está realmente sugerindo que... levemos Alana conosco... para Charl?

— Sim, mas não como Alana — o visconde respondeu. Temos que transformá-la numa jovem sofisticada e nobre, para que o príncipe possa se interessar por ela, e desviar sua atenção de você.

— Temos que começar a resolver tudo imediatamente — disse Shane.

— Papai vai impedi-lo!

— Ele simplesmente não saberá onde estamos. Então o que poderá fazer?

Fez-se silêncio na sala, enquanto o visconde olhava para o amigo, percebendo a expressão de desespero em seus olhos.

— Se tudo isso não tivesse acontecido tão depressa — disse Charlotte. — Você sabe que quando fizer vinte e um anos, poderei receber o dinheiro que minha avó me deixou.

— Tinha me esquecido disso — seu irmão replicou. Qual é a quantia?

— Acho que receberei apenas duzentas ou trezentas libras por ano, mas papai me disse algo sobre a valorização desse dinheiro e me explicou que, na época em que eu atingir a maioridade, a quantia será maior.

— Já discutimos esse assunto — disse Shane, tentando se justificar. — Meu pai nos dará também uma casa de seu patrimônio. Além disso, poderei criar cavalos de raça ou fazer algo parecido. Vamos dar um jeito!

— Sei disso, Shane! — Charlotte concordou. — Tenho certeza de que seríamos o casal mais feliz do mundo!

Ela fitou os olhos de Shane enquanto falava e, nesse instante, os dois esqueceram-se de tudo, menos do amor que os unia.

— Mas agora você não poderá esperar até que Charlotte atinja a maioridade — disse o visconde, aborrecido. — Precisamos agir imediatamente, se quisermos livrá-la do príncipe.

Charlotte olhou para o seu irmão e perguntou:

— Você está realmente... pensando em... Alana?

— Conte-me um pouco sobre ela. A única coisa que sei é que é muito bonita.

— É uma jovem muito atraente e meiga.

— Como a conheceu?

— Ela é filha do Sr. Wickham.

— Wickham?

— Meu professor de música. Você não se recorda dele? Ele vinha aqui três vezes por semana, durante vários anos.

— Mas claro! Agora estou me lembrando. Era um homem alto e muito apresentável.

— Eu o achava bastante atraente — Charlotte disse —, e charmoso também. Mamãe o tratava como a todos os outros professores, isto é, como se fossem seres inferiores, apesar de não estar muito certa disso.

— Como sabe? — o visconde perguntou.

— Certa vez ele me contou que sua família era bem conhecida no norte, e que seu pai tinha sido um famoso maestro.

Seu irmão riu ironicamente.

— Mamãe, na verdade, jamais consideraria isso um fato que o qualificasse como um cavalheiro.

— Eu sei — Charlotte concordou —, mas ele era um cavalheiro, e eu adorava aquelas aulas de música, mesmo sabendo que nunca chegaria a tocar tão bem como ele ou Alana.

— Então foi assim que a conheceu?

— Ela vinha aqui, quando eu e o Sr. Wickham tocávamos duetos de violino. Alana acompanhava-nos ao piano. Ela também sabia tocar violino. Eu gostaria de ter sido sua amiga, mas mamãe jamais permitiria.

— É claro que não! — seu irmão concordou. — Mas você ainda se encontra com ela?

— De vez em quando na igreja. Quando seu pai morreu, os criados me contaram que ela ficou completamente sem dinheiro. Então, enquanto hesitava em pedir a mamãe que me deixasse ajudá-la, soube que Alana se mudara para a igreja, para ajudar a Sra. Bredon a tomar conta daquelas crianças.

— Não deve ser uma vida fácil para ela — o visconde comentou.

— A Sra. Bredon é amável, mas ela tem que tomar conta de cinco crianças.

— Acredito que nessas circunstâncias — Shane começou —, ela ficaria satisfeita com a chance de afastar-se deles durante alguns dias e ficar hospedada num castelo como Charl.

— Você acha realmente? — Charlotte perguntou. O visconde ficou pensativo.

— Não acredito que pudéssemos encontrar uma jovem mais bonita em todo o condado, e se, como Charlotte diz, o seu pai era um cavalheiro, ela saberá comportar-se à altura.

Charlotte olhou os dois.

— Oh, Richard, é uma boa idéia! Se eu pedir a Alana para me ajudar, tenho certeza de que ela não se negará. Ela gostava muito de mim e sinto não tê-la visto com mais frequência desde que seu pai faleceu.

O visconde voltou-se para o amigo.

— Será que devemos tentar, Shane? Seria excelente se conseguíssemos

fazer com que esta linda jovem, que não passa de uma simples ajudante da mulher do vigário, enganasse o príncipe e o fizesse passar por bobo, não acha?

— Tudo depende dos dotes físicos que você lhe atribui — Shane disse. — Também é muito importante que ela saiba se comportar como uma nobre dama.

— Nós também precisamos arrumar um jeito de introduzi-la em Charl. Não podemos simplesmente aparecer no castelo e dizer ao príncipe que trouxemos a rainha de Sabá conosco, porque ela desejava muito conhecer a sua residência.

— Eu poderia dizer que ela veio passar uns dias aqui em casa — Charlotte sugeriu. — Como nem papai nem mamãe irão me acompanhar, não haverá motivo para tia Odele desconfiar. Ela não conhece nenhuma amiga minha.

— Não é uma má idéia — o visconde disse primeiro, hesitante, depois mais eufórico:

— Acabo de ter uma grande idéia!

— O que é? — Charlotte perguntou ansiosa.

— Se você conseguir convencer essa jovem a acompanhar-nos até Charl, poderemos dizer que ela é irmã de Shane, lady Alana O'Derry!

— Minha irmã? — Shane exclamou, perplexo. — Tenho duas irmãs, mas a mais velha tem apenas quinze anos.

— Como o príncipe saberá?

— Tia Odele talvez saiba — Charlotte disse.

— Existem muitos O'Derry na Irlanda — Shane replicou. — Acho melhor apresentá-la como minha prima. Poderíamos dizer que se trata de uma filha do irmão de meu pai, de quem herdou o título.

— Então ela será sua prima mais velha — o visconde sugeriu. — Diremos que chegou inesperadamente da Irlanda para ficar aqui em casa e que não poderíamos deixar de levá-la a Charl. Vocês acham que a história é convincente?

— Para mim está perfeita! — Charlotte exclamou. — Mas antes de mais nada, preciso falar com Alana.

— Nós poderíamos pagar-lhe muito pela ajuda. Estou certo de que ela não recusará vinte libras, e podemos até dar-lhe um pouco mais, se insistir.

— Tenho um pressentimento — Charlotte falou. — Oferecer-lhe dinheiro seria um erro. O Sr. Wickham era muito orgulhoso e tenho certeza de que Alana também o é. Melhor seria contar-lhe toda a verdade e pedir seu apoio.

— Acha que ela concordará?

— Espero que sim. Alana é muito idealista e estou certa de que ficará

chocada com o fato de me obrigarem a casar com um homem que não conheço, principalmente ao saber que estou apaixonada por Shane.

— Bem, você pode tentar convencê-la como achar melhor — o visconde disse. — Se ela concordar, está tudo bem!

— Farei o possível.

— Mamãe será informada que iremos fazer um passeio amanhã cedo. Nós a deixaremos na igreja e passaremos para pegá-la uma hora depois.

— Ótimo! — Charlotte replicou. — Eu já poderia ter usado essa artimanha para ver Alana antes, mas você sabe como mamãe se opõe ao fato de nos misturarmos com as pessoas da vila.

Todos eles sabiam que isso era verdade.

O conde e a condessa de Storrington tinham por hábito manter-se afastados dos habitantes mais simples da vila.

Somente uma vez por ano, o vigário e a Sra. Bredon, juntamente com o médico e sua esposa e mais uma ou duas pessoas que viviam nas terras do conde, eram convidados a jantar na mansão. Mas mesmo eles não eram considerados suficientemente importantes para se relacionarem com os membros da família Storr.

Entre seus amigos prediletos incluíam-se as famílias importantes do condado que não viviam muito longe da mansão e aqueles que vinham de Londres no período de verão para caçar e praticar equitação, ou apenas para um descanso no campo.

Charlotte não tinha permissão para participar dessas atividades, pois ainda estava na escola. Mas ela não se importava porque quando Richard ficava em casa, Shane sempre estava a seu lado e isso lhe bastava.

O conde e a condessa tinham mais três filhos menores, todos meninos, que no momento encontravam-se em colégios internos.

Sentindo que a tensão trazida pela notícia de Charlotte havia diminuído, o visconde pegou a carta que tinha atirado ao chão e entregou-a à sua irmã.

— Se quiser seguir meu conselho — disse —, o melhor que tem a fazer agora é lavar o rosto e tentar mostrar-se um pouco mais animada. Mamãe não pode desconfiar de nada. Se isso acontecer, ela alertará tia Odeie. Devemos, portanto, agir com naturalidade, até termos certeza da cooperação de Alana.

— Richard tem razão — Shane concordou. Puxou Charlotte para mais perto de si e continuou:

— É melhor fazer o que Richard diz e não se mostrar tão infeliz, querida. Nós a ajudaremos, custe o que custar. Se não for assim, descobriremos outra maneira.

— Você... você fala sério? — Charlotte perguntou.

— Juro que não deixarei você casar-se com ele ou com qualquer outro homem, não importa que seja príncipe ou não!

O tom seguro da voz de Shane trouxe um leve brilho aos olhos de Charlotte e um tímido sorriso surgiu em seus lábios, ao dizer:

— Querido... estou com medo.

— Confie em Richard e em mim.

— Eu confio em vocês! — Ela beijou o rosto de Shane e levantou-se da poltrona.

— Obrigada por tudo, Richard... muito obrigada! — ela disse. — Você é o melhor irmão do mundo!

Sem esperar pela resposta, ela saiu da sala. Shane ficou de pé.

— Acha que teremos alguma chance? — ele perguntou em voz baixa.

— O que nos resta fazer no momento é rezar para que tudo dê certo — afirmou o visconde. — Você conhece o príncipe. Charlotte nunca conseguiria conviver com ele.

— Tudo isso me deixa transtornado. Tenho vontade de matá-lo! — Shane disse descontrolado. — Juro que farei o que for possível para não deixar que Charlotte se case com ele.

— Calma! — o visconde aconselhou. — Conheço o seu temperamento irlandês. Não posso permitir que Charlotte se torne viúva antes mesmo de casar-se!

— Aposto que toda essa farsa diabólica foi idéia de sua tia.

— Não há dúvida quanto a isso! Ela está loucamente apaixonada pelo príncipe, como todas as outras amantes dele, e acha que se ele tiver uma esposa pura e inocente como Charlotte, não será abandonada.

— Tudo isso me deixa enojado! — Shane disse. — Mas se não conseguirmos salvar Charlotte com esse plano, então serei obrigado a agir drasticamente: matar o príncipe, ou levá-la para a Irlanda e escondê-la onde ninguém possa encontrá-la.

— Enquanto Charlotte não completar a maioridade, você não poderá casar-se com ela sem a permissão de meu pai.

— Darei um jeito — Shane disse confiante. — Você sabe tão bem quanto eu, Richard, que não posso perdê-la.

— Sei disso — o visconde concordou —, mas não será fácil.

— Não tem importância — Shane respondeu. — O que estamos fazendo é moralmente correto e acredito que, justamente por isso, poderemos destruir os planos diabólicos da sua tia e daquele príncipe miserável!

— Espero que você esteja certo! — O visconde concordou. Mas havia em sua voz uma pequena sombra de dúvida...

Alana pegou no colo o filho mais novo dos Bredon. Ele tinha somente três anos e chorava, porque sua irmã maior pegara a sua bola.

— Não ligue para ela — Alana disse com delicadeza. — Vou arranjar outro brinquedo ainda mais bonito para você.

— Bola! Bola! — ele soluçou.

Com carinho maternal, ela o embalou até que ele parasse de chorar.

— Pronto, já passou — ela disse com um sorriso. — Agora vou procurar outra bola para você.

Nesse instante, Alana viu váriosovelos de lã coloridos, espalhados no chão. Ela os usara há pouco para remendar algumas meias das crianças.

Carregando o pequeno Billy nos braços, pegou um dos novelos do chão e enrolou-o até que parecesse uma bola.

Ele a observava, encantado, e então segurou a bola de lã com força em suas mãos pequeninas.

— Bola! Bola! — ele exclamou, rindo.

Alana enxugou seu rostinho com um lenço, beijou-o e sentou-o no chão.

— Agora vá brincar com a sua bola — ela ordenou. — Enquanto isso, eu arrumo o quarto.

Depois foi até a janela para ver se as outras quatro crianças, que brincavam no jardim da igreja, estavam bem.

Ela os havia agasalhado com casacos grossos e gorros de lã. Mas viu que uma das meninas já estava sem o gorro e que o menino mais velho, que tinha dez anos de idade, jogava o seu casaco para o alto, esperando que ficasse preso nos galhos de uma árvore.

Não vai ser fácil tirar o casaco do topo da árvore, Alana pensou, mas pelo menos ele não está atirando pedras nos outros, ou quebrando vidraças dos vizinhos.

— Já terminei de arrumar o quarto — ela disse para Billy, que continuava sentado no chão, brincando animadamente com sua bola de lã. — Agora, vamos vestir o casaco e o gorro, e passear com os outros.

Ela sabia que o exercício físico era a melhor maneira de apaziguar as crianças e, como Billy já estava muito pesado para ser carregado no colo, ela o levaria em seu carrinho.

A porta se abriu, mas ela não se voltou, pensando tratar-se da Sra. Bredon ou da arrumadeira, contratada para fazer o trabalho mais pesado, mas que não ajudava muito.

— Olá, Alana! — uma voz suave a cumprimentou.

— Lady Charlotte! — Alana exclamou. — Que surpresa!

— Encontrei uma senhora engraçada na porta e ela me disse que você estaria no quarto das crianças.

— É a Sra. Hicks — Alana explicou. — Ela é um pouco confusa e eu não ficaria espantada se ela tivesse mandado você me procurar no só tão ou no porão!

Charlotte riu.

— Alana, admiro o seu senso de humor. Você parece estar sempre em paz com o mundo. Tenho sentido muito a sua falta.

— Posso dizer o mesmo com relação a você.

— Teria vindo visitá-la mais vezes se... você sabe.

— Sim, eu sei.

Charlotte olhou o quarto em desordem.

— Você está bem aqui? — ela perguntou.

— O vigário e a Sra. Bredon têm sido muito bons comigo — Alana respondeu. — Depois que meu pai morreu, fiquei completamente sem dinheiro... e com muitas dívidas.

— Pobre Alana! Sinto muito não ter podido ajudá-la como queria. Perdoe-me...

— Não há nada para perdoar, lady Charlotte. Por que você deveria me ajudar?

— Porque somos amigas — Charlotte respondeu. — Arrependo-me profundamente de ter demonstrado ser uma péssima amiga na época em que você mais precisava de mim.

Alana riu e seus olhos brilharam.

— Não seja infantil, querida. Creia que estou muito contente que tenha vindo visitar-me.

Foi mais uma vez até a janela para ver se as crianças estavam bem. Ficou sossegada ao notar que eles haviam tirado seus coelhos do cercado e brincavam com os animais no gramado.

Eram enormes e gordos coelhos que não fugiam facilmente. Alana não precisaria preocupar-se com as crianças pelo menos durante algum tempo.

— Vim até aqui, Alana — Charlotte começou — porque preciso... da sua ajuda. Talvez você me considere egoísta... mas estou desesperada!

— Desesperada? — Alana perguntou, confusa.

Ela sentou-se ao lado de Charlotte, e ouviu-a dizer em voz baixa:

— Lembra-se de quando contei a você que estava apaixonada por Shane

O'Derry e que sonhava casar-me com ele?

— Sim, você me revelou este segredo há muito tempo — Alana concordou.

— O que aconteceu? Por acaso ele...?

— Não, não! Shane não fez nada errado — Charlotte disse prontamente.

— Mas hoje levei um susto terrível!

Rapidamente ela contou a Alana o que havia acontecido. Enquanto falava, lágrimas sofridas escorriam pelo seu rosto delicado.

— Oh, lady Charlotte, eu sinto muito! — Alana exclamou. — Entendo perfeitamente o que está sentindo. Com certeza seus pais não sabem que você ama outra pessoa. Não seria melhor contar-lhes?

— Eles não me ouviriam — Charlotte afirmou. — Eles simplesmente mandariam Shane embora e eu nunca mais o veria.

— Não acredito que chegassem a esse ponto. Eles só querem a sua felicidade.

— Você diz isso baseando-se no modo de ser de seu pai. Ele era completamente diferente do meu — Charlotte falou com tristeza na voz. — Seu pai foi o homem mais generoso e gentil que conheci em toda a minha vida.

— Sim, ele era uma pessoa extremamente bondosa — Alana concordou. Sempre me dizia: “espero, querida, que um dia você se apaixone intensamente por alguém, do mesmo modo como eu me apaixonei por sua mãe, amando-a mais e mais a cada dia, até que Deus a levou”.

— Também desejo que você encontre o verdadeiro amor — Charlotte disse.

— Será difícil — Alana replicou —, porque não tenho intenção de casar-me!

— Nunca se casará? — Charlotte exclamou. — Por que não?

— Estávamos falando de você — Alana disse rapidamente. — O que você pretende fazer com relação ao príncipe Ivan?

— É exatamente esse o motivo que me trouxe aqui. Alana ficou intrigada, mas não interrompeu a amiga.

— Richard e Shane estavam comentando sobre um amigo deles que levou uma mulher sem classe a uma festa em Londres e apresentou-a como uma duquesa. Ele queria dar uma lição à anfitriã, que considerava muito esnobe.

Alana não disse nada, mas seus olhos expressivos estavam fixos no rosto de Charlotte.

— Ninguém desconfiou que a jovem era uma impostora. Richard disse em seguida que havia visto você na igreja e que ficara impressionado com a sua beleza...

A voz de Charlotte falhou nesse momento. Mas ela prosseguiu:

— Sei que o que vou pedir-lhe é... absurdo... mas, Alana, se você disser que “não”... serei forçada a casar-me com aquele homem horrível, que está apaixonado pela minha tia.

— Apaixonado por sua tia? — Alana exclamou incrédula.

— Sim... ela é muito bonita. Você já deve ter ouvido falar dela. É lady Odele Ashford

— Mas é claro!

Ela sorriu antes de acrescentar:

— Você sabe, o tema preferido das pessoas da vila é comentar sobre a família Storr e o que se passa no castelo.

— Estou certa de que não lhes falta assunto — Charlotte disse, então prosseguiu:

— Shane e Richard sugeriram que, se você viesse conosco ao castelo de Charl, fingindo ser prima de Shane, talvez o príncipe ficasse impressionado com a sua beleza e desistisse da idéia de casar-se comigo.

Alana ficou imóvel, limitando-se a fitar Charlotte, que exclamou:

— Oh, Alana... sei que é pedir demais... mas o que mais posso fazer? Amo Shane desesperadamente e quero me casar com ele! Tenho certeza de que mamãe, papai e tia Odele me obrigarão a tornar-me esposa do príncipe... Eles jamais me entenderão e nem permitirão que eu recuse a proposta.

Um silêncio pesado tomou conta do ambiente e, então, Alana perguntou:

— Acha realmente que eu conseguiria enganar o... príncipe?

— Você terá apenas que usar todo o seu charme e beleza — Charlotte disse —, e fingir que é prima de Shane. Será apresentada como lady Alana O'Derry, e ninguém desconfiará de nossa farsa.

— Estou certa de que o príncipe e sua tia, assim que puserem os olhos em mim, descobrirão imediatamente que não sou nobre — Alana disse humildemente.

— Mas você fingirá ser uma nobre irlandesa — Charlotte retrucou. — Conheci algumas mulheres da família de Shane que se vestiam como verdadeiras lavadeiras, com roupas desengonçadas! Mas você não precisa se preocupar quanto a isso. Eu lhe emprestarei alguns vestidos.

Os olhos de Alana brilharam, mas ela não disse nada.

— Por favor... por favor... diga que me ajudará! — Charlotte implorou. — Você é a minha única esperança. Juro que não é exagero quando digo preferir morrer a casar-me com outro homem que não seja Shane!

Alana foi até a janela.

Agora não estava interessada em ver como estavam os filhos do vigário. Olhava fixamente por sobre as árvores, que estavam perdendo suas folhas, em direção ao céu, como se procurasse uma resposta no horizonte distante.

Atrás dela, Charlotte, com os dedos entrelaçados, se mostrava apreensiva. Ela sabia que seu futuro dependia da resposta de Alana.

Apesar da grande vontade de continuar insistindo e implorando, ela entendeu que não eram palavras que importavam nesse momento, mas sim os sentimentos pessoais de Alana.

Enquanto permanecia ali parada, o sol pálido do outono realçava o brilho dos seus cabelos escuros.

O cabelo de Alana era de uma cor diferente: apesar de escuro, apresentava um brilho todo especial. Naquele momento, Charlotte pensou também na luminosidade que havia nos olhos de Alana.

Eram olhos grandes, brilhantes, que transmitiam uma bondade infinita.

Às vezes, quando ela estava triste, seus olhos adquiriam uma tonalidade indefinida, variando entre o violeta e o cinza. Mas eram sempre marcados por algo misterioso, algo diferente do olhar das outras pessoas.

Richard tinha razão, Charlotte pensou. Alana era simplesmente maravilhosa e a sua beleza não podia ser comparada com a de ninguém. O príncipe certamente ficará impressionado com ela.

Alana permaneceu imóvel por longo tempo, com os olhos perdidos no horizonte. De repente, virou-se para Charlotte e disse:

— Você acha realmente que posso ajudá-la, lady Charlotte? Seria cruel de minha parte não atender ao seu pedido... mesmo estando com medo, eu...

— Você me ajudará! Oh, Alana, você fará isso por mim? Alana assentiu com a cabeça.

— Sim, se você tem certeza absoluta de que está agindo corretamente, eu aceito.

— Oh, Alana, nem sei como agradecer-lhe! — Charlotte disse solenemente. — O que mais desejo na vida é casar-me com Shane, e seria cruel e desumano ter que unir-me ao príncipe Ivan. Isso me dá a certeza de que estou agindo bem.

Alana deu um leve suspiro.

— Então farei o que me pede, lady Charlotte, mas você terá que me ajudar na encenação para que tudo saia perfeito.

— Não se preocupe, você não cometerá erros — Charlotte disse rapidamente. — Mas, querida Alana, como posso agradecer-lhe?

Afetuosamente Charlotte dirigiu-se até a amiga e beijou-a no rosto.

— Serei eternamente grata a você — ela disse —, e tenho certeza de que Shane ficará emocionado quando souber desse seu gesto de bondade.

Alana sorriu timidamente.

— Só existe um problema, lady Charlotte, tenho certeza de que terei medo na ocasião — ela disse em voz baixa. — Só de pensar em hospedar-me em Storrington eu já fico nervosa, que dirá num lugar tão famoso quanto o castelo de Charl.

— Você já ouviu falar de Charl? — Charlotte perguntou, surpresa.

— Os jornais sempre trazem notícias e artigos sobre Charl — Alana respondeu. — Quando o príncipe Ivan comprou o castelo, vários jornais comentaram o fato, alguns chegaram até a mostrar a planta do local.

— Então você sabe mais do que eu — Charlotte disse. — Até hoje, só ouvi Richard e Shane conversarem superficialmente sobre esse assunto.

Só espero não ser acusada de impostora no momento em que cruzar a soleira da porta.

— Richard não deixará que isso aconteça — Charlotte tranquilizou-a. — Você sabe quanto ele é esperto e inteligente quando se trata de executar algum plano. Desde menino ele sempre demonstrou vivacidade. Ele não mudou nada... Era sempre ele que organizava nossas brincadeiras de criança.

Ela sorriu e continuou:

— Agora ele organiza reuniões na faculdade, festas para seus amigos e caçadas para meu pai, quando ele está muito ocupado. Todos afirmam que ele é brilhante.

— Espero que organize minha participação nesse plano tão bem quanto as festas e caçadas — Alana disse —, pois terei que saber exatamente o que dizer, o que fazer e, é claro, o que vestir.

— Já lhe disse que poderá usar minhas roupas. Não se preocupe com esses detalhes, Alana. Antes de partirmos, trarei um casaco e um vestido quentes para você usar durante a viagem. Como no plano você terá acabado de chegar da Irlanda, diremos que sua bagagem foi extraviada durante a viagem e que, enquanto você não refizer seu guarda-roupa, eu lhe emprestarei alguns vestidos.

Alana riu.

— Pelo jeito, você é tão eficiente quanto seu irmão quando se trata do “faz de conta”.

— Essa é a palavra exata — Charlotte afirmou. — Nós transformaremos tudo isso numa história igual àquela que seu pai costumava contar quando começou a me dar aulas de música. Até então, a música para mim era uma

obrigação maçante, e seu pai conseguiu mostrá-la como algo mágico e maravilhoso.

— Mágico... é este o termo certo — Alana disse. — Agora que ele se foi, eu sinto a falta de sua magia.

— Acho que você possui essa mesma magia — Charlotte disse impulsivamente. — É por isso que eu sempre ficava feliz na companhia de vocês. A oportunidade de tocar com dois músicos tão talentosos me deixava simplesmente fascinada.

Por um momento, os expressivos olhos de Alana encheram-se de lágrimas.

— Fico muito feliz e emocionada ao ouvir isso. Somente alguém que conheceu meu pai tão bem quanto você poderia saber o quanto ele era diferente das outras pessoas.

— Nunca o esquecerei — Charlotte disse. — E tenho certeza de que, se ele soubesse o que você fará por mim, não se oporia!

— Você tem razão. Ele era uma pessoa que não admitia hipocrisia e, por isso apoiaria inteiramente o nosso plano! — Alana falou emocionada. — E agora, lady Charlotte, sinto que não poderei falhar nem com você, nem com meu pai.

— Então, quer dizer — Charlotte falou sorrindo — que tentará atrair a atenção do príncipe para você! Tenho certeza de que, com a sua magia própria, esta tarefa não será difícil de ser realizada!

CAPÍTULO III

— Aqui começa a nossa aventura! — Charlotte exclamou no instante em que o trem se punha em movimento, deixando para trás a plataforma de Brillington, que era a estação mais próxima do castelo de Storrington

— Até aqui, tudo correu bem! — disse seu irmão em voz baixa.

Seus olhos estavam fixos em Alana, sentada à sua frente na confortável poltrona da cabine do trem. Ela era ainda mais encantadora do que imaginara, Richard pensou.

Essa constatação não o surpreendia, porque Alana, com um vestido de viagem de Charlotte, estava ainda mais bela do que quando a vira na igreja, usando um traje feito por ela mesma e um chapéu barato enfeitado com fitas.

Como Charlotte dissera, Richard provou ser um excelente organizador, cuidando de tudo nos mínimos detalhes.

— Não podemos nos arriscar — ele repetia a toda hora.

Charlotte concordava ansiosamente com tudo, pois sabia que seu futuro dependia daquele plano, que se tornava mais e mais complicado a cada dia que passava.

Com aquele vestido azul que combinava com as plumas de seu chapéu, e uma capa de pele presa a seus ombros, ninguém poderia desconfiar de que Alana não fosse realmente uma dama da sociedade.

Desde o dia em que Charlotte lhe fizera a proposta, Alana passara a viver num mundo de fantasia. A todo instante seus pensamentos voltavam-se para aquele pedido estranho e, muitas vezes, ela chegava a pensar que tudo não passava de um sonho.

Como poderia ela, uma jovem simples e inexperiente, afastada das coisas mundanas e tendo vivido por tantos anos numa vila do interior, representar com perfeição o papel de uma dama da sociedade, a ponto de enganar não somente o príncipe, como também lady Odeie?

Quando ela contou a Charlotte que já ouvira falar de sua tia, sabia que nunca teria coragem de repetir as histórias sobre a bela Odele Ashford que circulavam entre os habitantes da vila.

Era compreensível que eles se interessassem por cada membro do castelo de Storrington. Por viverem nas terras e nas casas de propriedade do conde, sentiam-se também parte da família e, portanto, com direito de elogiá-los ou

criticá-los, de acordo com. seus conceitos de integridade moral.

O nascimento de lady Odeie, seu batizado, sua adolescência e seu casamento com o milionário sir Edward Ashford, proprietário de cavalos de corrida, figuravam entre os temas preferidos dos moradores mais velhos.

Mas qualquer que fosse a idade dos habitantes da vila, todos sabiam que lady Odele integrava a roda de amigos devassos do príncipe de Gales.

Também sabiam de cor os nomes de todos os admiradores daquela dama, chegando, muitas vezes, a descobrir detalhes íntimos de sua vida amorosa.

O acesso a essas informações não era difícil, pois não só os pais da criada particular de lady Odele moravam na vila, como também vários empregados de sir Edward tinham parentes em Storrington Park.

Nos últimos meses, o assunto mais discutido e comentado em todas as casas da vila era justamente o romance escandaloso mantido entre lady Odele e o príncipe Ivan Katinouski.

Apesar de Alana esforçar-se para não ouvir certos comentários, era praticamente impossível desconhecer aqueles fatos.

Seu pai nunca aprovara o comportamento de pessoas que falavam da vida alheia. Sempre ensinara a Alana que a discrição era um das qualidades mais importantes do ser humano.

Quando Charlotte lhe contara que viajariam ao castelo de Charl no trem particular do príncipe, Alana não se espantou.

— Tia Odele escreveu uma carta a Richard dizendo-lhe que, além de ser mais confortável viajarmos no trem particular do príncipe, não teríamos o trabalho de parar em Londres para fazer a baldeação.

Alana permaneceu em silêncio, fitando atentamente o rosto de Charlotte, que continuava:

— Perguntei a Richard por que ela se preocuparia tanto com a possibilidade de fazermos uma parada em Londres. Segundo ele, tudo isso não passa de uma manobra para que eu não tenha a oportunidade de encontrar alguém que possa interferir nos seus planos. Seguiu-se uma pequena pausa, então Charlotte disse:

— Oh, Alana... Alana... você tem que conseguir despertar o interesse do príncipe! Seria terrível se, depois de nos arriscarmos tanto, eu tivesse que me casar com ele!

— Você está me deixando nervosa — Alana protestou. — Como eu, uma jovem simples poderei despertar o interesse de um homem como o príncipe Ivan?

— E por que não? — Charlotte perguntou. — Você é mil vezes mais bonita

do que eu. Além disso, é mais inteligente e herdou a magia e o fascínio de seu pai!

Alana riu.

— Você parece acreditar que a magia e o fascínio de papai sejam coisas quase palpáveis, que irão atrair o príncipe como um ímã.

— Mas é exatamente isso — Charlotte disse —, e agora você deve usar esses seus poderes para me ajudar.

Quando Charlotte deixara a residência do vigário, depois de ter feito o pedido a Alana, esta ficou durante longo tempo pensativa, debruçada na janela, olhando o céu em silêncio.

Ela se sentia só no mundo e desejou naquele momento que seu pai estivesse vivo para orientá-la. Será que agirá corretamente ao aceitar a proposta de Charlotte?

Seu pai, com certeza, teria ficado horrorizado por Charlotte estar sendo forçada a casar-se com um homem que não amava, principalmente em se tratando do príncipe Ivan.

Alana não mentira, ao contar a Charlotte que tinha lido vários artigos sobre o castelo Charl e seu proprietário.

Além disso, também não pôde deixar de tomar conhecimento do escândalo que circulava na vila sobre o caso amoroso entre o príncipe e lady Odeie.

Suas extravagâncias, suas inúmeras paixões e seu modo principesco de levar a vida ganhavam ainda mais ênfase nos comentários.

Ao pensar nisso, Alana convenceu-se de repente de que o plano do visconde era tão falho, tão impossível quando pedir-lhe que realizasse um milagre.

Concordara por gostar muito de Charlotte e por outro motivo que guardava secretamente para si. O que lhe restava agora era participar do plano.

Na segunda visita de Charlotte à casa do vigário, Alana demonstrara certo receio, bastante compreensível e natural.

— Se eu conseguir chamar a atenção do príncipe para mim — ela perguntou —, o que me acontecerá quando ele descobrir que foi enganado?

Seus olhos luminosos e escuros transmitiam todo o medo que sentia, mas ela não acrescentou que passara muitas noites em claro, preocupada.

— Richard também pensou nisso — Charlotte disse com segurança. — Ele sabe que se descobrirem a farsa, meu pai com certeza obrigará o vigário a despedi-la. Ele resolveu, então, que assim que a festa terminar, você deverá desaparecer.

— Desaparecer? — Alana repetiu timidamente.

Tivemos que mudar nosso plano original: não poderemos nunca contar ao príncipe que você não é nobre e nem prima de Shane. Diremos apenas que você partiu e que não sabemos para onde. Essa mudança, contudo, não tira o sabor da vitória de termos enganado o príncipe.

— Mas e se ele... insistir em me procurar? — Alana perguntou.

— Fiz esta mesma pergunta a Richard — Charlotte respondeu. — Ele disse apenas que, se o príncipe perde uma mulher, existem outras centenas dispostas a ocupar o seu lugar.

— Sim... sim, é claro — Alana concordou rapidamente. Refletiu mais e chegou à conclusão que talvez fosse presunçosa demais

ao achar que o príncipe se apaixonaria por ela, em vez de considerá-la um mero passatempo para divertir-se enquanto estivesse em Charl.

Ao mesmo tempo, seu lado racional lhe dizia que, quando ela desaparecesse, talvez o príncipe renovasse seu interesse por Charlotte, tornando a propor-lhe casamento.

Existia também a possibilidade dele não achá-la atraente e interessante, e então todo aquele esforço teria sido em vão.

A situação era realmente muito complicada e havia tantas alternativas a serem consideradas, que era difícil discuti-las, sem antes chegarem a Charl e encontrar o príncipe pessoalmente.

— Deixe tudo nas mãos de Richard — Charlotte insistiu —, e se o plano falhar, Shane e eu fugiremos juntos.

Ela suspirou e acrescentou:

— Se pelo menos tivesse algum dinheiro... mas Shane nunca dispõe de um guinéu no bolso e não conseguiríamos nos esconder nem mesmo no interior da Irlanda, onde a vida é bem mais fácil.

Para Alana as coisas pareciam cada vez mais complicadas, mas como Charlotte era persistente e ela não suportava vê-la infeliz, sempre concordava com tudo sem reclamar.

Foi o visconde que inventou uma desculpa, para que ela pudesse deixar o emprego na casa do vigário por alguns dias, sem levantar suspeitas.

— Você não poderá dizer que vai viajar comigo — Charlotte dissera no dia em que lhe expusera as instruções de Richard —, porque alguém certamente comentará o fato com minha mãe, e ela irá surpreender-se que você tenha sido convidada para a festa em Charl.

— Sim, compreendo — Alana disse.

— Você dirá apenas que um parente seu, que não vê há muito tempo, está

de passagem em Brilling e irá apanhá-la para passar uns dias em companhia dele e da esposa. Poderá até dizer à Sra. Bredon que não está muito animada com a idéia, mas que seria indelicado recusar o convite.

— Tenho certeza de que ela concordará — Alana respondeu. — É uma pessoa bastante compreensiva.

— Ah, mais uma coisa — Charlotte disse. — Como o vigário, com certeza, não terá tempo de levá-la até Brilling, você poderá dizer-lhe que, por coincidência, terei que ir até a cidade nesse mesmo dia, e lhe ofereci condução até a estação.

— Só espero que ela não ache tudo isso muito estranho.

— Por que ela deveria espantar-se? — Charlotte perguntou. — De outro modo, você teria que depender do cocheiro da vila, não é mesmo?

— É verdade! E ele não é considerado uma pessoa de confiança — Alana respondeu. — Creio que a Sra. Bredon acabará entendendo o motivo de eu ter aceitado o seu convite.

— Daqui a alguns dias, toda a vila já estará sabendo que eu e Richard temos uma viagem programada para o castelo — Charlotte disse.

— Eles já estão sabendo! — Alana retrucou. — Assim que a carta de sua tia chegou, um dos criados de sua família foi até a vila e contou aos pais que vocês tinham sido convidados para a tal festa.

— É assustador como as notícias correm depressa por aqui.

— Sim, e não escapa nada — Alana concordou. — Por esse motivo, acho que será melhor não escondermos que você me levará até Brilling. Alguém certamente nos veria se tentássemos fazer isso secretamente.

— Richard sempre diz que, se for preciso mentir, que pelo menos a mentira seja plausível.

— O vigário não aprovaria essa forma de pensar — Alana disse com um sorriso. — E eu concordo com ele.

— Quando lhe perguntarem, diga que está feliz por ir em minha companhia até Brilling — Charlotte aconselhou —, e que será o modo mais fácil de resolver a questão de horário, sem depender do cocheiro.

Quando Charlotte voltou à igreja, dois dias antes de partirem para Charl, a Sra. Bredon estava no hall.

— Soube que a senhorita vai passar uns dias no castelo Charl — ela disse, antecipando-se à expectativa de Charlotte.

— Sim, não é maravilhoso? — Charlotte retrucou. — Sempre tive muita curiosidade em conhecer Charl, principalmente depois que minha tia descreveu o castelo como um dos locais mais fabulosos já visitados por ela.

— Comenta-se que é uma das moradias mais requintadas de toda a Inglaterra — a Sra. Bredon afirmou.

— Quando voltar, poderei confirmar à senhora se estes comentários realmente têm fundamento — Charlotte respondeu. — Por falar nisso, soube que Alana viajará no mesmo dia em que eu e meu irmão partirmos.

— Sim, ela vai visitar uns parentes de seu pai.

— Creio que a senhora sentirá muito sua falta aqui para ajudá-la!

— Nós daremos um jeito — a Sra. Bredon respondeu. — Só espero que ela não fique fora muito tempo.

— Eu disse a Alana que poderia levá-la até Brilling. Pouparia assim o vigário do trabalho de perder um dia inteiro para acompanhá-la até lá — Charlotte disse. — Para chegarmos à estação, temos obrigatoriamente que passar por aqui.

— É muita gentileza de sua parte, lady Charlotte. Realmente, hoje mesmo, meu marido comentou que estaria ocupado e talvez não pudesse acompanhá-la à estação nesse dia. Ele tem um importante compromisso, ao qual não pode faltar.

— Não será trabalho nenhum passarmos por aqui — Charlotte disse. — Mas Alana deverá estar pronta às dez horas.

— Fique tranqüila. Não a deixarei atrasar-se — a Sra. Bredon prometeu — , e mais uma vez, agradeço-lhe, lady Charlotte.

— Fico feliz em poder ajudar, mas por favor não diga nada a mamãe. Ela não gosta que eu tome iniciativas desse tipo. Pode pensar também que estou me intrometendo onde não fui chamada.

Essa declaração fez com que a mulher do vigário, que não apreciava a condessa, compreendesse por que lady Charlotte não viera visitar Alana, após a morte de seu pai.

Todos na vila haviam notado essa falta de atenção de lady Charlotte, considerando-a um ato desumano, uma vez que o Sr. Wickham freqüentara o castelo durante anos, como seu professor de música.

A Sra. Bredon pensou que lady Charlotte estava arranjando um modo de desculpar-se de sua negligência anterior.

— Compreendo, lady Charlotte — ela disse suavemente. — Nada direi à sua mãe. Já há muito falatório aqui na vila atualmente.

Depois de apanhar Alana, a carruagem com seus quatro ocupantes rumou para a estação de Brilling. Descendo apressadas, Charlotte e Alana foram ao toalete. De acordo com as instruções de Richard, não deveriam demorar-se mais do que dez minutos.

Nesse curto espaço de tempo, Alana Wickham, com seu humilde casaco de lã e seu chapéu fora de moda desaparecera, como por encanto.

Em seu lugar surgira a elegante lady Alana O'Derry, vestida com requinte e no mesmo nível de sua amiga, lady Charlotte Storr.

Como havia planejado, o visconde dispensou o criado encarregado de cuidar do embarque dos passageiros e de suas respectivas bagagens.

— Não há necessidade de esperar, James — o visconde dissera aparentando despreocupação. — Como viajaremos num trem particular, pode ocorrer um atraso e você sabe que meu pai não gosta que os cavalos fiquem parados desnecessariamente.

— Está certo de que pode cuidar de tudo, milorde? — James perguntou.

— Você já nos conseguiu um carregador. Agora não há mais nada que possa fazer, portanto... adeus, James.

— Adeus, milorde, espero que façam uma viagem agradável — James respondeu.

Quando Charlotte e Alana voltaram, o visconde as conduziu apressadamente para a plataforma, onde o trem do príncipe os aguardava.

Shane já estava lá, tentando ajeitar as inúmeras malas que Charlotte trouxera consigo.

— Trouxe quase tudo o que possuo — ela disse a Alana. — Você terá bastante chances de escolher os trajes que lhe assentam melhor. Por sorte, eu tinha alguns vestidos de verão, dos quais mamãe havia se esquecido. Quando a primeira carta de tia Odele chegou, ela me comprou outros novos.

Enquanto se arrumava, Alana tinha se visto no espelho muito rapidamente, mas sabia que estava ainda mais bela e atraente.

Acomodada no trem, ela sentia como se tudo fosse realmente um sonho e pensou também que um dos filhos da Sra. Bredon estaria chorando por sua causa.

Ela vira o visconde pela primeira vez na igreja. Depois o encontrara em outras ocasiões, cavalgando no parque ou passeando na vila.

Mas nunca havia falado com ele. Notava agora que era um jovem muito elegante e bonito, exatamente o irmão adequado para Charlotte.

— É muita gentileza de sua parte ajudar-nos — ele disse em voz baixa.

— Só temo que alguma coisa saia errado — Alana respondeu.

Do outro lado do trem, Charlotte e Shane olhavam-se fixamente e conversavam com muita intimidade, demonstrando o quanto estavam apaixonados.

O visconde observou-os rapidamente e disse:

— Cuidado! Vejam como se comportam! Vocês sabem muito bem que os criados têm ouvidos!

— Teremos cautela — Charlotte prometeu.

— Você deve tomar conta de Charlotte — o visconde falou a Alana. — Se minha tia desconfiar que ela gosta do meu amigo, contará a meus pais e eu nunca mais poderei trazê-lo ao castelo.

Alana suspirou.

— Essa história é muito confusa, mas só quero que Charlotte seja feliz.

— É o que também desejo — o visconde disse —, e nós devemos colaborar para isso.

Ele diminuiu ainda mais o tom de voz e continuou:

— Estou certo de uma coisa... se for obrigada a casar-se com o príncipe, ela será miseravelmente infeliz.

— É verdade — Alana concordou —, e é por isso que estou aqui. Mas por favor, milorde, o senhor precisa ajudar-me, mostrando-me exatamente o que fazer, para que eu não cometa muitos erros.

— Estarei sempre a seu lado — o visconde falou —, mas em relação ao príncipe, você deverá usar principalmente a sua intuição.

Ele parou por um momento antes de continuar.

— Mas se ele não ficar fascinado por você, e eu tenho certeza de que assim será, é porque ele é cego.

Alana sorriu.

— Obrigada, milorde. Suas palavras me tornam mais confiante. O visconde, então, prosseguiu:

— A partir de agora, deveremos chamar-nos pelos nossos nomes. Se você fosse realmente prima de Shane, eu a teria encontrado todas as vezes em que estive na Irlanda com ele. E não se esqueça do detalhe: você tornou-se amiga de Charlotte quando estivemos lá alguns anos atrás.

— Muito bem — Alana concordou. — Isso já me soa mais familiar...

— Nós nos conhecemos desde crianças — Richard disse com segurança —, você deve lembrar-se sempre disso, Charlotte.

— Na verdade, sou amiga de Alana desde pequena — Charlotte respondeu. — Portanto, esta parte da encenação não será difícil para mim.

Era impossível continuarem conversando naquele tom, porque os empregados do trem vieram, primeiro, oferecer café e outras bebidas e, depois, serviram a refeição completa.

Para Alana, cada minuto se tornava mais emocionante.

Somente no final da tarde, quando o trem parou na estação do castelo

Charl, ela se sentiu repentinamente nervosa. O medo que tomava conta dela fez com que parasse de falar e de rir como fizera durante toda a viagem.

Também se espantou com a recepção preparada para eles, no mesmo estilo daquela oferecida dias antes a lady Odeie. Lá estavam o tapete vermelho, o Sr. Brothwichk, à espera para saudá-los, e a carruagem que era muito mais confortável e imponente que a do conde de Storrington.

Naquele momento, ao deparar pela primeira vez com o majestoso castelo, Alana desejou fugir correndo e não participar mais do plano.

Nunca havia imaginado que uma moradia particular pudesse ser tão grande e tão magnífica. Correspondia, na verdade, à descrição que lera na *Revista Ilustrada* de Londres:

“O cenário perfeito para o seu proprietário, que possui o sangue real dos czares e que prefere manter o estilo de um monarca oriental do que viver como senhor feudal inglês.”

Alana e Charlotte permaneceram em silêncio, ao percorrer as alamedas que levavam à praça em frente do castelo.

Quando o criado desceu as escadarias para abrir a porta da carruagem, o visconde murmurou para Alana. — Boa sorte!

Shane fitou Charlotte nos olhos e apertou sua mão, enquanto as portas se abriam.

Os quatro jovens sabiam que no momento em que descessem da carruagem, estariam sendo observados por detrás das cortinas, como se fossem participantes de uma peça. Poderia ser uma comédia, como eles esperavam, ou então transformar-se numa tragédia completa.

Eles tinham sido instruídos pelo visconde sobre o que deviam dizer ou fazer, em todos os momentos. E, quando o chefe da criadagem os anunciou no suntuoso salão, onde lady Odele e o príncipe Ivan se encontravam sozinhos, sentados na frente da lareira, Charlotte adiantou-se.

— Aqui estamos nós, tia Odeie! — ela falou, beijando a tia afetuosamente. — Fizemos uma viagem maravilhosa, e espero que você não se importe por termos trazido conosco Alana. Ela é prima de Shane.

Na verdade lady Odele já estava olhando para Alana com desconfiança.

— Ela chegou inesperadamente — Charlotte explicou. — A carta em que nos avisava de sua visita extraviou-se. Além disso, aconteceu outro fato desagradável: sua bagagem se perdeu na viagem!

Antes que lady Odele pudesse falar, o príncipe interveio.

— Em Charl há sempre lugar para os nossos amigos, lady Charlotte! E eu gostaria agora de desejar-lhes boas-vindas e dizer que estou muito satisfeito

em tê-los aqui.

Sua voz profunda e sincera fez com que se dissipasse parte da tensão que Alana e Charlotte igualmente sentiam.

— Sua Alteza foi muito amável em convidar-nos — Charlotte respondeu. — Sempre desejei conhecer o castelo e já pude constatar que ele é bem maior e mais imponente do que eu imaginava.

— Estou satisfeito que a agrade — o príncipe disse sorrindo. Então, estendendo a mão para cumprimentar o visconde, falou:

— Como vai você, Storr?

Depois saudou Shane, que o apresentou a Alana.

— Minha prima, Sua Alteza, lady Alana O'Derry. Ela chegou no momento em que partíamos e achei que o senhor compreenderia que não poderíamos deixá-la sozinha.

— Mas claro que não! — o príncipe concordou.

Quando ele pegou a mão de Alana, ela o encarou com seus enormes olhos escuros. Ivan era como ela esperava que fosse... extremamente cativante e diferente de qualquer outro homem que tinha visto em sua vida.

Pensou, então, que não era apenas sua aparência elegante que o tornava fascinante. Parecia dotado de uma força magnética, que marcava a sua personalidade e fazia transcender a sua aura.

O príncipe olhou-a com atenção, como se estivesse analisando-a. E, nesse momento, ela pensou que esse era exatamente o modo como ele olhava para todas as mulheres, penetrando profundamente em seus corações.

Imaginou o que ele esperava encontrar e questionou se, algumas vezes, ele se desapontava.

Então, lady Odeie, que tinha beijado Richard, falou:

— Também quero desejar-lhe boas-vindas a Charl e espero que lhe agrade participar da pequena festa que preparei para Charlotte.

Alana teve certeza de que a palavra “boas-vindas” não soava sincera, ao ser pronunciada por lady Odeie. A expressão do seu olhar era dura e arrogante.

Ao se aproximarem do fogo ela falou ríspidamente, com a voz empostada:

— Sua Alteza e eu organizamos um programa agradável para você, Charlotte. Não há mais ninguém hospedado no castelo, além de nós. Os convidados virão apenas para as festas, almoços, jantares de gala, e reuniões dançantes, conduzidas por uma orquestra especialmente trazida de Londres. Organizamos também diversões eqüestres para distrair Richard e Shane.

— Parece muito divertido! — Charlotte exclamou.

— Tenho certeza de que você vai gostar muito. Andei por toda a região,

em nome de Sua Alteza, em busca de jovens de sua idade. Achei que não gostaria de relacionar-se com um grupo de velhos ultrapassados, como eu mesma, que estragariam seu divertimento.

— Você nunca será uma “velha ultrapassada”, tia Odeie! Richard nos contou que suas fotografias fizeram mais sucesso nas lojas do que a de qualquer outra mulher bonita, incluindo a Sra. Langstry.

— É verdade? — lady Odele perguntou orgulhosa. — Quem lhe disse isso?

— Eu perguntei em três lojas — Richard respondeu. — E fui informado de que suas fotos esgotaram-se logo depois de colocadas na vitrina.

— Isso é muito gratificante — lady Odele disse com um sorriso. — Agora tenho certeza que você e sua amiga lady Alana gostariam de ver os seus aposentos. Sugiro que descansem um pouco antes do jantar, pois imagino que irão dançar até altas horas da madrugada.

— Haverá baile hoje à noite? — Charlotte perguntou.

— Sim, é claro! — sua tia respondeu. — Teremos cinquenta convidados para o jantar e para o concerto musical agora à tarde.

Charlotte bateu palmas e exclamou:

— Isso tudo é muito excitante!

Ao manifestar sua alegria, ela olhou para Shane. Alana entendeu que Charlotte estava animada porque poderia dançar com ele.

— Espero que você também goste de dançar — o príncipe disse a Alana.

— Gosto muito — ela respondeu —, mas na Irlanda não temos chance de aprender os novos passos. Tenho sempre medo de desapontar os meus parceiros.

— Estou certo de que isso não acontecerá.

Quando lady Odele percebeu que ele estava falando com a intrusa e não com Charlotte, disse secamente:

— Venha, lady Alana. Precisamos escolher um lugar para alojá-la e também um vestido para emprestar-lhe, já que sua bagagem se extraviou.

— Ela poderá usar as minhas roupas, tia Odele — Charlotte disse prontamente. — Por sorte, nosso manequim é o mesmo.

Sua tia nem respondeu e caminhou em direção à porta.

— Não se preocupe por não saber os novos passos de dança — o príncipe disse, retomando a conversa com Alana. — Estou certo de que haverá muitos rapazes interessados em ensiná-los a você.

— Espero que Sua Alteza tenha razão.

Pareceu-lhe que o príncipe ia dizer mais alguma coisa, quando percebeu que lady Odele a aguardava impacientemente. Então, Alana foi ao seu

encontro.

Pouco depois, a sós com sua sobrinha, lady Odele expressou claramente o seu desagrado.

— Escute, Charlotte, não fiquei nada satisfeita por você ter trazido essa jovem.

— Mas faz alguma diferença, tia Odele? — Charlotte respondeu. — A casa é suficientemente grande para acomodar um exército.

— Não se trata disso — lady Odele falou. — Quero que o príncipe concentre sua atenção exclusivamente sobre você e que você retribua da mesma forma.

— Como ele faria, isso, com você aqui tia Odele? — Charlotte perguntou. — Sua beleza não permitirá que ele olhe para mais ninguém!

— Falei claramente com sua mãe — lady Odele respondeu —, que o príncipe deseja casar-se novamente, e sei que você, Charlotte, será uma esposa perfeita para ele.

Ela fez uma pausa, e acrescentou:

— Nesse caso, um homem não deseja uma mulher bonita demais, que atraia exagerada atenção de outros homens.

Charlotte ficou quieta. Um instante depois, lady Odele continuou:

— Você deve apenas, querida, demonstrar que o acha bonito e charmoso. Isso não é difícil, pois ele possui esses atributos. Ouça atentamente o que ele diz e mostre-se fascinada por Charl. As jovens normalmente falam pouco e isso é um erro.

— Tentarei seguir suas instruções, tia Odele — Charlotte falou exatamente no mesmo tom que havia respondido a Richard, quando este lhe explicou o plano traçado.

Lady Odele sorriu.

— Tenho certeza de que, ao final desta visita, teremos excelentes notícias para dar a seus pais. Acredito também, minha querida, que você será uma noiva adorável.

Sem dizer mais nada, lady Odele saiu do quarto.

Sem dúvida, ela teria ficado surpresa se soubesse que ao fechar a porta, sua doce e meiga sobrinha fez uma careta e mostrou-lhe a língua!

Passados alguns minutos, Charlotte foi até o quarto de Alana, no outro lado do corredor.

— Tia Odele ficou furiosa por eu tê-la trazido — ela disse. — Mas eu já esperava por isso!

— Ela é muito bonita — Alana disse com admiração. — Não é de se

estranhar que o príncipe esteja apaixonado por ela.

— Por mim ele pode estar apaixonado até pela Vênus de Milo — Charlotte falou com a voz firme. — Não quero, apenas, que ele se apaixone por mim!

Alana não respondeu, apenas ficou esperando que Charlotte continuasse.

— Na verdade, estou assustada, Alana! Tia Odele preparou tudo, nos mínimos detalhes. Ela disse agora mesmo que, quando eu voltar para casa, terei “excelentes notícias para dar a meus pais”.

— Também estou com medo — Alana admitiu. — Parece uma perda de tempo você ter me trazido até aqui. Como você pôde imaginar que eu o atrairia sendo sua tia, lady Odele, uma mulher tão bonita?

— Richard acha você muito mais encantadora que ela.

— É porque ela é sua tia e, normalmente, as pessoas olham seus parentes de modo diferente.

Charlotte apertou as mãos, nervosamente.

— Oh, Alana, se você falhar terei que me casar com ele! Tente fazê-lo interessar-se por você, de qualquer modo!

— Cumprirei o que combinamos — Alana disse —, mas ele não é um inglês comum. É diferente dos outros lordes e isso torna tudo mais difícil.

Ela imaginou nesse momento, que se o príncipe fosse parecido com o visconde, sua tarefa seria menos penosa.

Pelo modo com que Richard a olhava e pelo tom de sua voz, ela sentira que ele a achava atraente. Mas o príncipe não era inglês...

Apesar do modo gentil de tratar as pessoas, percebia-se nele algo de cruel e até mesmo cínico. Talvez sua atitude fosse apenas a de um homem que já havia passado por inúmeras experiências na vida, para quem, portanto, não restavam mais novidades.

Depois de entreter-se com Charlotte na escolha do vestido que usaria naquela noite, Alana ficou sozinha, pensando no príncipe.

Sua expectativa em relação a ele não fora frustrada. Mas ele tinha ainda uma característica extra. Ela não esperava que fosse esperto e isso lhe dava a certeza de que seria difícil enganá-lo.

— Devo tomar muito cuidado com o que digo e com o que faço — ela advertiu a si mesma.

Mesmo representando o papel de uma jovem irlandesa, de maneiras simples, sabia que o príncipe estaria sempre atento a possíveis fraudes em seu comportamento.

Quando acabou de vestir-se para o jantar com a ajuda de uma camareira experiente, ela teve a impressão de que mesmo seu pai teria dificuldade em

reconhecê-la naquele momento, tal era o seu charme.

O traje que escolhera no guarda-roupa de Charlotte era dos mais simples.

Usavam-se, na época, vários tipos de enfeites nos trajes: flores, pregas e laços de fita de cetim.

Mas Alana preferiu um simples vestido branco em estilo grego. Tinha algumas dobras na frente e uma cauda ondulante.

O corpete tornava salientes as formas de Alana e a criada apertara tanto a cintura, que esta parecia ainda menor.

A alvura de sua pele era realçada pelo decote largo e pelo xale de seda jogado sobre os ombros.

Ao se olhar no espelho, Alana pensou que sua palidez, devida em parte ao medo que sentia, fazia com que se assemelhasse a uma madona.

Ao ouvir baterem à porta, a empregada atendeu imediatamente. Voltou com um grande cesto, contendo uma enorme variedade de flores.

Além de ramalhetes de orquídeas de todos os tipos, havia também botões de gardênia e de cravo, que, obviamente, deveriam ser entregues a Richard e Shane.

Alana olhou as flores encantada.

— São tantas! — exclamou. — Pensei que apenas seis pessoas estivessem hospedadas no castelo.

A camareira sorriu.

— Os jardineiros quiseram dar-lhe a oportunidade de escolher a orquídea que combinasse melhor com o seu traje, milady.

— Eu seria uma pessoa difícil de contentar — disse Alana —, se desejasse algo diferente.

Depois de hesitar um momento, ela pegou dois arranjos de orquídeas. Eram pequenos e de cor habitualmente não usada nessas ocasiões: escarlate.

Notou que a camareira parecia surpresa com a escolha, mas era suficientemente polida para não dar palpites fora de hora.

— Tive uma idéia — Alana disse. — Pergunte a lady Charlotte se ela tem alguma fita branca ou violeta que possa emprestar-me.

A criada espantou-se novamente, mas procurou atender ao pedido. E voltou com duas fitas na mão: uma branca, outra violeta.

Alana pegou a fita violeta e amarrou-a habilmente numa orquídea.

— Agora — ela disse à criada, — prenda-a no meu pescoço.

Seu pescoço era tão elegantemente longo, que seu pai costumava dizer: “Você parece um cisne, minha querida. Eu sempre dizia à sua mãe, que a beleza perfeita de uma mulher se faz com três coisas longas e delicadas: o

pescoço, as pernas e os dedos.”

A camareira colocou também algumas orquídeas no cabelo escuro de Alana, como ela pedira. Ao terminar, percebeu que a dama, com aqueles retoques, conseguira não só realçar a cor branca do vestido, como também ganhara um certo toque oriental.

Quando foi dizer a Charlotte que estava pronta, encontrou-a também já arrumada, usando um vestido enfeitado com pregas de tule presas com botões de rosa.

Assentava-lhe perfeitamente bem. Era o vestido adequado para uma jovem inglesa de cabelos loiros e olhos azuis usar num baile.

— Está muito bonita, parece uma figura de conto de fadas — Alana exclamou.

Depois de observar sua amiga, Charlotte disse:

— Você está maravilhosa! E completamente diferente de qualquer outra jovem que conheci. Se estivéssemos em Londres, você seria a atração máxima da festa!

— Mas estamos em Charl! — Alana replicou.

Não era possível conversar mais à vontade na presença da camareira. Ao descerem juntas as escadarias, imaginavam o que o príncipe sentiria quando as visse.

Alguns convidados já tinham chegado e se encontravam espalhados num salão mais amplo do que aquele em que elas haviam estado antes.

Muitos jovens saudáveis, mas com aparência de gente do campo, rapazes que provavelmente estariam mais à vontade montados em cavalos do que num salão de festas, estavam presentes à reunião.

Apesar de estarem sendo recepcionados pelo príncipe, lady Odele fazia questão de deixar bem claro quem era a anfitriã.

Quando Charlotte apareceu, ela exclamou:

— Querida! Já estava preocupada com Você! Como esta festa é sua, você deveria ter descido antes que todos chegassem.

Ignorando Alana, ela deu a volta no salão com Charlotte, apresentando-a a todos que já se encontravam ali. Cumprimentava também os novos convidados e imediatamente, levava-os para conhecer sua sobrinha.

Alana encaminhou-se para um canto da sala, aceitando uma taça de champanha oferecida por um criado trajando um impecável uniforme com alamares dourados.

Inesperadamente, o príncipe aproximou-se dela e disse:

— Estou encantado com a escolha de minhas orquídeas, lady Alana,

— Achei que eram as mais bonitas, Sua Alteza, entre as várias que me foram oferecidas.

— Nunca conheci uma mulher que tivesse feito tal escolha antes — o príncipe disse. — Chego a sentir-me lisonjeado, pois eu mesmo as trouxe para a Inglaterra, ao voltar da minha última viagem ao Oriente.

— Elas me pareceram orientais à primeira vista — Alana disse —, e é justamente isso que as torna tão atraentes.

— Você se interessa pelo Oriente?

— Nunca tive o privilégio de viajar para lá, mas imagino que essa parte do mundo muito tem a nos ensinar.

O príncipe pareceu surpreso, então continuou:

— O que você gostaria de aprender? Alana fez um suave gesto com as mãos.

— Não sei como dizer, Sua Alteza. Gostaria de ter acesso aos mistérios do Universo, à sabedoria secreta raramente concedida aos simples mortais. Alguns de nós podem chegar a desvendar esses segredos, mas o Oriente sempre os dominou!

Os olhos do príncipe se fixaram na sua face. Alana percebeu que ele estava realmente espantado com suas palavras.

Então, antes que ele pudesse prosseguir a conversa, lady Odele chamou-o.

— Sua Alteza!

Ele notou, nesse momento, que havia quatro novos convidados a serem recepcionados.

Quando passaram ao salão do jantar, Alana viu Charlotte sentada à direita do príncipe e lady Odele, na condição de anfitriã, colocara-se na outra ponta da longa mesa. Quanto a ela, tinham-lhe reservado um lugar distante do príncipe.

Se fosse realmente prima de Shane, poderia até sentir-se ofendida por receber tal tratamento.

Porém, exibindo um leve sorriso, ela pensou que não devia criticar, mas ficar atenta ao fato de que lady Odele a considerava inimiga. Na verdade, considerava isso um cumprimento.

O jantar transcorreu em clima de verdadeiro deslumbramento para Alana.

A mesa estava decorada com candelabros dourados e outros magníficos ornamentos de ouro, objetos dos quais Alana apenas tomara conhecimento de sua existência através dos livros.

Na galeria da orquestra, tendo como cenário uma antiga parede

entalhada, era executada uma música suave, que se prolongou durante todo o jantar.

Alana gostaria de ouvi-la com atenção, mas seus companheiros de mesa eram do tipo esportivo, falavam alto e davam gargalhadas. Ela se esforçava para concentrar-se no que falavam. Contudo não resistia aos encantos do príncipe e, de vez em quando, lançava-lhe alguns olhares furtivos. Ele estava sentado numa cadeira de encosto alto, que se assemelhava a um trono.

Alana imaginava se ele estava realmente se divertindo.

Ela sabia que Charlotte, propositadamente, voltara sua atenção ao cavalheiro sentado à sua direita, não demonstrando nenhum interesse em entreter o anfitrião.

Por uma ou duas vezes, percebeu estar sendo observada pelo visconde, sentado no outro lado da mesa. Ele parecia satisfeito com o rumo que as coisas tomavam, mas ela própria não tinha certeza de que tudo caminhava bem.

Alana sabia que lady Odele estava preparada para lutar com unhas e dentes para que seus planos com relação à sobrinha não fossem prejudicados por ninguém, não importando os meios utilizados para isso.

Após o jantar, quando as mulheres se retiraram, lady Odele dirigiu-se a Alana com tal aspereza na voz, que era impossível não notar sua antipatia pela jovem.

— Sendo debutante na sociedade, como Charlotte me disse, acho que você deveria saber que as orquídeas que escolheu não combinam com o seu vestido, principalmente esta no seu pescoço.

— Sinto muito — Alana disse submissa —, mas achei-as tão bonitas que não resisti.

— Da próxima vez será melhor você usar cores menos berrantes, como o branco por exemplo — lady Odele disse rispidamente.

Retirou-se sem dizer mais nada e Alana não teve mais dúvida de que sua presença a perturbava.

No entanto, seus pensamentos foram logo desviados para a conversa dos homens, que se dirigiam agora para outra sala mais aconchegante. Os móveis haviam sido retirados do aposento, iluminado por um imenso candelabro com centenas de velas.

Uma pequena orquestra estava a postos e, assim que iniciou os primeiros acordes da valsa, Alana sentiu vontade de dançar. Quando o visconde a conduziu até a pista de dança, ela perguntou:

— Como posso agradecer-lhe por essa experiência inesquecível e encantadora?

— Nunca imaginei que pudesse ficar tão bela como está — o visconde disse, e ela sentiu que ele estava sendo sincero.

— Lady Odele me repreendeu por ter escolhido orquídeas dessa cor.

— Ela deve ter visto, como eu também vi, que o príncipe estava conversando com você antes do jantar — o visconde replicou. — Sobre o que falavam?

Havia um certo tom de ciúme em sua voz e Alana respondeu com franqueza:

— Nós estávamos falando sobre orquídeas. Percebi que ele se interessa por essas flores.

— Ele se interessa por tudo, já que pode se dar ao luxo de sustentar todas as suas manias.

Alana dançou com Shane e com outros dois rapazes e viu que o príncipe estava dançando com Charlotte.

Quando a música seguinte começou a ser executada, ela ouviu o príncipe perguntar:

— Permita-me o privilégio desta dança, lady Alana? Ela voltou-se para ele, sentindo-se perturbada.

— Com muito prazer. Eu me sinto esta noite, nesse salão maravilhoso, como se tivesse asas nos pés.

— Espero apenas que eles não voem para longe... — ele afirmou. — E fico feliz que esteja se divertindo com meus convidados.

Alana riu timidamente.

— Por que você está rindo? — o príncipe perguntou.

— Porque o senhor diz coisas que parecem ter sido extraídas de livros e que me fazem sentir, desde que cheguei aqui, como se estivesse vivendo um conto de fadas.

— Asseguro-lhe que tudo é muito real.

— Somente para o senhor.

— Por que está dizendo isso?

Ela ergueu o rosto e fitou-o divertida.

— Sempre ouvi comentários que o descreviam como um personagem de lenda, mais precisamente das “Mil e Uma Noites”.

O príncipe riu.

— Posso garantir-lhe que as pessoas que me conhecem mais profundamente sabem que sou real e bastante humano.

— Segundo alguns estudiosos, nós sempre temos uma imagem distorcida a respeito de nós mesmos — Alana disse provocante —, e estou certa, Sua

Alteza, de que se continuássemos a conversar sobre suas qualidades pessoais durante toda a noite, não chegaríamos à mesma conclusão.

— Que comentários ouviu sobre mim? — o príncipe perguntou. — E quem os fez?

Alana sorriu.

— Até os animais que vivem nos pântanos da Irlanda murmuram coisas sobre o senhor. Acho que mesmo os pássaros, ao sobrevoarem os mares, trocam notícias sobre a sua vida.

— Você está me surpreendendo — o príncipe comentou.

— Isso é outra ilusão de sua parte. Não deve ser novidade para o senhor que as pessoas falam de sua vida, em todos os lugares. Por que não admiti-lo e... divertir-se com o fato?

O príncipe riu e, em seguida, indagou:

— Qual a sua opinião sobre os comentários que ouviu? Gostaria de saber mais ainda: qual a sua opinião, agora que me conheceu?

— O que o senhor espera ouvir? — Alana respondeu. — Por acaso quer que eu diga que estou lisonjeada e profundamente impressionada com a importância de Sua Alteza?

— Agora você está zombando de mim — o príncipe disse. — E não estou acostumado a isso.

— É claro que não — Alana concordou. — Todos devem curvar-se diante de sua pessoa em atitude de adoração. Mas alguma vez o senhor já se perguntou se é a sua pessoa ou a sua posição que provoca tanta admiração?

— Você já está se excedendo e tornando-se impertinente — o príncipe disse irritado.

Segurou-a com mais força e rodopiou ao ritmo da valsa com tamanha rapidez, que Alana teve que calar-se durante algum tempo. Só quando começaram a dançar mais lentamente, ela completou:

— Sinto muito... se fui agressiva com o senhor. Peço... peço que me desculpe.

— Não me considero agredido — o príncipe comentou —, mas talvez nunca tenha sido tratado com tanta franqueza.

Pela expressão da boca de Alana, ele pôde adivinhar o que se passava em sua mente.

— Não posso admitir que todas as pessoas me admirem somente pela minha posição social como você insinuou — ele disse mal-humorado.

— Se fui indelicada ao destruir suas ilusões — ela continuou —, peço que me perdoe. Leve em consideração o fato de eu não estar habituada a relacionar-

me com pessoas tão importantes como o senhor. Talvez por isso não saiba como me portar em determinadas situações.

— Sempre pensei que as jovens de sua idade fossem gentis e meigas — o príncipe disse —, e que vissem o mundo através de lentes cor de rosa.

— O senhor tem razão — Alana retrucou —, mas algumas vezes o que elas vêem é tão ofuscante que são obrigadas a tirar as tais lentes.

— Sinto novamente, lady Alana, que continua zombando de mim. Alana suspirou.

— Peço que me desculpe. Desejei sinceramente que o senhor apreciasse essa nossa primeira dança. Agora, depois de tudo que lhe falei, talvez o senhor nunca mais me convide para dançar.

— Engana-se, lady Alana. Quero, dançar novamente com você para continuar esta nossa conversa — o príncipe disse com firmeza —, mas admito ter ficado um pouco desconcertado com suas palavras. Você mostrou-se completamente diferente do que eu havia suposto.

Alana fez um pequeno gesto com a mão.

— Inúmeras jovens presentes a esta festa farão e dirão exatamente o que Sua Alteza desejar.

— Creio que já deve ter percebido — o príncipe disse rapidamente — que eu as considero todas extremamente sem graça e maçantes.

— Então o senhor não deve reclamar por eu tê-lo deixado tão escandalizado e surpreso.

— Não estou escandalizado. “Curioso” seria a palavra mais adequada. Por falar nisso, que idade você tem?

— A mesma de Charlotte.

— Não acredito!

— Está bem — ela brincou. — Sou muito mais velha que ela, mas encontrei o segredo da juventude eterna, ansiosamente procurado desde os tempos remotos.

— Devo acreditar, então, que seu cérebro já ultrapassa a idade de cem anos?

— Tão pouco? Então creio ter que viver no mínimo mais um milhão de vidas até poder igualar-me à Sua Alteza.

O príncipe franziu a testa.

— Você está se referindo à reencarnação?

— Achei que o senhor estava se referindo a isso há pouco, apesar de ter sido um pouco irreverente ao tratar do assunto.

Ao trocarem seus olhares, sentiram como se estivessem prontos para

travar um duelo. Eles se mediam de cima a baixo, tentando penetrar no íntimo um do outro para desvendar o mistério que os envolvia.

Sem que percebessem, lady Odele havia se juntado a eles, e dirigiu-se ao príncipe com voz áspera:

— Francamente, Sua Alteza, não é necessário ficar parado no centro da pista de dança para conversar com lady Alana, mesmo tratando-se de um assunto tão interessante, a julgar pelo modo como parecem ter se esquecido dos demais convidados. Pobre Charlotte... ela me confessou há alguns minutos que está ansiosa para dançar novamente com você. O príncipe virou-se para Alana. Mas, naquele momento, como se tivesse adivinhado o que estava acontecendo, o visconde apareceu a seu lado.

— Você me prometeu a próxima dança, Alana.

— Sim, é claro — ela respondeu. E sorriu para o príncipe.

— Eu lhe agradeço, Sua Alteza, por essa oportunidade. Foi a dança mais agradável de toda a minha vida!

Lady Odele fuzilou-a com o olhar. Então, com o ar mais natural do mundo, Alana pegou no braço de Richard e foi conduzida em direção à porta.

Quando já haviam deixado o salão, ele disse:

— O que aconteceu? Percebi que algo não ia bem.

— Estava apenas fazendo o que você me recomendou — Alana afirmou — e acho que o príncipe surpreendeu-se com o que eu tive coragem de dizer-lhe.

— Sobre o que conversaram? — Richard perguntou, curioso.

— Sobre ele e sobre a reencarnação.

— Céus! Não é de se admirar que ele ficasse espantado! Alana deu um leve suspiro.

Recordou, por instantes, a sua conversa com o príncipe e concluiu que aquele assunto lhe era bastante familiar. Várias vezes comentara com seu pai assuntos relacionados ao Oriente, no passado.

Na época em que seu pai era vivo, freqüentemente eles discutiam sobre temas como a reencarnação e o ocultismo. Falavam também sobre a “linguagem esotérica dos sábios e iniciados”, como o Sr. Wickham costumava defini-la.

É claro, Alana pensou, que o príncipe ficara surpreso que uma jovem de dezoito anos, uma simples debutante do interior da Irlanda, tivesse conhecimento de tais assuntos e conseguisse manter um diálogo profundo a respeito deles.

Ela havia lido todos os livros sobre o Oriente que conseguira obter. Havia

uma razão especial para esse seu interesse, um motivo jamais revelado a ninguém.

Lady Odele fez tudo para impedir que o príncipe dançasse novamente com Alana.

Tarde da noite, quase de madrugada, Alana notou que Charlotte e Shane haviam desaparecido do salão. Saiu à procura do visconde para preveni-lo de que eles estavam se comportando de maneira imprudente.

Quando deu por si, o príncipe estava a seu lado.

— Você me parece preocupada — ele disse. — O que a perturba?

— Como poderia estar preocupada se tudo aqui é tão maravilhoso. Na verdade, nunca esperei poder viver uma noite tão encantadora como essa. Nem sei como agradecer a Sua Alteza pela amabilidade com que fui recebida em Charl.

— É, realmente não existe motivo para preocupações — ele concordou —, mas há pouco, quando você percorria o salão com o olhar, notei que algo a perturbava.

Alana não respondeu.

— Você possui os olhos mais estranhos que já vi em uma mulher — ele continuou. — São muito expressivos... e, ao mesmo tempo, não refletem nada.

— Há uma profunda contradição no que o senhor acaba de dizer

— Alana retrucou alegremente.

— Existe algo de misterioso neles. Ao mesmo tempo em que conseguem expressar com eloquência alguns de seus pensamentos, escondem segredos que, no momento, não tenho o poder de desvendar.

— E o senhor gostaria de desvendá-los? — ela perguntou. — Sinto-me lisonjeada pelo interesse que Sua Alteza está demonstrando pela minha pessoa.

— Se continuar a me tratar com tanto cinismo, serei obrigado a espancá-la — ele respondeu sorrindo. — Há poucos instantes, quando conversávamos seriamente, cheguei a sentir-me cativado pela sua capacidade de argumentação. No entanto, agora, você está sendo superficial, coisa que eu não suporto.

— Parece que, ao planejar essa festa, o senhor não teve a intenção de criar um clima de seriedade — Alana afirmou. — Por isso, como os camaleões, apenas tento enquadrar-me no ambiente em que me encontro.

— Então deixe-me mostrar-lhe um panorama completamente diferente

— o príncipe disse. — Quero ver qual será a sua reação. Segurou-a pelo braço, levando-a para fora do salão. Alana sentiu uma sensação estranha, um arrepio ante o desconhecido.

Ela não encontrava explicação para tal sentimento, mas também não fazia questão de entendê-lo.

Sabia apenas que queria estar com ele e não se arrependia desse desejo. Afinal, tudo condizia com os planos de Richard.

Atravessaram um longo corredor e, quando estavam quase chegando ao seu fim, o príncipe abriu uma porta.

O aposento não era iluminado com as lamparinas de gás encontradas em todos os outros recintos do castelo. Enormes velas, colocadas em castiçais habilmente esculpidos em ouro, que pareciam ter pertencido a alguma catedral antiga, iluminavam aquele ambiente quase mágico. Nas paredes do aposento, revestidas de seda dourada, encaixavam-se imagens e estatuetas deslumbrantes.

Assim que sua vista fixou-se naqueles ícones, antigos e lindos quadros de santos, Alana compreendeu que se tratava de peças antiqüíssimas e valiosas. Centenas deles cobriam as paredes, do chão quase até o teto. Uns eram bastante primitivos e desgastados pelo tempo; outros eram revestidos de pedras preciosas, que brilhavam à luz das velas.

Como alguns possuíam adornos de ouro, ela concluiu que, mesmo que não fossem os mais vistosos, deveriam ser os mais valiosos de toda a coleção.

Permaneceu em silêncio, percorrendo os olhos pelo salão e teve a sensação de que as imagens falavam com ela. Pareciam transmitir uma vibração extraordinária, que continha toda a sabedoria dos séculos.

Devem transmitir, ela pensou, o poder da fé neles impregnada, por aqueles que os adoraram e lhes dirigiram preces. Talvez tenham se transformado em verdadeiros elos de ligação entre o poder de Deus e o poder do homem.

Ela sentiu, com tanta intensidade, a força que irradiavam, que se esqueceu de tudo à sua volta, inclusive do príncipe a seu lado.

Por um momento, teve a sensação de estar sendo conduzida pela força da fé à presença de Deus.

Era isso o que sempre desejara em suas preces: “alcançar a força infinita do poder divino”.

Teve vontade de ajoelhar-se, contrita, mas a voz do príncipe quebrou a magia que a envolvia, quando o ouviu dizer suavemente:

— Conte-me o que está sentindo.

Com grande esforço, ela desviou os olhos dos ícones e fitou-o. Naquela penumbra, ele parecia ainda mais alto e muito mais imponente.

Como se uma força extraterrena a obrigasse a responder à pergunta, ela

disse:

— O senhor... — ela começou, mas parou ao perceber que toda aquela formalidade não tinha o menor significado naquele momento. Então, continuou: — Sabe perfeitamente que não existem palavras... para expressar o que sinto, e sei... que o mesmo acontece com você... Foi por isso que me trouxe aqui.

— Quero que me diga exatamente o que sentiu.

Alana olhou novamente para os ícones e murmurou em voz baixa, quase inaudível.

— Como posso descrever a emoção mais pura que consegue abalar um ser humano? Como posso explicar a mais profunda vibração que toca a alma?

Fez uma pausa. Então, prosseguiu lentamente:

— Deus está presente... aqui, e eu sei que você... também o sente. Ela virou-se para o príncipe e perguntou:

— Como é possível... que você atinja o mesmo estado de êxtase que eu?

— Para isso não existe resposta. Alana olhou novamente para os ícones.

— Durante toda a minha vida, busquei alcançar esta grande sensação e agora que... a tive, sei que não existem horizontes... somente o infinito.

O príncipe manteve-se calado, apenas segurou-a pela mão e levou-a para fora do aposento, fechando a porta cuidadosamente atrás de si. No corredor, ele disse:

— Sinto, por alguma razão que não consigo explicar, que nós dois possuímos um fascínio e um encanto por coisas extraterrenas. Mas, esta noite, não quero falar mais sobre isso.

Apressadamente, ele começou a andar pelo corredor e, em poucos minutos, estavam novamente na festa, animada pelas vozes alegres dos convidados e pelo ritmo de uma polca tcheca.

CAPÍTULO IV

Obedecendo as ordens de lady Odeie, após o chá, Charlotte e Alana subiam as escadarias do castelo, para descansar em seus quartos. Num dos últimos degraus, Charlotte pediu à amiga:

— Venha até o meu quarto. Quero falar com você. Dentro do aposento, com a porta trancada, Charlotte disse:

— Alana, estou com medo! Tia Odele não deixou o príncipe afastar-se do meu lado o dia todo. Sinto que a qualquer momento, ele irá propor-me casamento... Se isso acontecer, estarei perdida!

Alana sentou-se numa cadeira. Charlotte não havia exagerado: lady Odele tinha praticamente forçado o príncipe a ficar junto dela o dia todo.

Fora impossível não notar a revolta de lady Odele quando, na noite passada, ela e o príncipe haviam retornado juntos ao salão de festas. Apesar de o príncipe ter ido imediatamente dançar com outra jovem, lady Odele desconfiara de que algo acontecera entre eles.

Ao deitar-se, após o baile, Alana ficara acordada por longo tempo, recordando-se do que havia acontecido. Quanto mais pensava, menos compreendia a situação.

Sabia apenas que a emoção que sentira naquele estranho recinto era a mesma experimentada pelo príncipe.

Não conseguia entender por que tinha certeza disso. Apenas tinha noção de que as palavras que dirigira ao príncipe eram absolutamente espontâneas. Não tivera tempo de premeditar: fora como se ele a tivesse forçado a dizer somente a verdade.

O fato dele ter um aposento daqueles, oculto no castelo, parecia-lhe simplesmente assombroso.

Não combinava com sua reputação de um milionário unicamente à procura dos prazeres da vida e, muito menos, com sua imagem de um homem de negócios inteligente e brilhante, admirado por políticos e fadistas.

Em todos os comentários que ouvira sobre sua vida, ninguém fizera menção ao lado espiritual de sua personalidade. Não consigo compreendê-lo, Alana disse a si mesma.

Pensou também que centenas de mulheres provavelmente já teriam ficado intrigadas com isso, mas nunca haviam obtido uma resposta.

Ele era realmente um enigma!

Estranhava ainda mais o fato de ele ter evitado qualquer contato com ela durante o dia de hoje.

O que eles haviam sentido naquele aposento sagrado não os aproximara como era de se esperar. Parecia que eles se manteriam, a partir de agora, afastados definitivamente.

Alana sentiu a mudança logo pela manhã, quando todos se reuniram. lady Odele já havia decidido o que iriam fazer durante todo o dia.

— Achei que nesta manhã — ela disse —, vocês gostariam de visitar o antigo convento, que fica nos limites das terras de Sua Alteza.

Ela olhou para fora da janela e prosseguiu:

— O dia está magnífico e sei que você, querida Charlotte, gostaria muito de cavalgar na companhia de Sua Alteza.

O príncipe, que entrara na sala nesse instante, olhou fixamente para D, leio rosto de lady Odele.

Ao vê-lo ela sorriu-lhe insinuantemente e acrescentou:

— Você ficará impressionado, Sua Alteza, com a destreza de Charlotte ao cavalgar. Sei também que ela está ansiosa para ver o mais exímio cheiro da Europa montar seu famoso garanhão negro.

Nesse momento, lady Odele olhou para Shane.

— E você, Shane — disse ela —, poderá levar sua prima a um passeio em uma das carruagens de Sua Alteza, especialmente construída desenvolver alta velocidade. Quanto a você, Richard, quero que seja meu acompanhante.

Ela havia pensado em tudo, Alana concluiu, para que Charlotte ficasse a sós com o príncipe.

Meia hora depois que eles deixaram o castelo, ela percebeu o quanto Charlotte estava bonita no seu traje de montaria. Seria impossível a qualquer homem não se sentir atraído por ela.

O mesmo pensamento deve ter passado pela mente de Shane. Ao Cessarem os portões do castelo, ele viu o príncipe e Charlotte partiu a galope pela estrada, e disse num tom amargo:

— Como poderei competir com um homem como ele? Alana olhou para ele, surpresa.

— Você não deve duvidar do amor de Charlotte!

— Ela é muito jovem — Shane respondeu — é veja tudo o que ele pode lhe dar! Ontem à noite cheguei à conclusão de que será melhor para todos eu retornar à Irlanda o mais rápido possível.

— Não posso acreditar que esteja falando sério.

— Oh, Deus, já nem sei o que pensar! — Shane exclamou.

— Conheço Charlotte há algum tempo — Alana disse — e posso garantir-lhe que ela o ama verdadeiramente. Você faz parte de sua vida e, se ela o perder, terá destruído a única esperança de alcançar a felicidade total.

— Você acha realmente isso?

Ele deixou os cavalos seguirem, propositadamente, num trote mais lento. Como Richard e lady Odele já se encontravam bem à frente, Alana concluiu que ninguém os ouviria. O assunto que discutiam era muito importante.

— Pensei muito — ela disse — e estou certa de que você e Charlotte não estão enfrentando corretamente essa crise.

— O que está querendo dizer?

— Mesmo que o príncipe não a peça em casamento — Alana ponderou — os pais dela poderão obrigá-la a esposar outro homem.

Shane encarou-a profundamente e ela viu uma dor profunda estampar-se em seu rosto.

— O que está insinuando? — ele perguntou.

— Você tem que ser corajoso e tomar uma decisão definitiva, seja qual for — Alana respondeu. — Talvez nosso plano dê resultado, mas sei que você continuará a sofrer sempre que Charlotte viajar para Londres para participar de bailes e festas sociais. Como seus pais já tinham planejado antes de lady Odele surgir com a proposta do príncipe, Charlotte seria apresentada à sociedade e ficará cada vez mais difícil vocês ficarem juntos.

— O que posso oferecer a ela? — Shane perguntou. — Mesmo que conseguíssemos nos casar, o que é praticamente impossível, não tenho condições de assegurar-lhe um futuro à sua altura.

— Vou dar-lhe algumas sugestões — Alana disse docemente. — Você deve primeiro acreditar em si mesmo. Meu pai sempre dizia que, se uma pessoa deseja ardentemente alguma coisa, ela a conseguirá. Para isso é preciso ter coragem e fé.

Nesse instante, Alana lembrou-se do aposento sagrado do príncipe e do sentimento que os ícones despertaram em seu ser.

— Talvez você se sinta constrangido de falar sobre esse assunto — ela continuou —, mas existe uma força suprema que tem o poder de nos ajudar em nossos momentos de desespero.

Novamente Shane olhou para ela, surpreso.

— Eu sei o que você está tentando me fazer entender — ele disse — e confesso que tenho sido covarde e não tive confiança em mim, nem em Charlotte.

Sorrindo, Alana disse:

— Uma vez que você decide exatamente o que quer e sabe qual o melhor caminho para conquistar a felicidade completa, não há obstáculo que não possa ser superado e nem dificuldade que não possa ser vencida.

— Mas é claro que você está certa! — Shane exclamou.

Com um novo brilho no olhar, ele se ajeitou melhor no assento da carruagem.

Sentindo, então, necessidade de expressar seus sentimentos por meio de ações, ele incitou os cavalos a galopar velozmente até alcançarem Richard e lady Odeie.

O convento antigo estava em ruínas. Apesar de conservar seu significado histórico, Alana sabia que o passeio tinha sido apenas um pretexto para que o príncipe e Charlotte pudessem cavalgar juntos, a sós, sem serem observados pelos outros, que foram obrigados a seguir pelas estradas.

Quando retornaram para o almoço, várias pessoas que vieram a cavalo para testar a nova pista de corridas que o príncipe mandara construir, já tinham chegado.

— Espero que você tenha manifestado à Sua Alteza a admiração pelo seu modo elegante de cavalgar e de dominar o animal — Alana ouviu lady Odele dizer rispidamente a Charlotte.

— Sim, é claro, tia Odele — Charlotte respondeu, submissa.

— Não se esqueça de que todos os homens, mesmo os mais importantes, gostam de elogios — lady Odele a aconselhou. — Vá dizer-lhe, agora, que ficou impressionada com a sua agilidade ao saltar aquele obstáculo.

Obedientemente, Charlotte quis juntar-se ao príncipe, que ainda estava montado em seu garanhão negro.

Mas, antes que pudesse alcançá-lo, ela viu Shane conversando com seu irmão e parou ao lado deles, esquecendo-se das ordens de sua tia.

Quando lembrou-se de que tinha forçosamente que falar com o príncipe, este já havia desmontado de seu garanhão e estava ocupado em inspecionar outros cavalos.

Os lábios contraídos de lady Odele demonstravam que ela tinha ficado furiosa.

Buscando uma vítima para descarregar toda a sua ira, lady Odele virou-se para Alana e disse friamente:

— Espero, lady Alana, que, por ser amiga de minha sobrinha há tantos anos, você faça o possível para contribuir para a felicidade dela, ao invés de tornar-se um obstáculo para esse fim a que nos propomos.

Alana fingiu-se surpresa com a declaração e respondeu timidamente:

— Esteja certa, lady Odeie, de que desejo sinceramente ver Charlotte feliz.

— Aconselho-a, então, a mudar o seu comportamento. Não tente novamente monopolizar a atenção de Sua Alteza, como o fez ontem à noite. Para o seu próprio bem, devo dizer-lhe que considere suas maneiras bastante vulgares, para uma jovem da sua idade.

Sem esperar pela resposta de Alana, ela simplesmente virou-lhe as costas. Apesar de sua expressão mal-humorada, lady Odele mantinha a elegância e parecia ainda mais bonita do que na noite anterior.

Quando deixaram a pista de corrida e retornaram ao castelo, os convidados se despediram. Lady Odele mandou as duas moças irem descansar em seus quartos, pois ela própria estava exausta e queria repousar.

O príncipe já havia se retirado. Alana pressentiu de novo que ele a estava evitando de propósito. Não lhe dirigira uma única palavra sequer durante todo o dia.

— Você precisa manter o príncipe afastado de mim, Alana — Charlotte estava dizendo. — Tenho medo de ficar a sós com ele.

— Mas isso não é fácil.

— Por que não? Ele estava profundamente interessado em você durante o baile.

— Acho que ele já se arrependeu do que aconteceu ontem à noite.

— Arrependeu-se? — Charlotte perguntou. — O que você quer dizer com isso? O que ele fez?

Alana sentiu que tinha se traído. Não queria revelar a ninguém, nem mesmo a Charlotte, que o príncipe a levara àquele estranho recinto. Disfarçou e disse:

— Conversamos sobre assuntos sérios e percebi, naquele momento, que ele estava apenas interessado em ouvir minhas opiniões. Agora, creio que ele está mais empenhado em manter o propósito inicial de casar-se com você.

Charlotte soluçou, demonstrando seu sofrimento.

— Não pode... ser verdade! Oh, Alana, isso não... pode acontecer!

— Fique calma, Charlotte, vamos tentar impedir — Alana falou tentando acalmar a amiga. — Só estou lhe dando a minha opinião sobre os sentimentos do príncipe.

— O mais importante de tudo — Charlotte disse desesperadamente, — é evitar que eu fique a sós com ele.

— Concordo com você — Alana respondeu —, mas não sei o que fazer para impedir isso.

Charlotte, muito agitada, andava de um lado para outro do quarto.

— Preciso falar com Shane — ela disse subitamente. — Quero contar-lhe tudo o que estou sentindo.

— Shane sabe, porque está passando pelo mesmo problema — afirmou. — Tenha mais cuidado, Charlotte! Se sua tia descobrir o que você sente por Shane, pode ficar certa de que as conseqüências serão desastrosas e, provavelmente, você será afastada dele para sempre.

— Você prometeu me ajudar... você prometeu! — Charlotte insistiu.

— Vou tentar, fique tranqüila — Alana disse, acalmando-a.

— Agora, venha, escolha um vestido — Charlotte falou. — Por favor, transforme-se na mulher mais maravilhosa do mundo, para que o príncipe não tire os olhos de você.

Elas foram até o quarto, onde estavam as roupas de Charlotte, que abriu impetuosamente todos os armários.

— Deve haver algum vestido aqui, que a fará chamar a atenção sobre os outros convidados.

Alana ficou em silêncio, mas sabia que seria difícil.

A festa desta noite seria ainda mais pomposa do que a anterior. Ela ouvira lady Odele comentar que haveria um baile de gala, no luxuoso salão de festas.

Se mais uma vez lady Odele se mostrasse determinada a mantê-la em segundo plano, certamente ela passaria despercebida. Parecia-lhe também que o próprio príncipe já tinha decidido evitá-la.

Quanto mais refletia sobre o estranho comportamento dele, mais se certificava de que ele se arrependera de tê-la levado à sua sala secreta.

Com certeza, Alana concluiu, ele se lamenta por não ter resistido ao impulso de mostrar-me parte de seu segredo.

Na verdade, o próprio príncipe estava confuso. Recusava-se a acreditar que eles estavam absolutamente ligados um ao outro, de uma maneira difícil de ser explicada.

Na noite passada, eles haviam compreendido mutuamente que se interessavam pelas mesmas coisas.

Não só lady Odele, mas a maioria das pessoas não poderia entender o que se passara entre eles, Alana pensou.

Mas o príncipe não era um homem comum. E ela sabia, por várias experiências anteriores, que também não era uma pessoa comum.

— Ele voltou as costas para mim — ela refletiu. — Ele não quer aprofundar-se mais... não quer compreender a força que nos une...

Lembrou-se, então, que o príncipe dissera que ela escondia segredos em

seus olhos. Mas também estava convicta de que ele preferia, no íntimo, casar-se com uma jovem inglesa, como Charlotte, que não tivesse mistérios nem percepções extraordinárias.

Como ela poderia desafiar o rigoroso autocontrole do príncipe e, ao mesmo tempo, compreender seu estranho poder, que tanto podia ser usado para o bem como para o mal?

— Deve haver algo aqui que a tornará diferente e, desse modo, poderá atrair a atenção dele — Charlotte insistia.

Alana olhou para o deslumbrante guarda-roupa de vestidos luxuosos, feitos de tule, cetim, crepe e renda, a maioria deles brancos.

Então lembrou-se da fita que usara no pescoço na noite anterior.

— Onde está o seu vestido enfeitado com violetas de Parma? — ela perguntou.

— Eu o usei somente na primavera, quando estava de luto pela morte de vovó — Charlotte respondeu. — Mas ele veio junto, porque pedi às criadas que colocassem nas malas todos os meus trajes.

Ela abriu o último armário e Alana viu vários vestidos pendurados de diferentes cores: rosa-claro, azul e amarelo.

Aproximou-se mais e encontrou um traje preto, que tirou do cabide.

— Mamãe mandou fazer esse vestido para mim no primeiro mês de luto — Charlotte explicou. — Mas depois permitiu que eu usasse roupas brancas e cor de malva.

— É muito bonito — Alana disse pensativa.

Tinha sido feito para uma jovem. Não era, portanto, uma roupa triste, que lembrasse dor e lágrimas.

Era de renda bordada e enfeitado com fitas pretas de veludo. Tinha pregas na frente, muito em moda nos círculos sociais, que acentuavam a cintura delgada e a elegância do corte.

Bordados de fio prateado na parte de trás e um laço de veludo preto na cintura davam um toque especial ao traje.

De repente, os olhos de Alana brilharam como se estivesse planejando alguma travessura.

— Vou usar este vestido — ela disse. — Certamente todos ficarão surpresos, mas eu tenho uma excelente idéia.

— Preto! — Charlotte exclamou. — Você tem certeza, Alana? Lembre-se de que você tem que parecer bem mais atraente do que eu.

— Você verá, vou parecer fantástica — Alana disse animada. Ela pegou o vestido e beijou o rosto de Charlotte.

— Anime-se — ela disse. — Algo me diz que tudo correrá bem para você e Shane.

— Como sabe?

— É uma intuição mágica igual àquela que você atribuiu ao meu pai. Charlotte estava radiante.

— Você está falando sério?

— É claro — Alana respondeu. — Não diria nada se não tivesse “certeza.

— Agora você está conseguindo me restituir a alegria de viver — Charlotte disse. — Se eu não conseguir falar com Shane no começo da noite, será que você poderia dizer-lhe que o amo muito?

— Acho que ele já sabe — Alana falou sorrindo. — Mas fique tranqüila que eu lhe darei o recado, se for preciso.

Ela foi para o seu quarto, onde a criada a esperava para ajudá-la a tirar a roupa e poder descansar um pouco.

— Posso pedir-lhe um favor? — Alana perguntou.

— Claro, milady.

— Gostaria que os jardineiros me arrandassem algumas flores brancas. Devem ser pequenas e delicadas. Além disso, preciso que me tragam uma grande quantidade delas.

— Que tipo de flores, milady?

— Qualquer tipo — Alana respondeu. — Talvez eles não tenham muitas flores brancas, mas peça-lhes que procurem.

A criada parecia não estar compreendendo muito bem o pedido de Alana. E ficou ainda mais surpresa ao ver o vestido preto sobre a cômoda. Então, ela disse:

— Acho que a senhora realmente precisará de muitas flores para alegrar o vestido! Não haverá muitas damas usando trajes pretos, especialmente tratando-se de um baile.

— É exatamente o que pensei — Alana disse calmamente.

Mais tarde, quando a moça estava arrumando seu cabelo, ouviu uma batida na porta. Era uma criada trazendo as flores encomendadas.

Quando Alana viu as flores não conseguiu conter uma exclamação de alegria.

Os jardineiros não a haviam desapontado. Havia dúzias de orquídeas, das mais simples às mais exóticas, todas brancas e muito frágeis.

Com a ajuda da criada, Alana prendeu as orquídeas no decote do vestido. Muito satisfeita, notou que, além de realçar o seu corpo bem talhado, ele acentuara também a brancura translúcida de sua pele.

As orquídeas davam-lhe um toque de fantasia e não havia dúvida de que ela nada se assemelhava a uma debutante de sociedade.

Com as demais flores, ela compôs uma tiara, que cobria parte de sua delicada cabeça, como se fosse uma auréola celestial. Esse detalhe deu-lhe um ar angelical, ao mesmo tempo em que fazia sobressair ainda mais a sua beleza.

— Nunca vi um vestido tão bonito como este, milady! — a criada exclamou. — Nunca pensei que um traje negro pudesse tornar-se tão fantástico!

— Obrigada — Alana disse.

— Sem dúvida, a senhorita será a rainha do baile! — a criada disse, impressionada com a beleza de Alana. Depois, acrescentou: — Mas lady Odele não... — e interrompeu, arrependendo-se do que ia dizer.

Alana sabia perfeitamente ao que ela se referia.

— Você quer dizer que lady Odele não aprovará o vestido, não é?

Como estava decidida a ajudar Charlotte atraindo a atenção do príncipe para si, Alana propositadamente esperou que alguns convidados chegassem primeiro, para então descer ao salão.

Haveria mais de cem convidados para o jantar. E ela já tinha ouvido várias carruagens aproximarem-se da entrada principal. Antes de descer, olhou-se no espelho pela última vez.

Então, saindo do seu quarto, dirigiu-se para a enorme escadaria que levava ao hall construído em mármore.

Ao descer os degraus, tinha a sensação de estar participando não de uma simples peça teatral, mas de uma majestosa cena de ópera.

Ninguém imaginaria tratar-se simplesmente de Alana, a jovem que ajudava a tomar conta dos filhos do vigário. Afinal, ela estava vestida como a atriz principal de uma peça, criada para enganar e iludir um dos mais notáveis homens da Europa.

De repente, como se uma mão gélida destruísse toda a sua autoconfiança, ela sentiu que talvez seus esforços não dessem resultado e que o príncipe continuaria a ignorá-la, como o fizera durante todo o dia.

Nesse caso, ela fracassaria em sua tentativa de ajudar Charlotte. Teria então que retornar à casa do vigário, sem poder, futuramente, nem mesmo contar com o apoio da amizade de Richard.

Estava quase no hall, quando se lembrou do que havia dito a Shane durante o passeio ao convento.

— Preciso esforçar-me para atrair a atenção do príncipe! E vou conseguir! — ela murmurou decidida. — Não estou lutando por mim, mas por Charlotte

e por coisas certas e justas. Conto com o grande poder para me ajudar... se eu souber usá-lo.

Pensou uma vez mais nos ícones ocultos no aposento secreto do príncipe e, de repente, sentiu um forte desejo de ir até lá para pedir-lhes ajuda.

Mas sabia que o apoio de que necessitava não era exclusividade deles e que estava a seu alcance, como sempre. Bastava apenas ter fé o suficiente para entrar em contato com aquele poder mágico.

Alana susteve a respiração e, ao atravessar o hall, sentiu como se a sua necessidade de ajuda tivesse percorrido o espaço, alcançando os céus.

Com a cabeça erguida e mantendo expressão firme em seus olhos grandes e escuros, fixados em seu pequeno rosto, ela entrou no salão.

O príncipe encontrava-se próximo à porta, esperando para receber alguns convidados, que ainda não tinham chegado.

Quando Alana ultrapassou a soleira da porta, seus olhares se cruzaram. Por um momento, pareceu que ele a reconheceria não como mais uma de suas convidadas, mas como um ser quase sobrenatural.

Ela ficou imóvel e nenhum deles pronunciou uma palavra sequer.

Não havia necessidade de diálogo. Uma sensação infinita tomava conta de ambos, e somente a música poderia expressar aquela emoção.

Mais tarde, Alana se perguntou por quanto tempo eles haviam ficado ali, parados, fitando-se em silêncio, até que lady Odele quebrou o encanto, dizendo agressivamente:

— Você está atrasada, lady Alana! E que idéia a sua de usar um vestido desses!

Com esforço, Alana desviou os olhos do príncipe e voltou-se para o rosto severo de lady Odele.

— Sinto muito se a senhora não aprecia o vestido que escolhi.

— A cor preta fica ridícula numa jovem como você — lady Odele respondeu com cinismo. — E essas flores que usa são ostensivas e extremamente teatrais.

— Mas foi a senhora mesma que me aconselhou a usar flores brancas — Alana afirmou.

Retirou-se, então, com ar cabisbaixo e viu, com alívio, que o visconde se dirigia apressadamente em sua direção.

— Você está maravilhosa! Simplesmente encantadora! — ele exclamou.

Quando Alana pegou uma taça de champanhe que lhe foi oferecida em uma bandeja de ouro, ele acrescentou em voz baixa:

— Quando tudo isso terminar, faremos planos para o seu futuro. Você não

pode voltar à casa do vigário.

Alana sorriu.

— Não há outra alternativa... e me sinto... feliz naquele emprego.

— É simplesmente impossível aceitar que você passe o resto de sua vida trabalhando na casa do vigário em Brilling — o visconde disse.

Havia uma certa emoção na voz dele e Alana revidou rapidamente:

— Onde está Charlotte?

Num segundo, ela se afastou do visconde e, enquanto atravessava o salão, sentiu que os olhos dele a acompanhavam.

O jantar era ainda mais requintado e sofisticado que o da noite anterior.

Ao terminar, como sempre, as mulheres se retiraram à sala de estar. Alana percebeu que lady Odele arrastara Charlotte para o seu lado e estava dando-lhe algumas instruções especiais.

Pelo olhar de Charlotte, pôde notar também que ela estava assustada, e ficou imaginando o que estavam conversando. Quando os cavalheiros se juntaram às damas, lady Odele anunciou:

— O baile desta noite será realizado no salão prateado. A orquestra já está a postos, pronta para iniciar a música.

Ouviram-se exclamações de alegria e entusiasmo e os convidados mais jovens dirigiram-se imediatamente para o aposento mencionado. Alana percebeu, também, que um grupo de pessoas mais velhas, incluídas na lista de convidados, havia ficado para trás.

Lady Odele dirigiu-lhes, então, um dos seus famosos sorrisos diplomáticos.

— Sei perfeitamente que o senhor, lorde Sandford, o senhor conde de Brion, e é claro o coronel Fawcett não desejam dançar esta noite. Por isso, organizei uma pequena surpresa para que os senhores e o resto do grupo possam divertir-se à vontade na sala de jogos. Sei que me agradecerão, porque escolhi justamente o jogo preferido de todos.

— Bacará! — o coronel exclamou antes que lorde Sandford pudesse falar.

— Bacará! — lady Odele confirmou. — Agora, dirijam-se para o salão de jogos. O príncipe e eu nos juntaremos a vocês mais tarde.

Quando os jovens já estavam entrando no salão prateado, Alana percebeu que Charlotte não se encontrava entre eles. Para poder observar melhor a cena, ela se escondeu atrás de enorme arranjo de flores.

Quando o grupo dos mais idosos se dirigia ao salão de jogos, ela ouviu lady Odele dizer:

— Antes de juntar-se aos outros para dançar, Charlotte, Sua Alteza

gostaria de mostrar-lhe o salão de música, um dos aposentos mais fascinantes do castelo.

Nesse momento, lançou ao príncipe um olhar muito significativo, e seguiu os demais convidados em direção ao salão de jogos. Enquanto andava, os babados de renda de seu vestido farfalhavam elegantemente de um lado para outro.

Charlotte parecia um animalzinho assustado. Com os olhos, cravados em seu rosto pálido, observava o príncipe como se estivesse hipnotizada.

Ele se aproximou, dizendo:

— Que tal fazermos o que sua tia sugeriu? Sinto que não tenho escolha, a não ser obedecer às ordens dela.

Charlotte conteve seu ímpeto de gritar e, então, respondeu:

— Teria muito prazer em conhecer o salão de música, mas gostaria que Alana nos acompanhasse. Ela aprecia muito música e sei que ficaria encantada em poder visitar este aposento do castelo, não é, querida?

Voltou-se para o local onde vira Alana esconder-se, com uma expressão de súplica no olhar, que era impossível deixar de atender. Alana saiu de trás das flores e aproximou-se.

— Eu adoraria conhecer o salão de música — ela disse —, quer dizer, se Sua Alteza não se incomodar com a minha presença.

Enquanto falava, sentia o olhar de reprovação do príncipe, que tinha planejado ficar a sós com Charlotte.

Com um leve sorriso zombeteiro, ele respondeu:

— Mas é claro que não me oponho! Sinto-me honrado na companhia de duas mulheres tão belas!

Alana segurou a mão de Charlotte.

Percebeu, através da pressão de seus dedos e pelo nervosismo demonstrado, que sua amiga estava aterrorizada.

Eles atravessaram o hall, sendo conduzidas pelo príncipe por um corredor enorme, decorado com quadros magníficos e móveis valiosos.

Mesmo distantes do salão de festas, podiam ouvir a música executada pela orquestra. Alana ficou imaginando se Shane sabia que Charlotte tinha sido impedida de juntar-se aos convidados mais jovens. O que ele estaria sentindo naquele instante? Com certeza, teria milhares de dúvidas em sua mente. Alana sentiu pena dele.

Caminharam por um longo tempo. Alana compreendeu, então, por que lady Odele havia escolhido justamente o salão de música. O aposento ficava do outro lado do castelo e lá Charlotte e o príncipe não seriam vistos por

nenhum convidado.

O príncipe abriu a porta de uma suntuosa sala com colunas de mármore, paredes cobertas de pinturas chinesas e o teto em forma de cúpula.

Era uma sala encantadora e apropriada para um romance. Quando Alana viu os enormes vasos de flores e sentiu o perfume que exalavam, concluiu que se tratava obviamente do cenário perfeito para um pedido de casamento.

Para que Charlotte não ficasse ainda mais nervosa, ela exclamou alegremente:

— Tudo aqui é maravilhoso! E pelo que pude ver Sua Alteza possui uma apreciável coleção de instrumentos musicais.

Alana já tinha visto o piano, um raro Steinway decorado com pinturas em estilo francês.

Em outra parte do salão, ela deparou com uma harpa antiga e também com um cravo esculpido em madeira que deveria ter sido construído há pelo menos um século.

Apesar de não estar olhando diretamente para ele, Alana sabia que o príncipe, conservando ainda um sorriso cínico nos lábios, estava acompanhando atentamente seus gestos.

Como o propósito inicial do príncipe tinha sido impedido de realizar-se, apesar de ter levado as duas moças para aquele salão, ele não tinha a intenção de comportar-se como um anfitrião formal.

Quando Alana começou a achar que ele iria dizer que, após terem visto o salão poderiam voltar ao baile, teve uma surpresa.

Sobre uma mesa de canto havia um violino. Bastou que desse uma rápida olhada para poder comentar:

— Um Stradivarius! — ela exclamou.

Ela esticou a mão para tocar delicadamente o instrumento.

— Sim. Como você o reconheceu? — o príncipe perguntou, espantado.

— Como não reconhecer um instrumento como este? — Alana perguntou.

— Fale-me um pouco sobre ele.

Por um momento, ela tinha esquecido que estava falando com um príncipe e o pedido foi uma ordem.

— Foi construído em 1733 — ele respondeu. — Sempre pertenceu à minha família e, por essa razão, continua em tão perfeito estado.

— Que maravilha!

Sem pedir permissão, Alana pegou o violino nas mãos, e então disse suavemente:

— Se eu pudesse tocar esse violino, eu seria a pessoa mais feliz do mundo!

— Você sabe tocar violino? — o príncipe perguntou.

— Mas é claro que ela sabe! — Charlotte disse. E acrescentou sem pensar:

— Seu pai f oi...

Só então percebeu o erro grave que ia cometer. Mas o príncipe não estava ouvindo suas palavras. Ele tinha os olhos fixos em Alana.

— Então, por que não toca para nós? — ele sugeriu.

— Está falando sério?

Alana irradiava alegria, e, sem dizer mais nada, afinou rapidamente as cordas do instrumento. Apoiou o violino no ombro e pegou o arco.

Hesitou, por um instante, mas depois começou a tocar suavemente uma das peças de Mozart que compunham a “Flauta Mágica”. Mozart sempre fora o compositor preferido de seu pai.

Quando os primeiros acordes ecoaram na sala, ela sentiu que nunca havia tocado com tamanha perfeição. Aquele instrumento era um raro objeto de arte e obedecia perfeitamente a seus comandos. Aquele concerto inesperado parecia preencher todo o salão.

Quando terminou a peça, sentiu vontade de continuar tocando e, sem pausa nenhuma, começou a executar uma composição de seu pai.

A música era dedicada à memória de sua mãe. Soava como um grito de solidão, de dor.

Mais ainda, era uma declaração de amor, que não morreria jamais, um sentimento tão completo, que transcendia. Parecia provar mais uma vez que tanto a vida como o amor nunca acabam.

Terminava com um crescendo que conseguia transmitir toda a paixão de um coração sofredor que, mesmo em momentos de dor, ainda conservava sua fé.

Alana estava profundamente emocionada, como sempre ficava toda vez que seu pai tocava essa canção. E, quando o último acorde perdeu-se no silêncio, copiosas lágrimas rolavam pelo seu rosto.

Somente após dar um profundo suspiro e colocar o violino no colo, ela percebeu que o príncipe estava apoiado a uma das colunas de mármore e que Charlotte deixara o aposento.

Por um momento, sentiu-se incapaz de falar, tão ligada estava ao mundo da música. Não conseguia encontrar força para voltar à realidade.

Repôs o instrumento onde o encontrara e, com cuidado, depositou o arco a seu lado. Só então se deu conta de que seu rosto estava banhado em lágrimas.

Alana começou a mexer no cinto à procura de um lenço. Mas, antes que pudesse encontrá-lo, o príncipe atravessou a sala e parou ao seu lado.

Tirando um lenço do bolso, enxugou as lágrimas do rosto de Alana.

Nesse instante ela percebeu, com uma intensidade assustadora, que, além de seus rostos, seus corpos praticamente também se tocavam.

Por alguns segundos, eles permaneceram imóveis apenas fitando-se nos olhos, até que, de repente, como se ainda estivessem sob o efeito da magia da música, como se tivessem sido transportados para outro mundo, os braços do príncipe envolveram Alana e seus lábios se uniram.

Era inevitável. Eles não ficaram surpresos, porque sabiam que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer. Seus destinos tinham sido traçados há muito tempo e ambos sabiam que não tinham o poder de modificá-los.

Durante apenas alguns segundos, os lábios dele mostraram-se pouco ardentes. Mas os sentimentos gerados pela música, que se resumiam na fé e na glorificação do amor que excede a morte, o assaltaram impetuosamente e o príncipe beijou Alana com paixão.

Ela sentiu uma emoção tão forte, tão arrebatadora que pensou estar vivendo um sonho.

Aquele beijo era a resposta que procurara para todo o encantamento que sentira desde que chegara a Charl. Além de tudo, correspondia também à sensação que brotara em sua alma na noite passada, quando visitara o recinto sagrado.

Eles fundiram seus corpos numa só alma e Alana sentia que os lábios do príncipe tornavam-se mais exigentes, mais possessivos a medida em que ele a abraçava com mais força e paixão.

O amor fluía através de seus corpos e de suas almas.

Alana não soube dizer por quanto tempo permaneceram abraçados, beijando-se apaixonadamente. Somente quando o príncipe ergueu o rosto, ela se deu conta de que cada célula de seu corpo vibrava de emoção.

O sentimento que a invadiu foi tão intenso, que ela apoiou a cabeça nos ombros dele, como se estivesse pedindo proteção. |

Ele baixou o rosto, contemplando demoradamente as feições delicadas e rosadas da jovem, os expressivos olhos que transmitiam toda a felicidade da alma, a boca que irradiava sensualidade.

Não havia necessidade de palavras, pois ela sabia exatamente o que ele estava sentindo.

Um impulso repentino levou-o a beijá-la novamente, com mais paixão... mais ardor. Longe do mito de príncipe famoso, endeusado por todos, naquele instante ele era simplesmente um homem que a desejava como mulher...

CAPÍTULO V

Quando Alana começou a tocar o violino e Charlotte percebeu que o príncipe a ouvia, deliciado, retirou-se silenciosamente do recinto. E, tão logo saiu do salão, teve certeza de que sua fuga não havia sido notada.

Atravessou correndo o corredor pelo qual tinham passado há poucos instantes, sentindo-se como se tivesse fugido de uma armadilha astutamente armada por sua tia e que parecia impossível de se escapar.

Ao aproximar-se do salão de festas, ouviu a música da orquestra. Andou com cautela, imaginando como faria para encontrar-se com Shane.

Lembrou-se de que sua tia havia se juntado ao grupo que estava jogando cartas. Mas, após ter acomodado os convidados no salão de jogos, ela poderia também ter retornado ao baile para ver se tudo estava correndo bem.

Por precaução, Charlotte não entrou no salão de festa pela entrada lateral, que ficava na outra extremidade do corredor.

Espiou sorrateiramente pela porta entreaberta e viu que os jovens dançavam animadamente uma quadrilha.

Charlotte percorreu o salão com os olhos, à procura de Shane. Ele estava parado do outro lado da pista de dança, com uma taça de champanha nas mãos, conversando com um homem.

Encarou-o com insistência, na esperança de que ele notasse a sua presença. Quando ele a avistou, ela fez-lhe um sinal com a mão e escondeu-se novamente no corredor.

Alguns segundos depois, Shane estava a seu lado.

— O que aconteceu? — ele perguntou. — Por que você está aqui sozinha?

— Já vou contar-lhe tudo — Charlotte disse. — Mas é melhor encontrarmos... um lugar onde ninguém nos veja.

Havia um certo nervosismo em sua voz, que não passou despercebido a Shane. Segurando-a pela mão, ele a conduziu à sala de estar que se encontrava vazia. ,

Assim que entraram, ele trancou a porta.

Imediatamente, Charlotte atirou-se em seus braços, dizendo:

— Oh... Shane... Shane, eu o amo! Diga... que também me ama.

— Você sabe que eu a amo, querida — ele respondeu. — Mas o que a deixou assim tão transtornada?

Então, como se nada no mundo importasse a não ser aquele forte contato entre eles, seus lábios se encontraram num longo beijo, que os deixou sem fôlego.

— Eu o amo... com paixão — Charlotte exclamou quando ele levantou o rosto. — Se não me casar com você... eu... juro que me matarei!

Shane beijou-a novamente. Levou-a até o sofá, onde se sentou a seu lado.

— Conte-me o que aconteceu depois que a deixei no hall — ele pediu. — Eu queria esperá-las, mas achei arriscado.

— Tia Odele obrigou-me a ficar para trás — Charlotte explicou. — Ela disse que o príncipe queria mostrar-me o salão de música.

Nesse momento, Shane endureceu sua fisionomia, mas permaneceu em silêncio.

— Quando tia Odele fez o convite — ela continuou — o pretexto fora inventado para que o príncipe ficasse a sós comigo e pudesse fazer o pedido de casamento. Se tudo corresse como tinha sido planejado, ela sem dúvida anunciaria oficialmente o noivado... no baile de amanhã.

— Sem antes consultar seu pai e sua mãe? — Shane perguntou, tentando controlar a raiva que sentia.

— Tia Odele está tão decidida a casar-me com o príncipe, que não leva em consideração nada que possa estragar seus planos maquiavélicos. A única coisa que a interessa é que ele faça o pedido... e que eu... o aceite.

— Mas você não aceitou, não é Charlotte? — Shane indagou, ansioso.

— Consegui safar-me... porque obriguei Alana a vir conosco, e ela começou a tocar violino, assim que chegamos ao salão de música.

Charlotte ficou em silêncio, percebendo a extensão do perigo por que passara. Então, prosseguiu:

— Ao notar que o príncipe estava concentrado na música e não me observava, fugi da sala e... vim procurar você.

— Você agiu corretamente, querida — Shane disse. — Mas, infelizmente, não podemos continuar vivendo esse pesadelo.

— É justamente por isso que eu o procurei — Charlotte disse. — Hoje consegui escapar, mas amanhã ou talvez daqui a alguns dias, é possível que ela tente novamente. Tia Odele está tão obcecada por essa idéia que, sem dúvida, dará um jeito para que o príncipe fique a sós comigo outra vez.

— Não podemos permitir que isso aconteça!

Shane permaneceu de pé, imóvel durante alguns segundos.

Seu amor por Charlotte era puro demais para ser destruído pelos caprichos de uma mulher que só pensava em si e não tinha escrúpulos para

concretizar as suas diabólicas intenções.

Com uma expressão séria no rosto, ele continuou:

— Quero saber mais uma coisa.

— Q que é? — ela perguntou, a voz ainda entrecortada por soluços.

— É um assunto extremamente delicado — Shane respondeu. — Eu a amo muito, você tem certeza disso. O que mais desejo na vida é que você seja minha esposa. Mas, sabe que não tenho nada para oferecer a você... exceto meu amor.

— O seu amor me basta — Charlotte respondeu prontamente.

Ela tentou levantar-se do sofá, mas ele a impediu, colocando a mão em seu ombro.

— Não se mova — ele pediu. — Preciso dizer tudo sem tocá-la. Se decidirmos encarar a vida juntos, se casarmos sem dinheiro, você levará uma vida bem diferente daquela a que está acostumada. Eu trabalharei para você, farei tudo que estiver ao meu alcance para torná-la feliz, mas não posso dar-lhe uma vida luxuosa, pois minha família é pobre.

— Você acha que isso iria mudar em alguma coisa o que sinto por você?

— Charlotte perguntou. — Mesmo se eu tiver que esfregar chão, descascar batatas e lavar roupas, não me importarei, contanto que possa estar ao seu lado. Eu também o amo muito e sei que esse sentimento não morrerá jamais. Eu pertenço a você. Sou inteiramente sua... e nunca deixaria outro homem tocar-me.

Charlotte disse aquilo com tanta convicção que foi impossível a Shane não acreditar na sinceridade de suas palavras.

Shane olhou para ela, e todo o seu semblante iluminou-se com um sorriso.

— Se você pensa assim, acredito que nada no mundo poderá amedrontar-nos — Shane disse confiante.

Abraçaram-se, então, com força, expressando todo o amor que os unia.

Ele a beijou tão apaixonadamente, que Charlotte sentiu tudo girar à sua volta.

Ao erguer d rosto, Shane disse:

— Vou refletir, vou planejar o que faremos de agora em diante, querida. Não será fácil, mas não haverá obstáculos que não possamos superar juntos. O mais importante de tudo é descobrirmos um modo de casarmos.

Em seguida, Charlotte disse em voz baixa:

— Mesmo que não possamos nos casar eu quero ficar com você... ser realmente sua mulher.

Shane abraçou-a carinhosamente e respondeu:

— Eu a amo mais ainda por isso, mas de qualquer modo, vamos dar um

jeito de casarmos.

Apoiou o rosto na fronte de Charlotte e disse, pausadamente:

— Agora é melhor você subir e ir dormir. Tire o vestido e vista rapidamente a camisola. Isso evitará que sua tia descubra que você não está com o príncipe e a force a descer novamente para o salão. Se ela mandar chamá-la, diga que está com dor de cabeça.

— O que você vai fazer?

— Não sei bem ainda — Shane respondeu —, mas pretendo encontrar-me com Richard, e assim que eu chegar a uma conclusão sobre esse assunto, entraremos em contato com você.

— Compreendo — Charlotte disse. — Devo confessar-lhe também que não estou mais com medo... e ficarei rezando para que tudo corra bem.

— Nós conseguiremos! — Shane disse com ânimo renovado. Beijou-a novamente, foi até a porta, destrancou-a, e espiou pelo corredor.

— Acho que se você for para a esquerda — ele disse —, encontrará uma escada que a levará até o primeiro andar. De lá, você poderá seguir até o seu quarto sem ser vista.

Charlotte assentiu com a cabeça e, quando ouviu nitidamente a música vinda do salão de festa, começou a correr pelo corredor na direção sugerida por Shane.

Ele ficou parado observando-a até perdê-la de vista. Então, respirou fundo e seguiu na direção oposta.

O visconde dormia, quando ouviu alguém chamar-lhe.

Abriu os olhos e sentiu dificuldade em recobrar a consciência. Teve vontade de fechar os olhos de novo e continuar a dormir confortavelmente em sua cama.

Percebeu, nesse momento, que a vela na cabeceira da cama estava acesa e que Shane encontrava-se ao seu lado, ainda com a roupa de festa.

— Qual é o problema? — o visconde perguntou. — Já deve ser muito tarde.

— São quatro e quinze da manhã.

— Por acaso você me despertou para dizer isso?

— Não! Acordei-o para dizer-lhe que daqui a uma hora eu levarei Charlotte embora comigo.

O visconde sentou-se abruptamente na cama.

— O que está dizendo?

— Apenas estou contando a você o que pretendo fazer — Shane respondeu. — Eu já deveria ter tomado essa atitude antes de virmos para cá,

mas agora pelo menos tenho recursos para pôr em prática minha decisão.

O visconde afastou uma mecha de cabelo que lhe caía sobre a testa e disse:

— Acho que sou meio estúpido ou retardado, pois não compreendo o que você está falando.

Shane sorriu.

— Sabe quanto acabo de ganhar?

— No bacará?

— Exatamente, no bacará! — Shane afirmou.

— Quanto?

— Aproximadamente duas mil libras!

— Não acredito!

— É verdade! Por falar nisso, devo-lhe vinte libras.

Shane tirou duas notas do bolso e atirou-as sobre a cama.

— Por que você me deve este dinheiro? E o que aconteceu?

— Vou contar-lhe exatamente o que se passou — Shane disse. — O príncipe tinha planejado pedir a mão de Charlotte esta noite e só não conseguiu porque Alana interferiu nos seus planos. Quando eu soube o que acontecera, percebi que deveria agir rapidamente e deixar de sentir-me inseguro, como até agora. Depois de uma pausa, prosseguiu:

— Alana me fez compreender que eu estava sendo covarde. Ela disse também que se Charlotte e eu nos amamos de verdade, nada impedirá a nossa felicidade.

— Como Alana fez você perceber isso?

— Nós conversamos muito durante o passeio desta manhã, e fiquei o dia todo refletindo sobre suas palavras.

Depois de um intervalo de silêncio, o visconde insistiu:

— Continue!

— Quando Charlotte me contou como conseguira escapar do príncipe, eu lhe pedi que fosse deitar-se e saí à sua procura.

— Eu estava no salão de festas — o visconde disse.

— Não consegui aproximar-me de você — Shane explicou. — Quando deixei o local onde Charlotte e eu havíamos nos escondido, vi lady Odele saindo da sala de jogos. Como não queria encontrar-me com ela, entrei no aposento de onde ela acabara de sair, em vez de retornar ao baile.

O visconde começou a demonstrar que estava entendendo o que se passara.

— Primeiro, fiquei apenas observando as pessoas jogando bacará — Shane prosseguiu. — Então, meu sexto sentido de origem céltica, ou o que Alana

denomina de crença num poder onipotente, pareceu me dizer o que eu deveria fazer.

Ele sorriu para o amigo antes de continuar.

— É claro que eu não dispunha de nenhum dinheiro para gastar. Então fui até o seu quarto, peguei vinte libras, que eu sabia onde você tinha guardado.

O visconde sorriu.

— Pelo visto, não se deve confiar nem mesmo no nosso melhor amigo!

— Eu iria restituir-lhe o dinheiro de qualquer maneira, seu tolo — explicou —, mas talvez não com tanta facilidade, como o faço agora.

— Continue! — o visconde disse novamente.

— Então, voltei ao salão de jogos, sentei-me à mesa de bacará, e disse à minha sorte:

— Já é tempo de você me dar uma chance e será hoje ou nunca! — E foi assim que recebi alguma forma de ajuda.

— É, realmente, você foi um privilegiado esta noite!

À medida que comecei a ganhar, fui me tornando mais ousado. Daí, o príncipe apareceu.

— O príncipe?

— Não sei se ele estava transtornado pela ausência de Charlotte ou por outro motivo — Shane disse. — Mas ele me pareceu nervoso e começou a jogar ao acaso, sem prestar atenção.

— Estranho, o príncipe não é do tipo que joga com negligência.

— Foi exatamente o que pensei. Os outros apostadores começaram a ganhar dinheiro dele e eu fiz o mesmo.

— Será que ouvi você dizer que ganhou aproximadamente duas mil libras, ou ainda estava sonhando?

— É verdade. Essas foram exatamente as palavras que eu disse — Shane respondeu. — Para você ter uma idéia, faz apenas uma hora que fiáramos de jogar e, como sabe, já é muito tarde.

— E minha tia?

— Achei que estranhou bastante o comportamento do príncipe. Entrou várias vezes na sala para perguntar se ele queria juntar-se aos outros convidados no salão de festa, mas ele simplesmente a ignorou. Então, quando lhe sugeri que já era hora de despedir-se de seus convidados, ele pediu a ela que o fizesse em seu lugar.

— Em condições normais ele nunca deixaria de despedir-se pessoalmente de seus convidados — o visconde ponderou.

— Mas esta noite ele se recusou a abandonar a mesa de jogo e nem sequer

ficou de pé quando lady Odele disse boa-noite mal-humorada.

— Ele deve ter ficado perturbado por não ter conseguido propor casamento a Charlotte — Richard murmurou.

— E eu não pretendo dar-lhe outra oportunidade — Shane disse resolutamente.
— Você tem que compreender, Richard. Com esse dinheiro, tudo será mais fácil. Charlotte e eu poderemos nos manter por um ano, enquanto tivermos que nos esconder de seus pais. Preciso dizer-lhe mais uma coisa.

— O que é? — o visconde perguntou.

— O juiz Hudson esteve aqui esta noite. Ele é amigo do príncipe, e foi convidado para participar da festa.

— Sim, eu sei. Mantive um rápido diálogo com ele antes do jantar.

— Quando ele estava de saída — Shane disse —, chamei-o de lado e pedi-lhe que me explicasse o artigo de uma lei. Disse-lhe que meu objetivo era ajudar um amigo, que atravessava momentos difíceis.

— O que você queria saber? — o visconde indagou, curioso.

— Perguntei-lhe se uma jovem menor de idade, impossibilitada de entrar em contato com seu tutor, na maioria das vezes seu pai legítimo, poderia obter autorização legal de outra pessoa, caso desejasse casar-se.

— O que ele respondeu?

— O juiz disse que, nestas circunstâncias, a mãe da jovem, seu tio e também seu irmão maior de idade, têm o direito de dar a permissão. Na condição chamada por ele de *in loco parentis*.

— Nunca havia pensado nisso — o visconde considerou.

— Acho que o juiz desconfiou tratar-se de meu caso particular — Shane disse — porque, antes de retirar-se, ele colocou a mão sobre meu ombro e disse: “Boa sorte, meu jovem!”

— Agora começo a compreender — o visconde falou. — Você quer a permissão por escrito?

— É claro!

— E vocês vão mesmo fugir agora?

— Tão logo Charlotte e Alana terminem de arrumar tudo. Shane deu um suspiro de alívio.

— Tudo está sendo mais fácil do que imaginei. Por exemplo: as malas que Charlotte trouxe para cá estavam todas guardadas em seu quarto. Como todas as mulheres, ela não sairia de casa sem suas roupas!

— Talvez ela desconfie que o seu dinheiro não dure para sempre, — o visconde sugeriu.

— Será o suficiente para o que pretendo fazer, Richard.

Ele disse essas palavras com tanta convicção que seu amigo o encarou, surpreso.

— Nunca o vi tão decidido antes, Shane. Parece que momentaneamente nossos papéis se inverteram.

Shane sabia que ele queria dizer que aquela sua atitude era uma grande novidade: afinal era sempre Richard que tomava todas as decisões, quem organizava tudo.

— Percebi em tempo — ele disse calmamente —, que perderia Charlotte para sempre, se não tivesse o bom senso de agir logo. No futuro, espero ser um homem ainda mais decidido.

— Em qualquer momento de sua vida — o visconde disse —, você sabe que pode confiar em mim. Mas... estava me contando o que pretende fazer.

— Meu pai possui umas propriedades no sul da Irlanda — ele começou. — Ao pensar num local para nos esconder, lembrei-me de que lá existe uma casa em estilo gregoriano. Está um pouco descuidada no momento, mas a mão-de-obra naquela região é muito barata e não será difícil reformá-la.

Ele falou lentamente, como se estivesse detalhando em sua mente todas as atitudes que queria tomar. Então, acrescentou:

— O mais importante de tudo é que lá é o lugar adequado para a criação de cavalos. Como você sabe, sempre quis dedicar-me a essa atividade. Agora, com o dinheiro que ganhei e não tendo que pagar aluguel, poderei construir uma cavalaria e ganhar dinheiro suficiente para nos mantermos com relativo conforto.

— Parece-me um excelente negócio.

— Tinha certeza de que concordaria — Shane disse —, mas ninguém, exceto você, poderá saber onde estamos escondidos, até que seja tarde demais para o seu pai tentar tirar Charlotte de mim ou anular nosso casamento.

— Você sabe que pode confiar em mim — o visconde disse. — E, agora, deixe-me escrever a carta dando permissão para você casar-se com minha irmã.

Enquanto falava, ele se levantou da cama e dirigiu-se à escrivaninha estilo Luís XIV, que ficava entre as duas janelas.

Shane acendeu as lâmpadas a gás, enquanto Richard pegava um pergaminho na pasta vermelha de couro, gravada com o monograma do príncipe, que estava sobre a mesa.

Escreveu rapidamente, dobrou o pergaminho e colocou-o em um envelope.

Então, entregou a carta a seu amigo com um sorriso de aprovação.

— Gostaria de acompanhar pessoalmente Charlotte nessa viagem — ele

disse. — Mas acho que vocês se arranjarão sem a minha presença.

— Nem sei como agradecer a sua ajuda, Richard, e espero que em breve você possa visitar-nos em Derryfield.

— É este o nome da casa? \ Shane concordou com a cabeça.

— Meu pai deu-lhe este nome, depois que comprou a casa. Porém, há mais de dez anos que ele não a visita. Poderemos viver lá por mais tempo ainda, sem que ele saiba!

— Então vocês estarão realmente seguros em Derryfield — o visconde disse sorrindo.

Ele se levantou da escrivaninha e perguntou:

— E qual será o primeiro passo agora?

— Vou trocar de roupa, e assim que os criados se levantarem, por volta das cinco horas, direi que preciso retornar imediatamente à Irlanda. Pedirei que me tragam uma carruagem.

— Tem certeza de que não contarão ao príncipe?

— É bastante improvável. Ele foi deitar-se somente depois que o juiz e os últimos convidados se retiraram e parecia estar tão preocupado que, apesar de termos subido as escadas juntos, ele nem se lembrou de me dizer boa-noite.

— Para ser franco, não estou nada satisfeito por ter que passar o dia de amanhã aqui — o visconde disse sem entusiasmo. — E Alana?

— Ela irá conosco até a estação — Shane respondeu. — Você dirá que nós dois tivemos que retornar imediatamente à Irlanda. Acrescente que Alana estava tão transtornada em ter que partir assim de repente, que Charlotte insistiu em acompanhá-la.

— Compreendo! — o visconde disse, pensativo. — Para dizer a verdade, eu também preferia ir com vocês.

— Impossível, Richard! Sinto muito, mas despertá-íamos muita suspeita se partíssemos todos de uma só vez.

Subitamente, o visconde teve um acesso de riso.

— É inacreditável! — ele exclamou. — Aqui está você, fazendo todos os preparativos, dando-me ordens, e levando minha irmã embora de maneira arbitrária, sem mesmo pedir minha permissão.

— Você sabe que estou fazendo uma coisa certa — Shane disse — e não consigo compreender por que você não pensou nisso, quando teve conhecimento dos planos de sua tia.

— Você está se esquecendo — o visconde respondeu-lhe — que se eu tivesse feito isso, seus bolsos não estariam agora cheios de dinheiro!

— Foi melhor assim — Shane disse e sorriu. — Então, vamos começar a

agir. Apresse as meninas, enquanto arrumo a minha bagagem. Não me demorarei.

Viajando sozinha para Brilling numa carruagem de segunda classe, Alana teve muito tempo para refletir sobre tudo o que acontecera em Charl. Nunca se esqueceria dos dias que passara na companhia do príncipe; eles permaneceriam em sua memória como um conto de fadas, como um acontecimento inteiramente fora da realidade.

Quando Charlotte a acordara para dizer que ela e Shane partiriam dentro de uma hora, Alana compreendeu que aquela era uma maneira inesperada de terminar tudo.

A sós, com tempo para pensar, Alana concentrou sua atenção no mistério e arrebatamento com que o príncipe a beijara, depois de ouvir a música de autoria de seu pai.

Ao tocar o Stradivarius, ela conseguira expressar tudo o que desejara ter lhe dito com palavras.

Era impossível negar agora que ele não só despertara o seu coração para o amor, como também fizera sua alma renascer.

Quando ele a tomou nos braços e a beijou, Alana sentiu que ele estava tão emocionado quanto ela.

No momento em que seus lábios se tocaram, eles sentiram o amor em toda sua plenitude... um sentimento sagrado e divino e, ao mesmo tempo, humano e ardente, que os arrastou ao infinito, enquanto eles permaneciam na terra.

Era o amor que ela sempre sonhara, se tivesse tido a chance de encontrar um único homem, que era parte dela própria, porque tinham estado juntos por toda a eternidade.

Ao concordar em acompanhar Charlotte até Charl, não havia tido apenas a intenção de ajudá-la, mas também um motivo muito pessoal.

Nem por um segundo sequer, ela imaginara que, apesar da sua resolução de nunca se casar, o príncipe ocupara o principal lugar em seu coração.

Conhecendo o amor que existira entre seus pais, era impossível não saber que ele poderia ser expresso pela música. Como as composições dos grandes mestres, o amor emanava, para ela, do poder dado por Deus ao homem como instrumento de reflexão interior.

Ao conhecer o príncipe, Alana sentira cada nervo de seu corpo vibrar com tamanha intensidade, parecendo dizer-lhe:

— Aí está o homem que você procura!

Estava certa de que ele também tivera o mesmo pensamento, no momento em que a vira pela primeira vez, quando a levara à sala secreta e a fitara nos

olhos, e principalmente na hora em que seus lábios se tocaram.

Mesmo assim, ele havia continuado, firme em seu propósito de pedir Charlotte em casamento, sendo impedido somente no último minuto, quando ela decidira acompanhá-los à sala de música.

Naquele recinto, tanto Alana como o príncipe tinham sido arrebatados pelo esplendor sonoro da “Flauta Mágica”. Ela se sentira verdadeiramente privilegiada pela oportunidade de tocar um Stradivarius. Durante toda a sua vida, seu pai sempre lhe havia falado sobre as maravilhas daquele instrumento raro.

Essa experiência jamais seria esquecida. Também se lembraria sempre do momento em que o príncipe a tomara nos braços e a beijara de tal forma, que lhe pareceu nunca terem estado separados antes.

Somente após beijá-la com paixão, levando-a ao êxtase supremo da felicidade, é que ele ergueu o rosto para fitá-la nos olhos.

Então permaneceram imóveis e em silêncio por longo tempo.

Acreditou ter visto uma chama ardente nos olhos do príncipe e, então, sem dizer nada ele retirou-se bruscamente da sala, fechando a porta atrás de si.

Alana mal poderia crer no que tinha acontecido. A emoção que sentia a tornara tão frágil, que apoiou-se ao piano para não desfalecer.

Com grande esforço, ela conseguiu sentar-se numa cadeira. Aos poucos, voltou de um mundo fantástico para a realidade.

Uma hora mais tarde, ela conseguiu encontrar o caminho para o seu quarto.

Nem por um instante sequer lhe passou pela cabeça que deveria retornar imediatamente ao salão de festas. Tinha apenas vontade de ficar sozinha, de não ser obrigada a falar com ninguém, para não perder a sensação de encantamento que ainda a envolvia.

Finalmente, ela se deitou na cama e a lembrança dos lábios do príncipe tocando os seus continuava em sua mente, fazendo vibrar todo o seu corpo. Aos poucos, a realidade transformou-se em sonho e ela adormeceu profundamente.

Quando Charlotte a havia acordado para informar-lhe sobre os novos planos, Alana compreendera que aquela seria realmente a única salvação.

Afinal, pensou, o que ela e o príncipe sentiam um pelo outro era apenas o efeito mágico da primeira noite quando tinham ido juntos à sala dos ícones.

Mesmo após tudo o que vivenciaram juntos, o príncipe parecia mais determinado do que nunca a levar adiante seus planos de pedir Charlotte em casamento.

Ela não conseguia compreender sua atitude, mas sabia, por outro lado, que tudo a respeito do príncipe podia ser considerado incompreensível, exceto o fato de que ela o amava. Apesar dele próprio talvez negar, o príncipe não escondera dele próprio que entregara a ela também uma parte de si.

Alana não podia estar enganada. Ele era tão real quanto o ar que ela respirava, quanto o sangue correndo em seu coração. Ele era tão real quanto o castelo que, ao mesmo tempo, talvez não passasse de uma miragem.

Mas não importava mais. Tudo agora já havia ficado para trás. A ópera na qual representara o personagem principal tinha chegado ao fim e ela tinha algumas horas pela frente, para chegar em casa, voltando a ser a simples ajudante na casa do vigário.

O trem no qual haviam viajado até Londres era conhecido como o “Trem leiteiro”, não possuindo sequer um vagão de primeira classe.

Havia, no entanto, um compartimento de segunda classe com poucos passageiros.

Sem dúvida, um vagão bem diferente daquele que os conduzira a Charl no trem particular do príncipe, mas Shane e Charlotte só estavam preocupados com sua fuga.

Sentados lado a lado, olhavam-se fixamente nos olhos. Importava-lhes apenas que o trem continuasse em movimento.

— Ainda corremos perigo — Shane disse. — Se sua tia descobrir que fugimos, poderá telegrafar à estação central de Londres para nos deter.

— Ela pode fazer uma coisa dessas? — Charlotte perguntou amedrontada.

— Lady Odele é capaz de tudo — Shane respondeu. — Contudo, a primeira pessoa que ela informará, no caso, será certamente o Sr. Brothwick e, a essa altura já estaremos longe. Além do mais, não acredito que ele ache necessário acordar o príncipe para falar sobre nossa fuga.

— E se o príncipe levantar cedo? — Charlotte indagou.

— É pouco provável. Ficamos acordados até muito tarde ontem à noite — Shane tranquilizou-a. — Mesmo se ele der pela nossa falta logo cedo, até que sejam tomadas as primeiras providências para procurar-nos, já estaremos no trem que nos levará a Holyhead.

— Seria terrível se nosso plano falhasse no último instante — Charlotte falou com voz trêmula.

— Tudo dará certo — Alana disse para acalmar a amiga. — Vocês chegarão à Irlanda sem problemas.

Sorriu para Shane e acrescentou:

— Disse-lhe, na hora certa, que bastava apenas desejar algo ardentemente

para que se tornasse possível consegui-lo.

— Atendi aos seus conselhos — Shane afirmou. — Portanto, o que acontecer a partir de agora será de sua inteira responsabilidade.

— Estou orgulhosa e feliz por vocês terem a coragem de agarrar-se àquilo que realmente desejam da vida.

— É claro que queremos um ao outro — Charlotte concordou. — Sempre desejamos isso e nunca nos arrependemos do passo que estamos dando.

— O que mais quero no mundo — Shane disse — é que você seja feliz, Charlotte!

— Ao seu lado é impossível não ser feliz — ela respondeu, encarando-o. — Minha felicidade é tão grande, que tenho vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

— Minha querida! — Shane disse, estendendo a mão para tocá-la. Então, permaneceram longo tempo abraçados, sussurrando palavras de amor, esquecendo-se de tudo que os rodeava.

Alana ficou imaginando se um dia veria os dois novamente.

O visconde era um caso à parte.

Quando se despediram no quarto de Charlotte, sem a presença de Shane, o visconde segurara as mãos de Alana e dissera:

— Entrarei em contato com você, assim que puder.

— Você terá que agir com cautela — Alana dissera prontamente.

— Quando souberem que Charlotte fugiu com Shane, agirei com a máxima discrição possível. Ninguém em Brilling desconfiará de que você esteve envolvida no que será um escândalo, com certeza.

— Gostaria muito de receber notícias deles, saber que se casaram e que vivem felizes.

— Escreverei a você — o visconde prometeu — e darei um jeito de nos encontrarmos.

Alana negou com a cabeça.

— Isso será impossível!

— Bobagem! — ele disse resolutivo. — Você sabe muito bem que pretendo vê-la de novo. Mas não posso simplesmente ir bater na porta da casa do vigário e permitir que toda a vila fale de nós.

— Não... é claro que não.

— Vou estudar um plano. Deixe tudo comigo. Mas talvez tenhamos que esperar um pouco.

— Você também precisa tomar cuidado com as cartas — Alana preveniu-o. — O chefe do correio lê todos os cartões postais, antes de entregá-los.

— Mudarei minha letra e é bom você começar a espalhar pela vila que um grupo de parentes seus voltou a corresponder-se mais assiduamente com você.

— Por favor, tenha cuidado — Alana pediu novamente.

— Serei prudente — ele respondeu — e, desde já, muito obrigado por ajudar-nos.

Charlotte, que voltara, após falar com Shane, virou-se para dizer:

— É impossível dizer-lhe, Alana, o quanto estamos gratos por sua colaboração. Graças a você não fui obrigada a casar-me com aquele príncipe odioso e, assim que não precisarmos mais nos esconder, eu a convidarei para morar conosco em Derryfield.

— É claro — Shane concordou.

— Então poderei encontrar-me com você lá — o visconde disse com um sorriso —, se não tivermos outra chance de fazê-lo antes disso.

Havia um brilho especial em seus olhos e Alana tinha certeza de que não queria ouvir d que ele tinha para dizer-lhe.

Tudo o que queria era pensar no príncipe e tentar convencer-se de que seus momentos com ele faziam parte de um conto de fadas, onde p ela figurava como personagem principal.

Agora ela teria que fechar o livro e voltar à vida cotidiana, como se I nada tivesse existido.

Pelo menos eu terei uma boa lembrança, Alana pensou. Na verdade, [aquilo não parecia reconfortá-la.

Ela chegou a Brilling na hora do chá, carregando a velha mala gasta com a qual havia partido da casa do vigário. Perguntou ao encarregado da estação se alguém estava indo para a vila naquele momento.

— Não sei! — ele respondeu de mau humor. — É melhor perguntar fora da estação.

Seria tratada de forma diferente se estivesse com o vestido de linho e a capa de pele que havia usado quando viajara com Charlotte ao castelo de Charl.

Agora, com suas próprias roupas, não despertava nenhuma consideração especial e, aparentemente, nem mesmo simpatia.

Após ter trocado o vestido, na sala de espera da estação, ela não pôde deixar de sentir uma sombra de melancolia, ao notar que seus trajes pareciam muito desleixados e tristes em comparação com a elegância e o luxo daqueles que usara.

Como se tivesse a capacidade de transmitir seu pensamento a Charlotte, esta disse impulsivamente:

— Eu deveria ter-lhe dado algumas de minhas roupas, Alana. Você fica muito bem com elas. Não me lembrei disso antes e agora é muito tarde para abirmos as malas.

— Você precisará de todas elas — Alana respondeu. — É preciso economizar o dinheiro que Shane ganhou para necessidades mais urgentes.

— Sim, eu sei disso — Charlotte afirmou —, e pretendo ser bastante sensata. Mas um dia eu terei o meu próprio dinheiro. Papai não poderá privar-me daquilo que realmente me pertence, não é?

— É claro que não — Alana concordou. — Mesmo assim, guarde tudo que for possível! Quando se é pobre, sempre surgem despesas extras com as quais não contamos.

Charlotte beijou-a no rosto.

— Você é tão sábia — ela disse. — Sentirei muito a sua falta, apesar de ter comigo o querido Shane.

— Também terei saudades — Alana afirmou. — Todos vocês já me agradeceram, mas na verdade eu é que deveria mostrar-lhes minha gratidão. Sempre me lembrarei de vocês e de Charl.

Ela não poderia continuar em voz alta, mas em seu coração, a frase se completaria assim:

— E me recordarei por toda eternidade... do príncipe!

CAPÍTULO VI

Alana estava dando banho em Billy, depois de ter subido as escadas com dois baldes de água quente.

Atrasara-se em sua tarefa de colocar as crianças na cama, no horário, pois ficara o dia inteiro sozinha cuidando delas.

O vigário e a Sra. Bredon tinham ido levar Lionel, o filho mais velho, na casa da mãe do vigário, que ficava do outro lado do condado.

— Espero que tudo esteja bem com você — a Sra. Bredon falou antes de sair. — Pedi a Sra. Hicks que dormisse aqui hoje.

— Não preciso da ajuda da Sra. Hicks — Alana disse rapidamente.

— Você não pode ficar aqui sozinha. Não seria correto! — a esposa do vigário respondeu com ar de reprovação.

Alana preferia ficar sozinha a ter que suportar a Sra. Hicks, que ao invés de ajudar, normalmente causava mais problema.

Mas sabia que a Sra. Bredon estava pensando na reação da vila inteira. Afinal, uma mulher solteira não poderia ficar em casa à noite sem uma acompanhante. Por isso, limitou-se a sorrir e acrescentou:

— Fique tranqüila! As crianças estarão bem comigo, como sempre. Divirtam-se!

— Não é muito fácil sair de casa — a Sra. Bredon admitiu pensativamente —, mas participar de uma reunião familiar é obrigatório.

Alana gostaria de dizer que não tinha a mínima idéia de como era uma festa em família, já que nunca havia ido a uma.

Como se compreendesse que tinha sido indelicada, a Sra. Bredon simplesmente beijou as crianças, pedindo-lhes que se portassem bem e saiu com o vigário.

Era um dia frio e Alana deixou que eles assassem castanhas no fogo. Depois, comeram torradas com manteiga e chá.

Na hora de dormir todos estavam mais apaziguados e pareciam prontos a ir para cama, com exceção de Billy. Por ter dormido após o almoço, ele ainda estava bastante, inquieto.

Alana achou mais fácil, portanto, colocar antes os outros três na cama

Os dois mais velhos mostraram-se felizes ao dirigirem-se para o quarto, que dividiam com Lionel.

Assim, Alana dedicou sua atenção a Eloíse, a primeira a tomar banho. Agora ela estava sentada à mesa com um vestido de lã azul, comendo pão e bebendo leite adoçado com açúcar mascavo.

Billy aproveitava para correr pela sala, sem roupa, antes de ser levado para o banho.

Ele se agitava como um golfinho na água e Alana ficou satisfeita por estar usando um avental por cima do vestido.

Era uma roupa simples, feita por ela própria, com tecido de um tom verde muito bonito, que realçava sua pele bastante alva e seus olhos misteriosos.

Tinha arregaçado as mangas e estava ensaboando Billy com grande esforço, pois ele fazia tudo para impedi-la. Nesse momento, a porta se abriu.

Pensou que fosse a Sra. Hicks à sua procura para contar-lhe intermináveis histórias sobre seus infortúnios, que normalmente nem mereciam resposta.

— Splash! Splash! — Billy murmurava, tentando acompanhar suas ações com sons.

— Chega de espirrar água! — Alana disse com firmeza.

Pegou uma esponja grande para esfregar-lhe, tirando o sabão. Billy levantou as mãos tentando agarrar a espuma, divertidamente. Alana também estava rindo, quando ouviu Eloíse dizer:

— Quem é você?

Ao voltar-se, quase teve um desmaio de susto. O príncipe Ivan estava ali, vestido de forma elegante e parecendo ainda mais poderoso naquela pequena sala.

Por um momento, foi impossível dizer alguma coisa, impossível até mesmo acreditar que ele estivesse realmente ali, e que não era um delírio de sua imaginação.

Pensara nele todos os instantes, porque ele estava entranhado em sua vida, embora como um personagem quase irreal.

Não era somente à noite, quando estava sozinha, que se lembrava de seus beijos e da maneira como se integravam plenamente.

Também durante o dia, sentia sua presença constante a seu lado e pensava que era possível até comunicar-se com ele.

De repente, como se fosse um meteoro caído do céu, ele estava ali!

Desde que deixara Charl, há três semanas, ela desejara receber notícias de Charlotte e Shane. E, embora não quisesse admitir, seu coração ansiava por alguma informação do príncipe.

Somente ontem, ela havia recebido uma carta do visconde, que lhe surpreendeu, pois já tinha quase perdido as esperanças a esse respeito.

Quando verificou que o carimbo do correio era de Paris, compreendeu por que a missiva tinha levado tanto tempo para chegar e também por que não ouvira falar mais dele na vila.

Era uma carta estranha, pois ele não mencionava seu nome na abertura, entrando diretamente no assunto:

Sei que você está ansiosa por saber alguma coisa de mim, mas tenho tido poucas oportunidades para escrever. Minha tia, como já esperávamos, ficou furiosa quando soube que Charlotte, você e Shane tinham deixado o castelo sem informá-la.

Como combináramos, disse-lhe que Shane havia recebido um telegrama dizendo que os dois deveriam retornar à Irlanda imediatamente e que Charlotte decidira ir com você. Acho que ela suspeitou do motivo real da partida de Charlotte, embora considerasse mais sensato não dizer nada.

Percebi que ela fazia o possível para acalmar o príncipe e manter o relacionamento entre eles, bastante prejudicado por essa partida precipitada.

Fingi nada notar e acho que ela acreditou em mim. De qualquer modo, como não desejasse envolver-me na confusão que se seguiria quando meu pai e minha mãe soubessem a verdade, decidi deixar a Inglaterra e ir para Paris, onde me encontro com alguns amigos. Portanto, tenho poucas novidades para contar-lhe. Tenho certeza de que você sabe melhor do que eu o que se passou no castelo.

Pretendo vê-la assim que voltar. Não ligue para os falatórios. Pensarei num modo de nos encontrarmos sem que ninguém nos veja. Tenho muitas coisas para dizer-lhe.

Não posso esquecer a sua esplêndida atuação num papel tão difícil de ser representado. Esse é outro assunto que nós precisamos discutir.

Cuide-se bem, R.

Alana leu a carta inteira várias vezes e achou-a decepcionante.

Havia tantas outras coisas que ela queria saber. Tantas coisas a respeito de Charlotte...

No entanto ela esperava que o escândalo viesse à tona a qualquer momento. Estranhamente, porém, a vila ainda não sabia nada a respeito de Charlotte e Shane.

Quando voltou para casa, ficou sabendo que o conde e a condessa tinham viajado para o norte, para ficar com alguns amigos em Northumberland.

Não deveriam estar de volta ao castelo nos próximos dois dias.

Foi quase uma decepção descobrir que o povo da vila não estava comentando a respeito do que tinha acontecido no castelo de Charl Alana suspeitava apenas que a criada de Charlotte não tivera ainda oportunidade de entrar em contato com os pais da jovem.

Agora, que o príncipe em pessoa estava no quarto, uma outra idéia lhe

veio à mente.

Talvez algo estivesse errado! Talvez ele tivesse vindo para dizer-lhe que Charlotte se encontrava em apuros.

Ela nem se perguntou como ele poderia saber de alguma coisa. Somente olhou-o espantada, enquanto se ajoelhava ao lado da banheira. Repentinamente, empalideceu.

— O que há de errado? Por que está aqui?

Sua voz soou estranha e descompassada. O príncipe caminhou em sua direção, dizendo:

— Não há nada errado agora que a encontrei.

— E... encontrou-me? — Alana repetiu.

Como se Billy fosse uma proteção contra seus próprios sentimentos, ela o tirou da banheira, e o envolveu numa grande toalha branca, que aquecera no calor do fogo. Em seguida, sentou-se numa cadeira baixa com a criança sobre os joelhos.

Billy protestou ao ser tirado da água. Quando ela conseguiu acalmá-lo e o enxugava, viu que o príncipe também havia se sentado numa poltrona do outro lado da lareira e os observava.

De repente ela teve consciência da diferença entre sua aparência atual e a da última vez que ele a vira. Isso a tornou inexpressivamente tímida.

— Eu já acabei — Eloíse disse.

— Agora, faça a sua oração — Alana respondeu automaticamente. Eloíse era uma linda criança com cabelos loiros que combinavam perfeitamente com sua pele clara.

Com as mãos em prece, ela fechou os olhos.

— Obrigada, meu Deus, pelo jantar que eu tive. Posso sair da mesa, por favor? — ela terminou num só fôlego.

Sem esperar pela permissão, ela escorregou da cadeira e atravessou a sala, postando-se ao lado do príncipe.

— Você é maior que o papai — ela disse, puxando conversa.

— E você é menor que Alana — o príncipe retrucou.

O modo como ele pronunciou o seu nome fez com que Alana sentisse um tremor de excitação percorrê-la.

Pensou, então, que o simples fato dele não tê-la chamado de “lady” evidenciava claramente a distância que existia entre eles.

— E já não era mais “lady Alana”, e nem mesmo “miss”.

Era apenas uma criada que seria chamada pelo nome e obrigada a cumprir as ordens de seus superiores.

— Veio visitar Alana? — Eloíse perguntou, curiosa.

— Sim, eu vim — o príncipe respondeu —, e a tenho procurado há muito tempo.

— Alana estava se escondendo?

— Ela estava fugindo, mas eu fui bastante esperto para encontrá-la.

— Alana mora aqui.

— Sei disso, agora — o príncipe concordou.

Por achar que a conversa dele com Eloíse estava se tornando embaraçosa, Alana disse:

— Vá para a cama, Eloíse. Irei ouvir as suas preces daqui a pouco. Eloíse olhou para o príncipe.

— Você pode me dar um beijo de boa-noite? — ela pediu, convidativa.

Alana não pôde conter um sorriso.

Qualquer que fosse a sua idade, elas o achariam atraente.

Era como um golpe de punhal a lembrança de que existiam tantas mulheres na vida dele. Ela era apenas uma delas e, talvez, mais tola que as outras.

O, príncipe pegara Eloíse e a sentara em seu colo.

— Você vai ser muito bonita quando crescer — ele disse — e não vai precisar oferecer seus beijos a nenhum rapaz. Eles vão pedi-los a você.

Eloíse não estava prestando atenção. Brincava com os botões da casaca do príncipe.

— Não a encoraje — Alana disse, tentando um tom normal de voz. — Sinto dizer-lhe que ela já é uma conquistadora incorrigível.

— Por que não? — o príncipe perguntou. — É um instinto natural da mulher atrair o homem e ficar feliz toda vez que conseguir isso.

— Acho que está generalizando sua própria experiência com algumas delas — Alana disse secamente.

O príncipe riu.

— Deveria ter adivinhado que uma afirmação como a minha provo caria uma discussão. Ponha as crianças na cama — ele pediu — e vamos conversar.

Alana queria afirmar que eles não tinham nada a conversar. Então achou que isso poderia soar ridículo.

Billy já estava de pijama. Ela tomou-o nos braços e falou:

— Venha comigo, Eloíse.

— Boa-noite — Eloíse disse para o príncipe. Depois correu para dar-lhe um abraço.

Ele a beijou, perguntando:

— Gostaria que eu a levasse para a cama?

— Sim! Você é bem grande e se me carregar vou ficar no alto! Alana já estava em frente à porta do quarto, onde ela dormia com

Billy. Do lado havia um aposento, que Eloíse possuía por ser a única menina.

Quando ela entrou no quarto com o príncipe, uma idéia lhe passou pela cabeça. Eles poderiam ser marido e mulher, levando os filhos para dormir.

Pensou então que deveria estar demente ao imaginar que o príncipe agiria assim com os próprios filhos.

Quando Eloíse indicou-lhe onde era o seu quarto, viu-o carregando a criança. Os braços dela ainda estavam enlaçados no pescoço dele e o seu cabelo loiro roçava o rosto do príncipe.

Mas de algum modo sentiu uma certa mágoa; ao vê-lo fazer algo assim tão simples e puro, sabendo perfeitamente que sua vida era completamente diferente daquelas cenas.

Alana colocou Billy no seu berço, cobriu-o cuidadosamente e beijou-o.

Seus olhinhos já estavam começando a se fechar quando ela puxou a cortina do berço para impedir que a luz fraca do crepúsculo entrasse.

Quando se dirigia para o quarto de Eloíse, o príncipe saía do aposento fechando a porta atrás de si.

— Já ouvi as orações dela. Portanto, não se preocupe com isso.

— Não é problema para mim — Alana respondeu, abrindo a porta e olhando para dentro do quarto.

Não havia velas acesas, mas a luz da sala ao lado permitiu que Alana visse Eloíse na cama, com a cabeça afundada no travesseiro.

Fechou a porta novamente e notou que o príncipe a observava com um sorriso nos lábios, como se risse dela por não ter encontrado nenhuma falha.

Apagou as duas velas do quarto, e eles voltaram para a sala, iluminada por uma lâmpada a óleo sobre a mesa.

Agora que as crianças não estavam mais ali, Alana tentou esforçar-se mais ainda para parecer diferente ao príncipe da última vez em que ele a vira.

Ele a beijara quando ela estava usando o vestido de noite preto, de Charlotte, decorado com orquídeas brancas, que também enfeitavam a sua cabeça.

Nesse momento, com as mangas do vestido arregaçadas, o cabelo em desalinho, e usando um avental característico de todas as babás, Alana sabia que o príncipe a estava vendo como realmente era.

Quase instintivamente, levantou o queixo e encarou-o desafiadora-mente.

Ele se encaminhou automaticamente para a lareira, a fim de ficar de costas para o fogo. Existia uma grade protetora em frente do fogo, na qual estavam pendurados vários pares de meia que Alana havia lavado pela manhã.

A banheirinha se encontrava aos pés dele, enquanto duas toalhas usadas para enxugar o bebê estavam no braço de uma cadeira ao lado.

Alana quis recolhê-las, mas arrependeu-se. I Quanto antes o príncipe dissesse o que desejava e partisse, melhor seria.

Apesar de ter sentido uma alegria e emoção incontáveis ao vê-lo, sentia agora uma angústia por saber que ele iria lembrar-se dela como estava agora e não como a figura que havia beijado na sala de música do castelo Charl.

Gomo ele não falou nada, Alana perguntou:

— Por que você veio até aqui?

— Para conversar com você.

Mesmo enquanto ele falava, ela o interrompeu com a voz agitada. í — Gomo você conseguiu me encontrar? Quem lhe disse... onde eu morava?

— Charlotte contou-me. Alana arregalou os olhos.

— Charlotte? Não posso acreditar!

— É verdade, embora ela estivesse relutante em fazê-lo, subornei-a para conseguir o que queria.

— Subornou-a?

Alana repetiu horrorizada, porém o príncipe estava rindo.

— Sente-se aqui. Vou contar-lhe toda a verdade. Tenho certeza de que está curiosa.

É claro que estava, ela admitiu. Ao mesmo tempo, sentia como se fosse uma ordem e ela deveria obedecê-lo.

Sem pensar no que fazia, desamarrou a fita que prendia o avental à sua cintura e pendurou-o em uma cadeira. Também, desenrolou as mangas do vestido e abotoou os punhos.

Sabia estar sendo observada pelo príncipe e, com um gesto nervoso, passou a mão pelos cabelos, antes de sentar-se numa cadeira em frente à que ele tinha ocupado antes.

Como ele ainda estava de pé, Alana teve que reclinar a cabeça para poder vê-lo, enquanto perguntava:

— Você viu... Charlotte?

— Sim.

— Ela... está casada?

No momento esta lhe parecia a pergunta mais importante do mundo. Compreendendo a sua ansiedade, o príncipe sorriu ao responder-lhe:

— Muito bem casada, asseguro-lhe. Nunca vi duas pessoas tão felizes em minha vida.

— Como você... os encontrou?

— Quando me decido a fazer alguma coisa, sempre consigo — o príncipe disse. — Tinha certeza de que Charlotte e Shane haviam fugido para se casarem.

Alana não pôde conter uma exclamação de surpresa.

— Você... desconfiou?

— Como você sabe, eu não só tenho olhos, mas também uma intuição extraordinária que não pode ser negada e que sempre me faz acertar os palpites.

— Quer dizer que você adivinhou que eles se amavam?

— Assim que os vi percebi com uma clareza espantosa a existência de algo que os unia.

— Então por que... Alana parou.

Percebeu que iria dizer algo impertinente, além de muito íntimo. Mas, na verdade, eles não tinham necessidade de muitas palavras para comunicar-se. Daí, o príncipe disse:

— Era exatamente o que queria explicar-lhe. Para ser franco, esperava tê-la encontrado em Derryfield com Charlotte e o seu suposto primo.

Alana prendeu a respiração.

— Como Charlotte explicou a minha ausência?

— Primeiro ela tentou convencer-me de que você havia partido para a sua casa, que ficava do outro lado da Irlanda. Mas novamente a intuição, igual à que você também possui, me disse que ela não estava falando a verdade.

— Você... você disse que “havia obrigado Charlotte a dizer-lhe toda a verdade.

— Talvez a palavra “subornar” fosse mais correta — o príncipe respondeu.

— Suborno? — Alana disse outra vez. — Você a ameaçou? Ela o acusava com voz ameaçadora.

— Não me utilizei de meios tão sórdidos para obter as informações que queria. Simplesmente deixei bem claro, depois de Charlotte recuperar-se do choque de me ver em carne e osso, que estava disposto a ajudar Shane.

Alana ergueu o rosto e o encarou.

— Você realmente pretende ajudá-los na criação de cavalos?

— Já comprei vários garanhões dele.

— Foi realmente muita gentileza da sua parte — Alana disse. — Se ele

conseguir sustentar Charlotte, então tenho certeza de que o pai dela a perdoará por ter fugido e ela voltará a ter um bom relacionamento com sua família.

— Exatamente o que eu pensei — o príncipe concordou. — Ao mesmo tempo, estipulei que o seu endereço seria uma das cláusulas do negócio.

Alana teve a súbita sensação que, de certo modo, Charlotte a havia traído e que deveria pelo menos tê-la prevenido.

Como se o príncipe novamente soubesse o que estava se passando na sua mente, ele disse:

— Você entenderá melhor essa história quando souber o motivo que me trouxe até aqui.

Quando ele se sentou na cadeira à sua frente, Alana não pôde deixar de notar que ele parecia inteiramente à vontade naquele aposento simples e em desordem.

Mas, por ainda sentir-se tímida diante dele, Alana falou automaticamente:

— Você não... deveria ter... vindo aqui.

— Por que não?

— O vigário e a Sra. Bredon não estão em casa e a vila não deixará de comentar o fato.

— Você realmente se importa com o que eles possam dizer?

— É claro! Sou obrigada a viver aqui e, principalmente, a ter contato com todos os moradores do lugar.

Alana ficou imaginando os comentários que surgiriam se descobrissem que o príncipe Ivan Katinouski, do Castelo Charl, a tinha visitado. Como explicaria sua presença ali?

Chegou até mesmo a ouvir a notícia se espalhando de casa em casa e ficou com medo do que ia acontecer.

— Por favor, agora... vá embora — ela disse em voz baixa.

— Se eu a obedecesse — o príncipe continuou — sem contar-lhe o motivo da minha presença aqui, você não iria se perguntar durante o resto da vida por que vim visitá-la? Acontece que você não se comporta como uma aldeã. Não parecia uma quando a vi pela última vez.

— Estava apenas representando o papel de uma jovem nobre — Alana falou de maneira provocativa. — Usava um vestido de Charlotte e as orquídeas de Sua Alteza. Agora você está me vendo... como sou na realidade.

— Não esteja tão certa disso — o príncipe disse. — Você seria a primeira pessoa a dizer que o importante não é a aparência, mas sim o que cada um pensa. Quando você esteve no castelo, nosso relacionamento foi racional e instintivo ao mesmo tempo.

Ele disse aquelas palavras com grande suavidade, emocionando Alana. Para não demonstrar o que sentia, ela pediu novamente:

— Conte-me por que você veio até aqui.

— É uma longa história — o príncipe respondeu —, e você terá que me perdoar se eu começar o meu relato em 1835.

Alana olhou perplexa para ele. Então, o príncipe explicou:

— Este foi o ano em que meu pai, depois de ter se indisposto com o czar Nicholas, deixou a Rússia.

— Ouvi dizer que ele detestava o czar — Alana disse em voz baixa.

— Não era uma desavença surpreendente. Nicholas era um monstro, um tirano; um homem tão cruel que os horrores de seu reinado ainda traumatizam as gerações mais jovens.

— Mas seu pai escapou...

— Ele partiu dizendo que odiava a Rússia e tudo o que se referia ela — o príncipe afirmou. — Veio para a Inglaterra e foi bastante perto para trazer consigo sua vasta fortuna e continuar proprietário de árias possessões.

Ele parou por um instante, para continuar:

— Os ícones que lhe mostrei no castelo pertenciam a meu pai. Aquelas peças nunca tinham sido retiradas dos baús até que comprei o castelo.

— Você nunca os havia visto! — Alana exclamou. O príncipe balançou a cabeça.

— Não. Somente quando construí aquela sala especial para eles é que os vi pela primeira vez. Você foi uma das primeiras pessoas a entrar -naquele aposento além de mim.

Alana arregalou os olhos, deixando-o prosseguir:

— Como talvez você já saiba, meu pai se casou com a filha do duque de Westminster. Quando nasci, recebi educação estritamente nos moldes ingleses. Estudei em escolas inglesas e na universidade de Londres. Cheguei até a servir num regimento inglês por três anos antes de meu pai falecer. Após sua morte, percebi no íntimo que não precisava mais cumprir rigidamente as ordens que ele me impusera desde que eu era criança.

O príncipe fez uma pausa antes de continuar:

— Mas, pessoalmente, eu também odiava tudo o que era russo! Após um breve silêncio, Alana disse:

— Mesmo assim... você continuava a ser metade russo.

— Acha que eu me esqueceria disso? — o príncipe perguntou asperamente. — Lutei contra o conflito gerado pelo lado inglês de minha personalidade. Queria evitar aquilo que você chama de “intuição”, aquele

sentimento profundo, aquela percepção extraordinária e o conhecimento interior raro em pessoas comuns, principalmente se tratando de ocidentais.

Ele respirou fundo.

— Estou lhe explicando tudo isso para que você possa entender que cometi um erro gravíssimo ao me casar com uma mulher húngara e não, como meu pai teria desejado, com uma inglesa.

— Mas você... a amava?

Alana teve a sensação de que fizera uma pergunta ousada, mas escapou-lhe acidentalmente.

— Sim, eu a amava — o príncipe admitiu. — Pelo menos achava que era amor o que sentia por ela. Ela era muito bonita, muito sensual e uma perfeita amazona. Parecíamos ter muito em comum.

Os olhos dele sob a luz da lâmpada a gás pareciam ainda mais penetrantes. Então, ele continuou com esforço:

— Algumas semanas após o meu casamento, descobri ter cometido um erro, mas já era muito tarde. Daí, como você sabe, ela sofreu um acidente durante um passeio a cavalo.

— Foi realmente uma tragédia — Alana disse suavemente.

— Não posso dizer o mesmo — o príncipe afirmou — porque fiquei livre para vaguear pelo mundo, para fazer tudo o que desejava, para ter, como você sem dúvida já ouviu comentar, vários casos amorosos.

Seus lábios se contraíram por um momento e ele acrescentou pausadamente:

— Quantas falsidades são ditas em nome da palavra “amor”! Havia grande amargura no modo como se expressou. Alana pensou

imediatamente nas mulheres bonitas que haviam se atirado aos seus pés. Mulheres como lady Odeie, que, de alguma maneira, tinham danificado seus bons sentimentos, mesmo se tratando de um coração frívolo.

— Sim, houve muitas mulheres em minha vida — o príncipe disse. — Mas estava determinado a casar-me somente com uma mulher inglesa, a mais convencional possível è tão pouco criativa como fora minha mãe. Era o que meu pai desejara e eu queria o mesmo.

Encarou Alana durante longo tempo, então prosseguiu:

— Minha esposa morreu há pouco tempo. Por isso, fui obrigado a esperar mais do que pretendia. Mas assim que fiquei livre, decidi planejar minha vida como deveria ter feito antes. Deveria constituir uma família que teria somente um quarto de sangue russo nas veias. Assim, parte de minha descendência seria, gradativamente, eliminada através das gerações.

Ele falou com tamanha convicção que Alana não teve coragem de responder-lhe uma palavra sequer.

— O que aconteceu depois você já sabe — o príncipe disse num tom diferente de voz. — Você chegou ao castelo com a jovem que lady Odele havia escolhido para minha futura esposa e despertou em mim todos os sentimentos que eu havia renegado e evitado desde criança.

— Não foi... intencional.

— Estou certo disso — o príncipe replicou. — Mas no momento em que nos encontramos, você sabia tão bem quanto eu que algo mágico acontecia entre nós. Uma emoção diferente de qualquer outra que já senti com relação a outra pessoa em toda a minha vida. Creio que você também jamais tenha sentido por outra pessoa o que sentiu por mim.

Os lábios de Alana se moveram. Achando, porém, que seria um erro interromper os pensamentos dele, não disse nada, e o príncipe continuou:

— Deus sabe o quanto é difícil explicar a você por que a levei à sala dos ícones. Acho que foi para provar a mim mesmo que não estava imaginando o que você estava me fazendo sentir.

— Qualquer pessoa teria ficado... emocionada, como eu fiquei, com a beleza e o mistério... deles — Alana disse, hesitante.

— Sabe que não é verdade — o príncipe afirmou com convicção. — O que você sentiu naquele momento foi bem diferente da reação de qualquer pessoa comum. Eles teriam admirado a beleza das imagens e apreciado o seu valor. Mas acha que teria sentido, como você, o poder, a vibração deles, ou, como você mesma disse, a sensação de estar se comunicando com Deus através deles?

Alana manteve-se atenta e o príncipe acrescentou:

— Quando deixamos a sala secreta, senti que a sua presença me havia amedrontado como nunca pensei ser possível.

— Eu o... amedrontei?

— Mas é claro! Fiquei com medo ao sentir que o meu lado russo começava a aflorar. Era como um vulcão rompendo a superfície que sempre acreditei manter sob controle, mas que se mostrou vulnerável diante da sua presença.

— Tenho certeza de que isso não é verdade!

— Tudo o que disse é a mais pura verdade — o príncipe disse. — , primeiro, odiei você por ter me perturbado tão profundamente.

— Você... me evitou no dia seguinte.

— Foi de propósito. Não podia falar com você, mas a todo minuto, a todo segundo, eu sentia vivamente a sua presença. Era como se você tivesse me

hipnotizado, assim como os ícones, e eu não conseguisse escapar desse poderoso sentimento.

Alana lembrou-se de que havia sentido exatamente o mesmo com relação ao príncipe.

Ele possuía um magnetismo especial, que não lhe permitiu parar de pensar nele um instante sequer. O príncipe havia penetrado em sua vida desde a primeira vez que o vira...

— Cheguei a dizer a mim mesmo que me libertaria de você — o príncipe continuou. — Para isso deveria seguir exclusivamente o plano original de lady Odele e casar-me com a sua sobrinha Charlotte. Quando ela se tornasse minha esposa, você retornaria à Irlanda e eu nunca mais a veria.

Ele esboçou um leve sorriso.

— Mais uma vez eu estava subestimando a força e o poder da parte oriental da minha personalidade. A chama continuava mais acesa do que nunca. No momento em que você tocou o violino e transmitiu tudo o que estava sentindo e pensando, nada mais pude fazer a não ser... me render.

O príncipe pronunciou suavemente aquelas últimas palavras e Alana sentiu uma profunda emoção.

— Naquele instante — ele disse — percebi pela primeira vez, que o amor é um sentimento que não pode ser negado. Eu havia encontrado o amor quando menos esperava, depois de passar longo tempo acreditando que o êxtase verdadeiro e a magia desse sentimento sublime estavam fora do meu alcance.

— Por que você achava isso?

— Porque o príncipe disse prontamente — o amor que eu queria era um sentimento típico de um russo.

Fez um gesto com as mãos antes de prosseguir:

— Como poderei explicar? para um russo, o amor faz parte da alma.

Nos outros países, é pura emoção do coração, enquanto que, para um russo, é parte da sua crença em Deus, algo profundamente ligado à sua fé e que não pode jamais ficar em segundo plano na sua vida.

O príncipe falava de modo comovedor e Alana sentiu que ela também sempre havia acreditado nisso.

Fixos no rosto de Alana, os olhos do príncipe pareciam querer ler os seus pensamentos. Então ele perguntou:

— Compreende agora que eu vim até aqui para pedi-la em casamento?

Por um instante Alana achou não ter entendido bem o que ele dissera.

Então ao encará-lo firmemente, ela compreendeu o sentido daquelas

palavras. Era a coisa mais inacreditável, mais maravilhosa que poderia acontecer em sua vida.

O príncipe Ivan Katinouski havia proposto a ela, uma jovem simples e pobre, que se tornasse sua esposa!

Sem perceber ela ficou de pé e apoiou-se na estante de livros, antes de dizer:

— V-Você... tem certeza... do que disse?

— Claro que sim! — o príncipe respondeu. — Quase enlouqueci tentando encontrá-la! Quando Charlotte me contou que você não era prima de Shane e que os tinha acompanhado até o castelo para tentar desviar a minha atenção dela, desaparecendo em seguida, fiquei desesperado.

— Eles disseram que você... não iria me encontrar? — Alana indagou.

— Não só me preveniram de que seria impossível encontrá-la, como afirmaram também que eu cometeria um grande erro se o fizesse.

— Como pode ver, eles estavam com a razão. Alana prendeu a respiração durante alguns segundos.

— Estou muito honrada com o pedido de Sua Alteza... Sei que é um privilégio ter sido escolhida para ser sua esposa, entre tantas outras mulheres, mas a resposta é não.

— Não?

O príncipe exclamou, incrédulo.

— Não — Alana repetiu, apesar da voz trêmula. — E agora, Sua Alteza, vá embora, por favor! Não há mais nada a dizer. Tenho certeza de que um dia você encontrará alguém que preencha todas as suas exigências e o fará muito feliz.

O príncipe permaneceu imóvel. Após um minuto, que lhe pareceu uma eternidade, ele disse:

— Acha realmente que aceitarei sua decisão e permitirei que você me recuse?

Ele percebeu um arrepio percorrer o corpo de Alana. Depois ela prosseguiu:

— Sim... você precisa acostumar-se a essa idéia.

— Por quê?

— Porque não posso casar-me com você... Na verdade não me casarei jamais!

Ao olhar para ela, o príncipe notou em seu rosto uma expressão que a fazia parecer trágica e, ao mesmo tempo, patética.

— Você está me escondendo algo. Sempre soube que havia um mistério

em sua vida. Quando Charlotte me contou quem você era na realidade, achei ter decifrado o enigma. Agora sei que é algo diferente.

— Por favor... por favor — Alana implorou —, não use a sua intuição para desvendar meus segredos. Apenas vá embora e me deixe sozinha... não temos mais nada para conversar.

— Tudo isso é simplesmente absurdo!

— Por favor... eu lhe suplico.

— Serei obrigado a recusar também o seu pedido — o príncipe respondeu —, não só por mim, como também por você. Sabe tão bem quanto eu que pertencemos um ao outro, Alana, e que posso fazê-la feliz.

— Por favor, vá embora — pediu ela. Ele sorriu de modo sedutor, ao dizer:

— Agora estou agindo como um verdadeiro russo e tenho certeza de que seremos imensamente felizes juntos. E tem mais — ele acrescentou —, tenho o pressentimento que o nosso será um casamento perfeito.

— Mas eu não posso casar-me com você — Alana balbuciou.

Um sofrimento intenso marcava aquelas palavras e ele não passou despercebido ao príncipe.

— Qual o motivo que a impede de casar-se comigo? — o príncipe insistiu. — Eu preciso saber. Você acha que eu suportarei ir embora e passar o resto de minha vida na agonia, na ignorância e na dúvida? Seja racional, querida. Poderemos viajar juntos rumos às estrelas, mas mesmo assim somos obrigados a viver aqui, com os pés na terra. Você já me fez sofrer mais do que qualquer outro homem “teria suportado.

Alana deu um leve suspiro e estava prestes a chorar, quando murmurou:

— Muito bem, vou contar-lhe, então você compreenderá que além de não poder casar-me com você, estou certa de que não mais desejará... ter-me como esposa.

O príncipe sorriu gentilmente, não acreditando em uma única palavra que ela tinha dito.

— Eu presumo — ela disse — que você não aceitará... como motivo a nossa distância social, uma simples... empregada na casa do vigário; uma órfã sem dinheiro... que não pertence a uma família nobre. Em resumo, uma pessoa inadequada para ser a esposa do príncipe Ivan Katinouski.

— Você se esquece — ele respondeu — que eu também a vi como uma dama da sociedade. Estava tão envolvente, tão perfeita, que não poderia ser apenas fingimento, mas sim de algo inteiramente natural em você.

Sua voz foi sumindo aos poucos. Então, antes que Alana pudesse falar, ele acrescentou:

— O amor que sentimos um pelo outro é tão grande que não importaria se você tivesse nascido na sarjeta e criada num barraco. Por isso, não faz a mínima diferença para eu saber quem foram os seus pais e muito menos discutir o tipo de trabalho a que você teve que submeter-se para poder sobreviver. Você é minha, Alana, minha, desde o princípio dos tempos para toda a eternidade. Isso não pode ser negado, quer você queira ou não!

Alana estremeceu ante o tom apaixonado de suas palavras e, após um momento, ele disse calmamente:

Não estou tocando em você como desejaria fazer. Não estou agindo com deslealdade, porque sei que se a beijasse novamente, não haveria mais dúvidas. Nos ficaríamos unidos como antes e nada do que disséssemos alteraria o fato de que pertencemos um ao outro definitivamente. A voz dele tomou-se mais grave quando falou:

Eu quero beijá-la. Só Deus sabe com que dificuldade estou me controlando. Por isso apresse-se, querida, e diga tudo o que tem a dizer, antes que eu a tome em meus braços.

Alana levantou as mãos como se precisasse defender-se da presença dele ali no aposento.

Então, como se não suportasse olhar para ele e ver todo o amor que transbordava daqueles olhos expressivos, ela voltou as costas, antes de dizer com voz praticamente inaudível:

Meu pai, como Charlotte já deve ter-lhe contado, chamava-se Irving Wickham, e era professor de música... mas minha mãe era a... princesa Natasha Katinouski!

Seguiu-se um silêncio sufocante, enquanto o príncipe a encarava, atônito. Então ele perguntou:

— Minha parente?

— Prima de seu pai. Deve ter se casado com seu pai bem depois do meu ter deixado a Rússia.

— Sim, muitos anos depois.

— Conte-me exatamente como foi. Alana respirou fundo.

Meu avo, para desgosto da família Wickham, interessava-se profundamente por música, Recusou-se a participar dos negócios de seu pai, juntando-se a uma grande orquestra do norte. Com o passar do tempo, tornou-se um maestro famoso sob o nome de Axel Alstone.

Alana fez uma pausa para estudar a reação do príncipe. Como ele continuasse em silêncio, ela prosseguiu:

Certa vez a orquestra, regida por meu avô, recebeu um convite para

realizar apresentações em vários países da Europa, terminando em St. Petersburgo.

— Em que ano isso aconteceu? — o príncipe perguntou.

— Foi em 1858, três anos após a morte do czar Nicholas e de Alexandre II ter assumido o trono.

— Alexandre foi um czar bem diferente de seu antecessor!

— Sim, é verdade — Alana concordou —, mas isso não beneficiou muito minha mãe.

— Por que não?

— Meu avô ficou doente em Varsóvia. Papai, que era o primeiro violino, para não desapontar os outros membros da orquestra, assumiu o seu posto de maestro e eles seguiram para St. Petersburgo.

— Foi lá, eu suponho — o príncipe disse —, que ele conheceu a prima de meu pai, que viria a ser sua mãe.

— Ela era muito jovem e mais bonita, meu pai costumava dizer, do que qualquer outra mulher que ele já vira em toda a sua vida. Ela pediu-lhe que lhe ensinasse a tocar. Como você sabe, a grande moda entre os membros da aristocracia russa era ter aulas de música com professores famosos.

— E assim eles se apaixonaram como nós... — o príncipe concluiu suavemente.

— Eles... se apaixonaram — Alana disse —, e como tinham certeza de que o pai da princesa jamais consentiria no casamento... fugiram juntos.

— Admiro muito a coragem deles.

— Casaram-se numa pequena e desconhecida igreja na fronteira da Rússia. Depois, entraram clandestinamente na Polônia e acharam que estavam a salvo e que poderiam viver felizes para sempre.

A voz de Alana estremeceu ao pronunciar aquelas últimas palavras e o príncipe perguntou:

— O que aconteceu depois?

— Acho que minha mãe não tinha conhecimento de que nenhum Katinouski poderia deixar mais o país, depois que seu pai o fizera. Era uma proibição do czar Nicholas. Se alguém tentasse, ele mandaria a polícia secreta persegui-lo e trazê-lo de volta para ser submetido a julgamento. Se resistisse, simplesmente mandaria matá-lo.

O príncipe levantou-se abruptamente da cadeira.

— Não fazia idéia disso. Então, por que será que meu pai não foi assassinado?

— Talvez por ser muito importante, muito rico e tivesse muitos amigos

europeus ilustres — Alana respondeu. — Mas meu pai e minha mãe pertenciam a uma categoria bem diferente. E souberam, através de um amigo russo que gostava muito de minha mãe, que estavam sendo procurados pela polícia secreta. A única maneira de se salvarem seria viver na clandestinidade.

Os olhos do príncipe manifestaram repúdio àquela situação.

— Meu pai não pôde mais continuar a tocar na orquestra, pois não poderia ir a nenhum lugar onde pudesse ser reconhecido — Alana continuou. — Durante alguns anos eles viveram na Holanda. Quando tornou-se cada vez mais difícil ganhar a vida lá, foram para Paris. Foi somente depois que o czar Alexandre demonstrou não ser déspota e tirano como o seu antecessor, que eles tiveram coragem de vir para a Inglaterra. Mesmo assim, acharam arriscado viver na propriedade de meu avô ou de manter constante contato com os Wickham.

— Então se estabeleceram aqui em Brilling! — o príncipe disse, como se soubesse o fim da história.

— Sim, eles vieram para cá — Alana disse — e meu pai começou a dar aulas de música. Apesar de pobres, eles levaram uma vida extremamente feliz até que minha mãe morreu.

— Nós seremos tão felizes quanto eles — o príncipe disse emocionado. Alana virou-se de costas novamente para evitar olhar para ele.

— Mas existe... mais uma coisa... que não contei a você — ela disse.

— O que é?

— Por ordens do czar Nicholas, o casamento foi anulado! A cerimônia foi declarada ilegal e o padre que a havia realizado foi condenado... à morte!

Ela fez uma pausa, antes de continuar com um tom completamente diferente na voz.

— Quando eu nasci... o casamento dos meus pais já não tinha nenhuma validade. Isso quer dizer que sou filha ilegítima!

Seguiu-se um pesado silêncio e Alana atravessou a sala em direção à janela.

Ela abriu as cortinas. Lá fora, a escuridão era total.

— Agora você compreende — ela disse num sussurro — porque eu não posso casar-me com você ou com qualquer outro homem... eu não tenho um nome... não possuo identidade legal!

CAPÍTULO VII

— Obrigada, meu Deus... obrigada... obrigada! — Alana não cansava de repetir isso, ao ter sido acordada pelo canto dos gondoleiros. Percebeu, então, que o sol já brilhava no céu e que o movimento nos canais já começava a intensificar-se.

A cada dia que passava, parecia-lhe mais impossível acreditar na felicidade que havia entrado em sua vida, iluminando tudo o que a rodeava.

No entanto, tudo era real. Ela estava casada. O homem adormecido ao seu lado era o seu marido, a quem pertencia não só no nome, como também física e mentalmente.

A cada instante que ficavam juntos ela achava difícil acreditar que poderiam tornar-se intimamente ainda mais ligados.

Mas com o decorrer daqueles dias de lua-de-mel, Alana foi sentindo que eles não eram mais duas pessoas distintas. Formavam um só ser: seus corpos, suas mentes, seus corações e suas almas eram únicos!

Agora, deitada na enorme cama decorada, que ocupava o centro do quarto de um dos mais antigos e mais belos *palazzos* de Veneza, Alana tentava demonstrar a gratidão de seu coração. Mas percebeu que seria necessário dedicar toda a sua vida a isso.

Ao contar ao príncipe a verdade sobre o seu nascimento, marcada como uma profunda ferida em sua alma, imaginara que, ao pronunciar a palavra “ilegítima”, o príncipe a deixaria para sempre.

Quando criança, ela sempre acreditara que este era um preconceito que existia somente na Holanda e na França. Mais tarde, na Inglaterra, sentiu na própria pele o quanto era difícil carregar o fardo que a palavra “bastardo” impunha aos filhos ilegítimos.

Em Brilling, os moradores da vila não sabiam que seus pais não eram legalmente casados e, por isso, não os evitavam. Mas para Alana, era como se aquele segredo estivesse escrito em sua testa e todos o conhecessem.

Quando sua mãe morreu, o Sr. Wickham mandou gravar no túmulo as seguintes palavras:

“Natascha, a esposa adorada e amada de Irving Wickham.”

— Não é verdade — Alana lhe dissera certa vez. — O casamento de vocês foi anulado e, por isso, mamãe não era sua esposa.

— Para mim ela era não só minha esposa, como representava também tudo o que eu mais adorava e venerava no mundo — seu pai lhe respondera com firmeza.

Em seguida, acrescentou:

— Sua mãe me confessou que nunca se arrependeu de ter fugido comigo e deixado para trás todo o luxo e a riqueza que lhe pertenciam na Rússia, e eu sempre acreditei nela.

Era verdade, Alana pensou.

Sua mãe fora imensamente feliz e, onde quer que vivessem, faziam irradiar o amor que sentiam.

Mas Alana pensava o tempo todo que jamais iria conhecer a felicidade de seus pais, pois nunca poderia se casar.

Que homem desposaria uma mulher sem nome? E, ela acrescentou com amargura:

— Principalmente se tratando de uma mulher repudiada tanto pelos russos como pelos ingleses.

Achava que, por ser jovem e atraente, os anos passados na clandestinidade a tinham transformado numa pessoa extremamente suscetível ao que as outras pessoas falavam e pensavam.

Sabia também que os ingleses, sem exceção, achavam sempre muito estranho o fato de o Sr. Wickham nunca ter apresentado nenhum parente seu e que sua mãe, obviamente uma estrangeira, nunca mencionava o país onde nascera, insistindo em afirmar que a sua nacionalidade era a mesma que a de seu marido.

Foi somente quando os primeiros rumores, de que o novo czar Alexandre II era muito diferente de seu antecessor, chegaram à vila calma e serena de Brilling, é que Irving Wickham passou a viver sem medo de serem descobertos pela polícia secreta. Quando tiveram conhecimento da emancipação dos servos e, mais tarde, das reformas que Alexandre estava fazendo para beneficiar o país, Alana pôde notar que seu pai ficara mais tranqüilo.

Não se dirigia mais a cada estranho com um olhar inquisidor, como se estivesse desconfiado das suas intenções.

Mas, mesmo sem o perigo representado pela polícia secreta, o estigma do seu nascimento ainda persistia. Ela continuava sendo uma pessoa nascida fora do casamento, uma pessoa que atingira a maturidade sentindo que não existia uma sociedade à qual pudesse integrar-se e desempenhar seu papel.

Quando dissera ao príncipe:

— Eu não tenho nome... não possuo identidade legal! — achou que ele

ficaria chocado com tal revelação.

Permaneceu parada, com os olhos cerrados, achando que o príncipe fosse sair definitivamente de sua vida. Enganara-se, porém. Não demorou que ouvisse os passos dele vindo em sua direção.

Ele aproximou-se, parou ao lado dela, perto da janela e falou:

— Antes de contar-lhe algo que você deve saber, quero simplesmente certificar-me de que você acredita que o nosso amor é maior do que qualquer outro sentimento.

Aquelas palavras pareceram penetrar fundo na alma de Alana, que não teve forças para responder. Após alguns segundos, ele prosseguiu:

— Para mim, o amor é mais forte que as leis dos homens, maior do que qualquer código moral ou social já inventado aqui na terra, é um sentimento que provém unicamente de Deus.

Depois acrescentou com ternura:

— É nisso que acredito. Diga-me, querida, que você também sente assim!

Alana sentiu de repente uma força incontrolável impelindo-a a dizer-lhe as únicas palavras, realmente importantes naquele momento. Por fim, ela exclamou:

— Eu... eu o amo! Eu o amo com desespero, mas...

Antes que pudesse terminar o que ia dizer, os braços do príncipe a envolveram.

— É só isso que quero ouvir — ele disse. — E é tudo o que importa. Ele a segurou com mais força e beijou-a longamente, como tinha feito

antes na sala de música, de forma apaixonada, exigente e, ao mesmo tempo, com suavidade. Alana sentiu como se estivesse aprisionada por aqueles braços fortes que a conduziriam à mais completa felicidade.

Foi um beijo tão apaixonado que ambos sentiram como se estivessem no espaço celestial, iluminados por um sentimento divino.

Alana não conteve seus sentimentos e deixou que eles crescessem mais e mais. À medida que os lábios do príncipe se tornavam mais apaixonados, Alana sentia a chama do desejo dentro dela, dominando, aos poucos, todo o seu ser.

Era tão maravilhoso e ao mesmo tempo tão belo que ela não conseguia pensar, mas somente sentir o amor em toda a sua plenitude, sua grandeza, seu esplendor e sua pureza.

Quando o príncipe afastou seus lábios dos dela, Alana não teve coragem de encará-lo e escondeu o rosto em seu peito másculo. Teve a sensação de que estava vibrando nos braços dele, como se fosse *um* instrumento musical nas

mãos de um grande mestre.

Porém, Alana sabia que a música que ele despertava nela era algo tão pessoal, tão íntimo que somente ele entendia o seu significado.

— Eu a amo, minha querida — ele disse com a voz carregada de emoção.

— Eu adoro você e nós iremos nos casar imediatamente, porque não posso viver sem você.

— Como pode desejar... casar-se comigo? — Alana conseguiu dizer com muito esforço. — Sabe que não é correto... principalmente... você ocupar uma posição tão importante em nossa sociedade.

— A única coisa importante para mim é você. Mas como isso o fazê-la feliz, direi apenas que seus temores são completamente infundados.

Alana levantou a cabeça.

— Infundados?

Ele a segurou com mais força e disse:

— Não posso suportar a idéia de que você tenha se preocupado e sofrido tão desnecessariamente por causa do terrível czar Nicholas. Porém, o mal que os homens fazem não persiste obrigatoriamente depois deles.

— O que você... está dizendo? — Alana perguntou. — Explique-me... eu não compreendo.

— Você não é filha ilegítima, minha querida — o príncipe disse. — Mesmo que fosse juro que sua identidade seria bastante real para mim.

— Mas... o casamento de papai e mamãe foi anulado — Alana insistiu.

— Foi um ato monstruoso e insano de um tirano — o príncipe disse —, mas há doze ou treze anos meu pai recebeu uma carta do czar Alexandre convidando-o para retornar à Rússia. Prometeram-lhe que, se assim procedesse, as terras que possuía lhe seriam devolvidas, e que seria tão bem recebido na corte como seus ancestrais tinham sido, por muitas gerações.

O príncipe falou pausadamente, olhando o belo rosto de Alana.

— Na mesma carta — ele continuou — o czar afirmava que todas as penas, castigos e privações infligidos aos Katinouskis durante o reinado anterior haviam sido revogados, e, tanto quanto fosse possível, as vítimas seriam recompensadas pelos seus sofrimentos.

Um raio de alegria surgiu nos olhos de Alana quando compreendeu o que ele dizia.

Para deixar tudo bem claro, ele acrescentou suavemente:

— Isso significa, meu precioso amor, que o casamento de seu pai e sua mãe foi legal e você nasceu de uma união verdadeira.

Alana deu um grito de felicidade.

Seu rosto estava radiante, transformado por uma luz interior.

— Isso é verdade? É mesmo verdade?

— Juro que é — o príncipe respondeu.

— Oh, se papai tivesse sabido que eles não precisavam mais se esconder, e que mamãe não seria levada de volta à Rússia para ser punida, ou mesmo, que nem seria assassinada caso se recusasse a ir!

— O passado não pode ser mudado — o príncipe disse —, mas o futuro é nosso, meu amor.

Seus lábios uniram-se aos de Alana novamente. Desta vez, foi como um milagre, pois não tendo que continuar lutando contra seu amor, ela sentiu completamente o êxtase que ele lhe provocava.

Depois disso, tudo se desenrolou com incrível rapidez.

O príncipe foi buscá-la no dia seguinte. Eles viajaram, primeiro para Londres, onde se casaram em uma cerimônia simples, sem convidados, tendo como testemunha apenas o encarregado de serviços do príncipe. Depois seguiram imediatamente a viagem pela Europa até Veneza.

Alana suspeitava que uma das razões para tanta pressa era que o príncipe não desejava explicar-se para lady Odele ou qualquer outra pessoa.

Porém, o motivo mais importante era o ardente desejo do príncipe em estar a sós com ela e falar-lhe do seu amor, do mesmo modo que insistira que ela demonstrasse o seu.

Como ele mesmo havia dito, sempre conseguia o que desejava. Portanto, não acreditava em obstáculos no seu caminho: ele não permitiria que ela criasse alguma dificuldade.

Como num passe de mágica, repentinamente tinha uma enorme quantidade de roupas. Não era apenas uma questão de ostentação. Ela sabia que a vida do príncipe era muito organizada e isso fazia parte de seu plano de fazê-la feliz.

Quando chegaram a Londres, um dos criados do príncipe já providenciara não só o vestido de noiva e muitos outros trajes como também uma grande variedade de jóias.

Depois do casamento, o trem particular do príncipe esperava para levá-los ao porto de Dover. De lá, o iate do príncipe fez a travessia do canal. Em seguida, cruzaram a França e a Itália em outro trem privado tão luxuoso e confortável que ela imaginou estar vivendo um conto de fadas, apesar de mais real agora.

— Isso não pode ser verdade! Devo estar sonhando! — Alana pensou repetidas vezes.

No entanto quando o príncipe a abraçava e a beijava, ela se sentia realmente a sua esposa.

Descobriu que Veneza era tão maravilhosa, correspondendo às suas expectativas.

Ao chegarem, no fim da tarde, jantaram numa sala cuja decoração sugeria um contato intenso com o passado.

Mas era difícil fixar a atenção em outra coisa que não fosse os olhos do príncipe e o tom de sua voz. Eles a faziam sentir como se estivesse ouvindo uma melodia vinda do além.

Depois de terem se amado, num ato que lhe permitiu experimentar física e espiritualmente, novas sensações desconhecidas, ela adormeceu nos braços dele.

Mesmo adormecida, Alana se agarrava a ele, com medo de que pela manhã ela despertasse e descobrisse que ele havia desaparecido.

Mas ele estava ali, ao seu lado. O canto dos gondoleiros e os dourados raios de sol atravessando as cortinas, que escondiam um dos mais lindos cenários do mundo, mostravam-lhe que tudo era real. — Estou em Veneza... estou casada, e Ivan me ama! — o coração de Alana parecia cantar. — Obrigada, meu Deus... obrigada!

Como se a intensidade de sua prece atingisse o príncipe, ele abriu os olhos na luz tênue e viu o rosto dela próximo ao seu.

Havia ternura na sua expressão, quando ele sorriu.

Abrindo os braços, trouxe-a mais para perto de si. O corpo dela era suave e dócil ao seu contato.

— Por que já está acordada, minha querida? — ele perguntou.

— Não quero perder tempo dormindo quando estou aqui com você. Seu modo de falar tocou profundamente o príncipe.

— Em que está pensando, minha querida?

— Estava apenas fazendo... uma oração de graças.

— Achei que era isso mesmo que você estava fazendo. Eu também deveria fazer o mesmo, porque encontrei a mulher que estive procurando durante toda a minha vida, mas pensei não existir.

— E agora você... sabe que eu existo?

— Não estou apenas agradecido — o príncipe respondeu —, mas ardendo de desejo também.

Seus lábios buscaram a pele suave de Alana e sua mão a acariciou.

— Oh, Ivan! — Alana exclamou —, como poderia adivinhar que já estando tão feliz só por conseguir trabalho na casa do vigário, eu ainda iria me casar

com você e conhecer lugares tão bonitos como este?

- O que é mais importante? — o príncipe perguntou provocadoramente.
- Você... só você!

Ele ia beijar-lhe os lábios, mas ela falou em voz baixa.

— Na noite passada, pouco antes de dormir, pensei que, se por qualquer motivo imprevisível, você tivesse que se exilar e se esconder da polícia secreta, como papai e mamãe, eu iria com você espontaneamente e com o coração feliz.

- Feliz? — o príncipe questionou.

— Eu poderia, então, fazê-lo entender que o amo, somente por você mesmo, e não por qualquer coisa que você possua ou pela posição que ocupa.

Ela deu um leve suspiro como se fosse difícil encontrar palavras para continuar.

— É tudo maravilhoso, muito maravilhoso ser a esposa de alguém que é tratado como um rei... que pode ter tudo o que deseja e que possui tantas coisas fantásticas. Porém, tudo não tem a mínima importância perto do que você representa como ser humano...

O príncipe manteve-se em silêncio e ela olhou-o com uma expressão de preocupação antes de dizer:

- Você compreende... você acredita que estou dizendo a verdade?

— Minha querida, minha doce e amada esposa! — o príncipe respondeu.

— É claro que acredito no que você diz, mas é absolutamente desnecessário. Minha intuição me faz sentir muito melhor do que quaisquer palavras, que você me ama como eu quero ser amado. Sei que dedicarei cada dia da minha vida tentando fazer você entender o quanto a adoro.

- Eu tenho uma intuição também.

— Sei disso — o príncipe respondeu com ternura —, mas ela nem sempre funciona quando se trata de algo relacionado a nós mesmos.

Ela aguardava uma explicação e, por isso, ele continuou:

— Quando entrei na casa do vigário e a vi dando banho no bebê, percebi que estava tímida e embaraçada por eu tê-la encontrado realizando um trabalho doméstico. Mas, minha querida, se você soubesse o que aquela cena significou para mim e me fez saber que toda a minha fortuna não poderia comprar o que você representava naquele instante.

— Pensei várias vezes — Alana disse em voz baixa — que, apesar de todas as suas casas refinadas, uma vez que você morava sozinho e não tinha filhos, nenhuma delas era um verdadeiro lar.

— Foi o que senti — o príncipe respondeu — quando a vi tão adorável e feminina com aquela pequena criança no colo.

Ele hesitou um momento antes de falar.

— Minha mãe era uma mulher fria, ou pelo menos parecia. Talvez esse seja um tipo de amor do qual fui carente em toda a minha vida. Sei também que senti falta de irmãos e irmãs, que teriam me amado, porque seriam parte de mim...

— Oh, querido, eu o compreendo! — Alana exclamou. — Onde quer que estejamos eu farei um lar para você e lhe darei filhos para compensá-lo da solidão de ter sido filho único... como eu também fui.

— Isso é o que quero, minha preciosa e querida esposa — o príncipe disse. — Nunca permitiremos que nossos filhos sintam falta de carinho e nem que precisem lutar contra os sentimentos como eu tive que fazer.

— Você não está... lutando contra os sentimentos agora, está?

— Não, desde que você me ensinou a agir espontaneamente. Agora, posso amar você sem reservas e usar todos os instintos do meu corpo e da minha alma para dar-lhe toda a felicidade que merece.

— Você é tão... tão... maravilhoso! — Alana falou. — Como poderia imaginar que haveria um homem como você no mundo e que eu teria a sorte de encontrá-lo?

— Foi o que eu pensei, ao encontrá-la.

— Não é verdade! — Alana respondeu. — Você me disse que ficou com medo e tentou fugir de mim.

— Eu deveria ter percebido que seria impossível — o príncipe disse. — Nós temos igualmente um poder tão forte e irresistível, que não pode ser negado.

— Você tem certeza? — Alana perguntou. — Tenho um pouco de... medo de que um dia você se transforme completamente em um... inglês, e então não me queira mais.

O príncipe sorriu.

— Acha isso realmente possível? Não sente que estamos tão próximos que se eu perdê-la, estarei perdendo parte de mim mesmo?

O príncipe fez uma pequena pausa para olhar e sorrir para ela. Então prosseguiu:

— Acho que você diria o mesmo. Nós somos um só, Alana, unidos pela força emanada dos ícones, um poder que, de alguma forma estranha e misteriosa, nos aproximou nesta vida, como se tivéssemos estado juntos em outras.

— É nisso que quero acreditar. Oh, Ivan, eu o amo! É difícil encontrar palavras para mostrar-lhe quanto... então eu só posso dizer: eu o amo! E

entrego a você a minha alma, todo o lado russo de minha personalidade.

— Eu adoro você, eu venero você — o príncipe murmurou. — Queria ajoelhar-me a seus pés e agradecer a Deus a sorte de tê-la encontrado.

— Ivan, Ivan! Tenho medo de... decepcioná-lo!

— Como poderia? Você é a pureza personificada, o ícone que minha alma tem buscado desde o princípio dos tempos!

— Eu amo você!

Ele a beijava, acariciava os seus ombros, seu rosto e seus cabelos e, quando ela correspondeu à sua excitação, ele disse:

— Gostaria de pegar estrelas e formar com elas uma corrente para prendê-la a mim. Quero prendê-la na lua para que nenhum outro homem veja a sua beleza, que é minha.

— Querido, não há necessidade de correntes ou prisões. Eu sou sua... completa e absolutamente sua.

A voz de Alana estava rouca pela intensidade daquelas palavras, enquanto a boca e as mãos do príncipe a acariciavam num delírio crescente. Estava sendo beijada apaixonadamente. O príncipe exigia que ela se submetesse a ele, sob um domínio imperioso contra o qual ela não tinha defesa.

Alana sentiu o fogo da paixão aumentar mais e mais no seu olhar e no seu coração.

Como nas outras vezes em que fizeram amor, ela ouviu música no ar. Uma sensação luminosa percorria suas almas, tentando fazê-los entrar em contato com o Divino.

Então houve somente amor, o intenso, irresistível e misterioso poder do amor, para o qual não existem palavras.

FIM

QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que, segundo a própria Barbara, a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia.

A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos dessa autora inglesa que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora, teatróloga, conferencista e oradora política. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isso, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidenta da Associação Nacional Britânica para a Saúde.



Edição N° 15

PRISIONEIRA DO AMOR

O castelo estava em silêncio, no meio da noite, quando Sorilda escutou passos no corredor. A porta de seu quarto abriu de repente e um homem se aproximou de Sorilda. Com os olhos arregalados de susto ela reconheceu nele o jovem conde Silas Winsford, amante de sua tia. A partir desse momento tudo se precipitou: acusações, injúrias, falsidades, forçaram Sorilda a se casar com o conde para reparar seu erro.

Mas, no dia do casamento, na igreja do castelo, Sorilda fez seu noivo estremecer... Caminhando para o altar, pálida e linda, vinha Sorilda, todinha vestida de negro!